

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CAROLINE PESSALÁCIA MARINI

LOUIS WOLFSON: AS PALAVRAS DE ESCRITURA FINA

Uberlândia
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CAROLINE PESSALÁCIA MARINI

LOUIS WOLFSON: AS PALAVRAS DE ESCRITURA FINA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientador (a): Prof. Dra. Eliane Mara Silveira.

.

Uberlândia

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

W861. ym Marini, Caroline Pessalácia, 1986-
Louis Wolfson [manuscrito]: as palavras de escritura fina / Caroline
Pessalácia Marini. - Uberlândia, 2010.
121 f.

Orientadora: Eliane Mara Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos.

1. Psicanálise e linguística - Teses. 2. Esquizofrênicos - Linguagem
- Teses. 3. Wolfson, Louis, 1931- - Crítica e interpretação - Teses. I.
Silveira, Eliane Mara. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos. III. Título.

CDU: 801:159.964.2

CAROLINE PESSALÁCIA MARINI

LOUIS WOLFSON: AS PALAVRAS DE ESCRITURA FINA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientador (a): Prof. Dra. Eliane Mara Silveira.

Banca Examinadora

Prof^a. Dra^a. Eliane Mara Silveira – UFU (Orientadora)

Prof. Dr. Fernanda Mussalim – UFU

Prof. Dr. Sônia Xavier de Almeida Borges - UVA

Assim é a loucura: esse remorso, essa crença, essa alucinação, esses discursos. Em suma, todo o conjunto de convicções e imagens que constituem um delírio. (FOUCAULT, 1972: 235).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho apenas surgiu a partir de uma aposta de que eu conseguiria concretizá-lo.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Eliane Silveira, pela amizade, a atenção, o rigor, a paciência, desde 2005, em ler os meus trabalhos e me ensinar o que é ser um pesquisador.

À Capes, pela concessão da bolsa de pesquisa que possibilitou a execução do trabalho que resultou nesta dissertação.

À Professora Sônia Borges, pelo encaminhamento e pelos apontamentos sobre meu trabalho, os quais me fizeram direcionar melhor minha pesquisa.

Aos professores Ernesto Sérgio Bertoldo e Fernanda Mussalim, pelas pontuações pertinentes realizadas em meu exame de qualificação.

Aos colegas e professores do curso de Especialização em Linguagem e Psicanálise, pelos sábados de estudo e discussões produtivas.

Aos membros do grupo Rasura, pelas discussões proveitosas, as apresentações de nossos trabalhos e as leituras realizadas em grupo.

À minha mãe e aos meus dois pais, por sempre me incentivarem em minha vida acadêmica; à minha tia Vânia, por sempre me mostrar os caminhos, compartilhar as preocupações, as dores de cabeça e os problemas do trabalho.

À minha avó, pelas noites de sono não dormidas solidária a mim, pelos pudins, os cafés fora de hora, as fofocas mais foras de hora ainda.

À minha querida amiga e companheira Bianca Benini, que se manteve firme em todas as disciplinas, sofrendo junto, compartilhando risadas, problemas, dificuldades e babados acadêmicos.

Ao meu amigo Walker D. Pinceratti, por sempre me tirar dúvidas, fazer pontuações e acompanhar meu trabalho, mesmo estando longe.

Ao Dr. João Luiz Paravdini, pela escuta, em todos os momentos em que pensei em recuar e desistir.

Ao Lúcio Flávio, por me dar amor, acreditar em mim sem saber nada sobre minha vida acadêmica e ainda por me tirar do computador sem perceber quando eu já estava à beira de um ataque. Enfim, por me apresentar a vida!

Às minhas amigas por torcerem pela minha vitória. À Aninha e à Lalá, minhas fontes de vida!

RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos a refletir sobre o funcionamento do delírio na linguagem, a partir da produção de Louis Wolfson, considerando dois aspectos principais: sua relação com as várias línguas e sua recusa dos sons da língua ensinada pela mãe. Para realizarmos a nossa reflexão, partiremos da articulação entre linguagem e psicanálise proposta por Jacques Lacan a partir da releitura de Freud e dos conceitos trazidos do âmbito linguístico, propostos por Ferdinand Saussure.

Freud e Lacan preocupam-se em realizar uma distinção entre a neurose e a psicose para definir os mecanismos estruturantes de cada funcionamento. Lacan se apoiará em alguns conceitos propostos por Ferdinand Saussure acerca do funcionamento da língua, principalmente o signo linguístico, para explicar o modo de inscrição do sujeito no campo da linguagem e as especificidades de cada estrutura. Nosso foco será destinado a um aprofundamento no campo de estruturação da psicose, e, sendo assim, serão abordados os conceitos relacionados a tal estrutura, como a forclusão do nome do pai, a organização peculiar dos significantes e a prevalência das operações metonímicas em relação às metafóricas. Tais conceitos se relacionam à constituição do delírio e à sua lógica de funcionamento.

O delírio se apresentará na psicose como uma possibilidade de reconstrução da realidade e uma reorganização da cadeia significante, que é marcada por uma ruptura devido à carência da função paterna. Maleval, no livro *Le logique du délire*, aprofunda-se na conceituação sobre o delírio tanto na psiquiatria como na psicanálise; o autor se apoia na psicanálise para destacar as fases de elaboração do delírio, bem como seu modo de sistematização.

Para compreender os mecanismos que encadeiam o funcionamento de linguagem da psicose, bem como a elaboração e o trabalho do delírio, recorreremos aos relatos produzidos por Louis Wolfson, autor do livro *Le schizo et les langues*. Com essa reflexão a partir da obra de Wolfson, objetivamos destacar seu funcionamento de língua específico e, ainda, sua relação peculiar com os significantes, movidos pela carência da função paterna e uma relação de recusa ao desejo materno e, portanto, à língua ensinada por sua mãe. Além disso, buscamos investigar a sistematização do delírio a partir dos relatos do autor, considerando fundamentalmente aspectos como a recusa dos sons da língua ensinada por sua mãe e a relação estabelecida por Wolfson com as várias outras línguas escolhidas por ele para substituir aquela que poderia ter sido a sua língua materna.

Palavras-chaves: Linguagem – delírio – psicose

ABSTRACT

In this paper, we propose to reflect about the functioning of the delirium in the language, from Wolfson's production, considering two main aspects, his relation with several languages and his refusal of the language taught by his mother. To make our discussion, we will start from the articulation between language and psychoanalysis proposed by Jacques Lacan, beginning with the re-reading of Freud and his concepts brought from linguistic area (based on Ferdinand Saussure).

Freud and Lacan worry about making a distinction between neurosis and psychosis to define the structural mechanisms of each functioning. Lacan bases on some concepts proposed by Ferdinand Saussure about the language functioning, principally the linguistic sign to explain the inscription way of the subject in the language fields and the features of each structure. Our focus will be destinate to a deepening in the area of the psychosis structuration. In this way, it will be considered: the concepts concerning such structure, like *Verwerfung* of the Father's Name, the peculiar organization of the meanings and the predominance of the metonymic operation in the relation to the methaphoric ones. Such concepts are related to the constitution of the delirium and the logics of the functioning. The delirium is presented in the psychoses like a possibility of the reconstruction of the reality and a reorganization of the meaningful chain, wich is marked with a break due to the lack of the father functioning. Maleval, in the book *Le logique du délire*, deepens in his conception about the delirium both in the psychiatry and psychanalysis; the author bases on the psychanalysis to detach the phases of the elaboration of the delirium, as well asw his way of systematization.

To understand the mechanisms that make the chain of the language funcioting of the psychosis, as well as the elaboration and the work of the delirium, we base on the reports by Louis Wolfson (author of the book *Le schizo et les Langues*). With this discussion cocnerning Wolfson's piece, we aim to detach the functioning of specific language and also the peculiar relation with the meanings, caused by the lack of the father's function and ther relation of the refusal of mother's wish and the language taught by her. Further more, we search to investigate the systematization of the delirium from the author's reports, considering mainly the aspects like the refusal of the language taught by his mother, the relation established by Wolfson With his several other languages chosen to substitute the one that could be his mother language.

Keywords: Language – delirium – psychosis.

ÍNDICE

Nota Introdutória.....	17
Capítulo 1 - A Psicose e sua especificidade de funcionamento.....	21
1.1. Introdução.....	21
1.2. Wolfson e Le schizo et les langues.....	22
1.3. Freud e o início das reflexões psicanalíticas	26
1.3.1. A relação com a realidade: principal ponto de disparidade entre neurose e psicose.....	27
1.4. As várias elaborações sobre o delírio.....	30
1.4.1. Freud e o delírio	34
1.4.1.1. Os estudos sobre Psicose no início do século XX: Schreber, a mulher de Deus	36
1.5. A esquizofrenia: uma peculiaridade de linguagem	38
1.6. Jacques Lacan e a relação linguagem/ psicanálise	42
Capítulo 2 – O conceito de língua na teoria saussureana.....	45
2.1 Introdução	45
2.2. Objeto da linguística	47
2.3. A dicotomia língua x fala	48
2.4. O signo linguístico	50
2.4.1. O som e a imagem acústica	51
2.4.2. Os princípios do signo: arbitrariedade e linearidade	52
2.5. O valor linguístico	54
2.5.1. Valor e significado	55
2.6. Relações sintagmáticas e associativas	56
2.7. A ordem própria da língua na articulação dos signos	59
Capítulo 3 – Sobre uma relação entre linguagem e psicose.....	63
3.1. Introdução	63
3.2. A relação com o significante para constituir uma estrutura.....	64

3.3 . Metáfora e metonímia: associação e deslocamento num jogo de movimentação interminável.....	66
3.3. Recalque e forclusão: mecanismos de funcionamento do inconsciente na neurose e na psicose.....	69
3.5. Delírio psicótico e delírium neurótico	72
3.6. O delírio e a teorização Lacaniana na relação com o significante..	75
3.7. As fases de elaboração do delírio	78
3.8. A sistematização do delírio	80
3.9. A escrita como uma construção delirante	84
 Capítulo 4 – <i>Le Schizo et les langues</i> : uma construção delirante apoiada na relação entre as línguas.....	 89
4.1. Introdução	89
4.2. A criação de um personagem	91
4.3. A articulação da linguagem na psicose	92
4.3.1. Entre sons e significantes	96
4.3.2. As possibilidades de signo para uma mesma posição no sistema	99
4.3.3. Um mecanismo de língua imotivado: relações sintagmáticas e associativas.....	101
4.4. A recusa a uma língua “mãe” de Wolfson.....	103
4.5. Uma carência do significante paterno.....	107
4.6. A sustentação pelo delírio, uma criação de uma nova realidade....	108
 Conclusão.....	 117
 Referências.....	 119

Nota introdutória

Com este trabalho, pretendemos tecer uma reflexão sobre a lógica de funcionamento do delírio e sua relação com a linguagem a partir da produção de Louis Wolfson, autor do livro *Le schizo et les langues*. Em nossa reflexão, destacaremos dois aspectos principais: a recusa de Wolfson em falar e escutar a língua ensinada pela mãe e sua relação com as várias línguas eleitas por ele para substituir a língua recusada.

Para realizarmos essa abordagem, partiremos de contribuições trazidas do âmbito psicanalítico, formuladas por Freud, e posteriormente por Lacan, bem como da teoria linguística, proposta por Ferdinand Saussure, sustentando uma articulação entre os dois campos de estudo. Investigaremos a lógica de funcionamento do delírio, bem como sua relação com o significante, pois é a partir de uma relação mantida com o significante que o delírio pode se apresentar.

Iniciaremos nosso percurso a partir da apresentação da produção de Wolfson. Tal apresentação é redigida por Gilles Deleuze e encontrada no prefácio do livro de Wolfson, *Le schizo et les langues*. Destina-se a apresentar a relevância dos relatos produzidos por Wolfson justamente por se tratar de um caso de psicose no qual o sujeito escreve sobre si mesmo. Para a análise de alguns fragmentos desse livro, investigaremos aspectos teóricos que possam favorecer a compreensão do que é a psicose e sua relação com a linguagem. Deste modo, partiremos, inicialmente, da psicanálise, com as reflexões propostas por Freud relacionadas ao funcionamento do psiquismo, bem como as disparidades entre a neurose e a psicose. Um ponto principal será considerado para a distinção entre as duas estruturas psíquicas: a relação com a realidade.

A partir da relação com a realidade para cada estrutura, apresentaremos, a partir de Maleval, os estudos sobre o delírio, considerando as várias concepções existentes acerca de tal conceito destacadas por psiquiatras e psicanalistas com o passar do tempo, abordando também as distinções na conceituação do delírio no campo psiquiátrico e no campo psicanalítico. Além disso, focar-nos-emos nas várias elaborações de Freud, em diversos momentos, sobre o delírio e seu processo de construção.

Passaremos, então, a um aprofundamento sobre a psicose, tal como foi proposto por Freud, a partir do caso Schreber, um caso de paranoia estudado pelo autor para destacar as

especificidades do funcionamento psíquico da psicose. Schreber escreve sobre sua loucura em um relato autobiográfico e Freud se apropria de tais relatos para aprofundar-se em seus estudos. Wolfson será um caso semelhante à Schreber, contudo, tratar-se-á de um caso de esquizofrenia, outra forma de caracterização da psicose, que se distingue, minimamente, da paranoia. Sendo assim, investigaremos as reflexões sobre a esquizofrenia propostas a princípio por Freud e depois por Jacques Lacan.

O trabalho de Jacques Lacan se faz importante pelo fato de o autor estabelecer uma relação direta entre linguagem e psicanálise, aprofundando-se no estudo da psicose. Para fundamentar seu campo de trabalho, o autor recorre a algumas teorizações linguísticas propostas por Ferdinand Saussure, principalmente ao conceito de significante.

Em seguida, no segundo capítulo, analisaremos a elaboração de Ferdinand Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1916/1973), com o objetivo de destacar o objeto da linguística e os pontos da teoria que permitem uma articulação com o campo psicanalítico, como os elementos internos do sistema, signo, significante, significado; mecanismos de movimentação dos elementos da língua, como as relações sintagmáticas e associativas, teoria do valor e a ordem própria da língua. É a partir do caráter autônomo da língua que se pode, pois, destacar uma possibilidade de articulação com o campo psicanalítico e, a partir da análise do funcionamento languageiro, investigar a especificidade de tais mecanismos na psicose.

Posteriormente, no terceiro capítulo, investigaremos a conceituação lacaniana de significante, partindo da teorização linguística. Para Lacan, o significante será importante para constituir uma estrutura e, a partir do significante, outras operações serão encadeadas para o funcionamento do inconsciente, como as operações metafóricas e metonímicas e os mecanismos de recalque e forclusão. Cada mecanismo encadeador do funcionamento inconsciente estará indiretamente relacionado ao conceito de delírio, pois o delírio se apresentará como uma reconstrução da realidade deflagrada pela ruptura dos significantes. Desse modo, destacaremos a distinção entre o delírio na neurose e o delírio na psicose, este último será o foco de nossa pesquisa.

Traremos para a discussão os conceitos de Nome-do-Pai, propostos na teoria lacaniana, e forclusão, do Nome-do-Pai. A partir da exposição de tais conceitos, buscaremos tecer uma relação entre estes e o delírio, considerando a hipótese lacaniana de que o delírio seja proveniente da carência do significante paterno e um efeito da forclusão. Sendo assim, partiremos das fases de elaboração do delírio e passaremos à análise de alguns relatos de

Louis Wolfson sobre um caso de psicose, no qual o autor escreve sobre suas dificuldades no trato com a língua inglesa ensinada por sua mãe. Nossa hipótese é a de que a recusa dos sons da língua inglesa por Wolfson e os processos encadeados pelo autor para exercer tal recusa sejam a mobilização necessária para uma construção delirante.

No quarto capítulo, investigaremos vários fragmentos dos relatos do autor, objetivando reconhecer um funcionamento de língua específico. Wolfson parece apresentar uma relação com os significantes que é própria de sua estrutura e que favorece a criação dos delírios. Para tanto, destacaremos a tentativa de Wolfson de destruir os sons da língua inglesa, considerando a diferenciação entre som e significante, bem como trataremos do funcionamento dos signos no interior do sistema e da tentativa de Wolfson de modificar os signos que integram o funcionamento da língua inglesa, recorrendo a línguas díspares e dando prevalência às relações associativas em relação às sintagmáticas. Além disso, abordaremos a recusa de Wolfson à língua da mãe, associada à carência de um significante paterno.

Todos os elementos parecem ser constituintes de uma construção delirante, no entanto, apenas a partir da análise de cada fase de elaboração do delírio, poderemos afirmar efetivamente se haverá delírio na produção do autor. Tal análise nos permitirá compreender como se organiza e se apresenta um delírio em um funcionamento de linguagem com as especificidades da psicose.

Capítulo 1

A psicose e sua especificidade de funcionamento

O delírio deles, os psicóticos o amam como amam a si mesmos. (LACAN, 1954: 1814).

1.1. Introdução

Neste capítulo, inicialmente, apresentaremos algumas pontuações sobre o livro *Le schizo et les langues*. O livro é redigido na década de 1970 por Louis Wolfson, que designa a si mesmo como o “moço esquizofrênico” e relata alguns acontecimentos de sua vida em terceira pessoa, como sua recusa ao som da língua ensinada pela mãe, a pretensão de destruir os sons da língua inglesa, a preferência por outras línguas, como a francesa, e os meios utilizados para se defender da voz da mãe.

Para tanto, apresentaremos o prefácio, redigido por Gilles Deleuze, que retoma inúmeros aspectos importantes do livro para comentá-los, como os processos de conversão (termo criado por Wolfson) e algumas alternativas de recusa à língua “materna”.

Investigaremos, ainda, alguns conceitos oferecidos pela teoria psicanalítica para compreender o que é a psicose. Iniciaremos nossa pesquisa a partir da teorização freudiana que permite uma distinção entre a neurose e a psicose a partir de um ponto específico, que é um dos que mais nos interessa neste trabalho: a relação do sujeito com a realidade.

Desse modo, de acordo com Freud, apresentaremos a relação com a realidade encadeada na neurose e na psicose. Além disso, explicaremos, baseando-nos na exposição de Maleval, qual realidade está em jogo quando Freud realiza tal distinção.

A partir da exposição sobre a relação do sujeito com a realidade, investigaremos o conceito de delírio, que se baseia na reconstrução da realidade para o sujeito na psicose. Assim, apoiando-nos nas formulações de Maleval, no livro *Logique du délire*,

apresentaremos a evolução do conceito de delírio, com a exposição de alguns conceitos de delírio, desde a psiquiatria clássica, às teorias freudiana e lacaniana.

Com base nas teorizações de Maleval, investigaremos as reflexões iniciais sobre o delírio, até que este pudesse ser concebido como um modo de defesa ou tentativa de cura. Passaremos, então, à exposição de Freud sobre o caso Schreber, no texto “Notas autobiográficas de um caso de paranoia”, no qual o autor busca explicar como se articula o delírio na escrita de Schreber e quais os traços do sujeito presentes nesse delírio.

Wolfson, assim como Schreber, relata os acontecimentos e as situações vividas em seu livro, no entanto a diferença entre eles se situa no diagnóstico atribuído a cada um deles. Schreber se trata de um caso de paranoia, ao passo que Wolfson se apresenta como um caso de esquizofrenia. Desse modo, abordaremos algumas características da estrutura esquizofrênica, bem como a articulação da linguagem neste caso.

Posteriormente, apresentaremos de forma resumida a teoria lacaniana da década de 1950, na qual Lacan propõe o inconsciente estruturado como linguagem, em uma articulação entre linguagem e psicanálise, partindo das reflexões freudianas no âmbito psicanalítico e saussureanas no âmbito linguístico. Desse modo, pretendemos conseguir explorar a relação entre linguagem e psicose e possibilitar uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem e sua especificidade na psicose.

1.2. Wolfson e *Le schizo et les langues*

Louis Wolfson, autor de *Le schizo et les langues*, publicado na década de 1970, redige sua obra em língua francesa, estrangeira a ele, num movimento de recusa da língua inglesa, a língua ensinada por sua mãe. No livro, Wolfson realizará um histórico de suas passagens pelas diversas internações em hospitais psiquiátricos, a relação mantida com a mãe e o pai e as alternativas criadas por ele para tentar escapar da língua inglesa. O objetivo do autor é relatar os procedimentos realizados para a recusa dos sons de uma língua considerada

“materna”. O caso de Wolfson é estudado por vários autores do campo psicanalítico como um caso de psicose, especificamente qualificado como esquizofrenia.¹

De acordo com Generoso, no artigo “O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano”, Wolfson inventa recursos que o permitem escapar da língua materna: “Podemos dizer que Wolfson é um caso exemplar do modo de funcionamento da linguagem na esquizofrenia” (GENEROSO, 2008: 278).

O prefácio do livro de Wolfson é escrito por Gilles Deleuze, filósofo francês, cujos estudos focam principalmente as reflexões filosóficas e psicanalíticas. Assim, no prefácio, Deleuze expõe informações, a respeito do autor, consideravelmente pertinentes, tal como a relação de Wolfson com a língua, a recusa dos sons da língua ensinada pela mãe, os processos encadeados por ele, entre outros. Deleuze explica que o autor é americano, mas o livro é escrito em francês por razões que parecerão evidentes ao longo da obra, mas não as evidencia imediatamente.

Segundo Deleuze, Wolfson utiliza-se, principalmente, da língua francesa e de algumas outras línguas para tentar destruir os sons da língua inglesa, com o objetivo de se defender da voz da mãe: “Les moyens de défense sont complexes, puisqu’il doit se protéger de toutes les façons possibles à la fois contre la voix de la mère” ²(DELEUZE apud WOLFSON, 1970: 11). Sendo assim, o que mais incomoda o autor são os sons da língua inglesa, uma língua *a priori* considerada “materna”.

Deleuze enumerará uma lista de procedimentos executados por Wolfson para se defender da voz materna. Tais procedimentos são descritos por ele como meios mais rápidos de se desviar da língua inglesa e também da voz da mãe:

Dès que sa mère sa approche, il mémorise dans sa tête une phrase d’une langue étrangère; il a sous les yeux un livre étranger; il produit des grognements de gorge et des crissements de dents; il a sa radio portative près de lui; il a deux doigts prêts à boucher ses oreilles; ou bien un seul doigt, l’autre oreille étant remplie par l’écouter de la radio, la main libre pourvant

¹ A designação esquizofrênica é atribuída pelo próprio autor e é reforçada por autores como Maleval, Aulagnier e Novaes. Não entraremos no mérito de tal discussão, uma vez que tal caracterização é facilmente encontrada no prefácio do livro, no qual Deleuze enfatiza o diagnóstico atribuído a Louis Wolfson.

² Os meios de defesa são complexos, posto que ele se protege de todas as realizações possíveis contra a voz da mãe.

alors servir à tenir et feuilleter le livre étranger.³ (DELEUZE, APUD. WOLFSON, 1970: 11).

Os métodos utilizados para não ouvir a língua da mãe são inúmeros, como a memorização de palavras e frases de outras línguas, o rádio e as mãos. Em vários momentos, no texto, Wolfson se refere ao rádio que carrega para não ouvir os rumores da língua, e considera, em alguns momentos, que todos os rádios poderiam ter uma estação de cada língua. Além disso, em outros casos, ele se utiliza das mãos, mais especificamente dos dedos, para obstruir a entrada de som em seus ouvidos, para, desse modo, não conseguir ouvir os ruídos da voz materna.

Deleuze introduz algumas questões apresentadas por Wolfson ao longo do texto, como os adjetivos atribuídos por ele a si mesmo, principalmente no início de cada capítulo, nos quais há sempre uma nova nomeação para atribuir uma caracterização a seu personagem, preservando-se apenas as palavras “esquizofrênico” ou “esquizofrenia”:

Deleuze explica ainda que, no livro, Wolfson não tem o objetivo de expor seus delírios, mas realizar “um protocolo de atividades”. Além disso, ainda de acordo com Deleuze,

Le livre de Wolfson n'est pas davantage une oeuvre scientifique, malgré l'intention réellement scientifique des transformations phonétiques opérées. C'est qu'une méthode scientifique implique la détermination, ou même la formation et la production de totalités formellement légitimes (DELEUZE, apud WOLFSON, 1970: 7).⁴

A ideia de uma construção científica parte de Wolfson, que tenta imputar certa relevância aos processos criados por ele para a destruição das línguas. A atribuição de obra científica parece ser um início de um complexo processo de construção delirante⁵, pois é a partir da ideia de destruição dos sons da língua materna que se possibilita uma ruptura na

³ “Logo que sua mãe se aproxima, ele memoriza em sua cabeça uma frase de uma língua estrangeira; ele tem sob os olhos um livro estrangeiro; produz grunhidos e rangidos de dentes; ele tem seu rádio portátil perto dele; tem dois dedos prontos para tapar as suas orelhas; ou só um dedo, a outra orelha preenchida por ele para ouvir a rádio, a mão livre que poderia então servir para segurar e folhear o livro estrangeiro”. Tradução nossa.

⁴ “O livro de Wolfson não é mais uma obra científica, apesar da intenção realmente científica das transformações fonéticas operadas. É que um método científico implica a determinação, ou mesmo a formação e a produção de totalidades formalmente legítimas”. Tradução nossa.

⁵ Analisaremos alguns fragmentos da obra de Louis Wolfson no capítulo 4, bem como a hipótese de uma construção delirante em suas produções.

articulação de linguagem do autor. Os processos de conversão⁶ realizados por Wolfson de uma língua para outras tentam ser a escapatória de uma invasão que o angustia, segundo ele mesmo relata.

Como a principal questão envolvida no texto de Wolfson é a relação entre línguas e a criação de um processo para recusar os sons da língua ensinada por sua mãe, torna-se evidente a peculiar relação com a linguagem e mais nítidos os deslizamentos produzidos pelo autor. Sendo assim, a articulação da língua produzida por Wolfson apresenta notória importância, e uma importante advertência é apresentada antes do início do texto pelo editor:

La publication de ce texte exigeait, pour des raisons qui apparaîtront vite au lecteur comme évidentes, qu'en soient strictement respectées la composition, la langue, la syntaxe, etc. Aucune 'correction' n'a donc été apportée de notre part au manuscrit original. En revanche y ont été intégrés les nombreux ajouts au text primitif communiqués par l'auteur. (WOLFSON, 1970: 25).⁷

Alguns elementos gramaticais, como sintaxe e ortografia, foram preservados, justamente por se tratar de um texto cuja preocupação maior está em demonstrar os processos encadeados pelo autor no trato à língua e, ainda, seu estilo de escrita. Além disso, como o texto se caracteriza por um funcionamento específico da linguagem, não são as correções gramaticais que poderão manter a organização da cadeia significativa, como pontua o editor desconhecido.

As únicas correções existentes são da parte do autor e não dos editores, ou seja, preserva-se a ausência de interlocução que caracterizaria uma produção científica. Algumas passagens explicitadas pelo autor sobre um determinado ponto que seja incompreensível são posteriormente, no apêndice, discutidas por ele mesmo, apesar de serem poucos pontos.

Portanto, o livro de Wolfson revela um funcionamento de língua marcado por certa especificidade devido à relação mantida com as línguas. Aulagnier, psicanalista francesa, no

⁶ Tais processos são assim nomeados por Wolfson pelo fato de o autor desmembrar todas as consoantes de uma palavra que o incomodava e procurar palavras ou consoantes que pudessem substituí-la. Como ele passava de uma língua para outras, nomeou tal processo de conversão. Posteriormente, no capítulo 4, exemplificaremos os processos de conversão descritos pelo autor.

⁷ “A publicação deste texto exigia, por razões que aparecerão rapidamente ao leitor como evidentes, que sejam respeitadas estritamente a composição, a língua, a sintaxe, etc. Nenhuma ‘correção’ por conseguinte foi feita por nós no manuscrito original. Em contrapartida, foram integradas a ele numerosas adições ao texto primitivo comunicadas pelo autor”. Tradução nossa.

livro *Um intérprete em busca de sentido*, ao fazer um estudo sobre a obra de Wolfson, observa que “Wolfson não pode ouvir falar sua língua ou, para ser mais preciso, sente como um rasgo feito em seu corpo enquanto invólucro de seu espaço corporal, toda possível erupção em sua cabeça de uma palavra dessa língua.” (AULAGNIER, 1990: 63). Os sons da língua inglesa o incomodam de tal forma, que acabam ferindo-lhe o corpo, ocasionando um estado completamente angustiante, como afirma a autora.

Na tentativa de criar recursos para escapar da língua ensinada por sua mãe, Wolfson revela aspectos específicos em seu funcionamento linguageiro, principalmente com relação à articulação da língua e às operações encadeadas para tal. Nossa hipótese é a de que seu funcionamento de língua torna-se peculiar pelo trabalho de elaboração do delírio, uma tentativa de recusa da língua inglesa, ou seja, a relação com as línguas parece ser constituinte de seu delírio. Sendo assim, interessa-nos investigar como o delírio se articula e quais seus efeitos no funcionamento linguageiro de Wolfson.

Para tanto, é importante, primeiramente, investigar a relação entre linguagem e psicose, para que se possa compreender o que é o delírio e qual sua função no funcionamento de língua estruturado na psicose.

1.3. Freud e o início das reflexões psicanalíticas

O estudo sobre a psicose é antigo, inicia-se com a psiquiatria clássica, na qual o psicótico era aquele que deveria ser excluído da sociedade. No âmbito psicanalítico, os estudos sobre a psicose iniciaram-se a partir de Freud, no início do século XX, que definiu a neurose e a psicose como as principais formas de constituição do aparelho psíquico, sendo elas diferenciadas, principalmente, pela relação com a realidade para cada uma delas. Antes da diferenciação entre neurose e psicose, Freud preocupou-se em estudar alguns casos de histeria; um caso, especificamente, recebeu destaque.

No artigo intitulado “Cinco lições de psicanálise”, Freud apresenta alguns aspectos importantes relacionados ao tratamento psicanalítico. Um de seus primeiros casos é o de Anna O, como era chamada pelos médicos. A paciente perdera o pai e desde então havia apresentado vários sintomas que poderiam confirmar sua histeria. Tal paciente, segundo observações de

Freud, passara por momentos nos quais recusava a língua materna, o alemão, e elegia o inglês como sua língua usual⁸.

Anna O. apresentou, inicialmente, estados de *absence*, como pontua Freud: “[...] costumava a doente murmurar algumas palavras que pareciam relacionar-se com aquilo que lhe ocupava o pensamento. O médico, que anotara essas palavras, colocou a moça numa espécie de hipnose e repetiu-as, para iniciá-la a associar ideias.” (FREUD, 1910: 30). Freud buscava um saber sobre os processos que encadeavam e articulavam o funcionamento do inconsciente.

De acordo com o texto “Cinco lições de Psicanálise”, a partir da influência de Charcot, em Paris, Freud continua suas pesquisas juntamente com Breuer, porém, depois de algum tempo, Breuer abandona o caso de sua paciente Anna O. e Freud aprofunda-se sozinho em seus estudos em psicanálise. Freud inicia suas pesquisas a partir dos casos de histeria, contudo, o autor ainda se preocupa em definir outros modos de constituição psíquica, como a psicose. Ao explicar a psicose e a neurose, Freud se detém em um ponto principal de distinção entre elas, a realidade.

1.3.1. A relação com a realidade: principal ponto de disparidade entre neurose e psicose

A realizar uma distinção entre neurose e psicose, no ano de 1923, Freud redige o artigo “A perda da realidade na neurose e na psicose”, no qual o autor estabelece um ponto específico de disparidade, a relação com a realidade. Na neurose, segundo Freud, o indivíduo não se fixa à sua realidade completamente, mas é dela que parte sua tentativa de fuga; Freud explica que “os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável” (FREUD, 1911: 237). O autor completa afirmando que, mesmo que o sujeito tente se afastar da realidade, ela sempre estará presente, seja ela toda ou em partes, devido à incidência do recalque, pois se trata de uma realidade que é própria do sujeito, singular, e, portanto, ela estará presente por ser um fragmento do mesmo.

Já na psicose, como pontua Freud, há um afastamento da realidade, que faz com que o sujeito não consiga retornar a ela, há uma perda da realidade seguida de uma reconstrução: “O tipo mais extremo de afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose

⁸ É importante ressaltar que o caso de Anna O. trata-se de um caso de histeria, diferentemente de Wolfson, que se trata de um caso de psicose.

alucinatória que procuram negar o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade” (FREUD, 1911: 237). Parece-nos que seja por um confronto com a realidade do sujeito, uma impossibilidade de suportá-la, que faz com que haja uma ruptura, a origem do surto.

Segundo Freud, tanto na neurose quanto na psicose existe uma espécie de fuga da realidade, mas é a partir da relação de cada uma delas com a realidade, que as diferenças se apresentam:

[...] a diferença inicial assim se expressa no desfecho final: na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la (FREUD, 1924: 96).

Deste modo, na neurose há uma fuga da realidade que é ignorada, ou reprimida, e posteriormente substituída com o auxílio de recalque ou a fantasia⁹. Já na psicose há uma tentativa de remodelamento desta realidade, uma reconstrução articulada com o auxílio do delírio.

Na elaboração freudiana, o delírio será o principal modo de o sujeito poder reconstruir sua realidade, como se fosse uma tentativa de cura, conforme enuncia o autor:

Com referência à gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo. Se essa precondição de um conflito com o mundo externo não nos é muito mais observável do que atualmente acontece, isso se deve ao fato de que, no quadro clínico da psicose, as manifestações do processo patogênico são amiúde recobertas por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução. (FREUD, 1923: 169).

Segundo Freud, portanto, o delírio será como um remendo para uma realidade que se apresenta com um buraco na psicose, um buraco que deve ser tamponado por uma construção delirante. O delírio é considerado pelo autor como uma nova realidade que esteja relacionada ao sujeito: “O segundo passo na psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade,

⁹ A fantasia é um mecanismo típico do funcionamento neurótico e está ligada à fuga da realidade articulada no inconsciente. Segundo Lacan, no Seminário 4: A relação de objeto, a fantasia existe na neurose no mesmo sentido do delírio na psicose. Não nos deteremos a uma explicação mais aprofundada pelo fato de tal conceito não estar presente no foco de nossa pesquisa.

contudo, não às expensas de uma restrição com a realidade – senão de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada” (FREUD, 1924: 206). Considerando a ruptura na realidade como primeiro passo, o autor pontua como segundo passo a sua reconstrução.

De acordo com Maleval, na definição de delírio, um dos problemas encontrados é o conceito de realidade, ou seja, qual o tipo de realidade está em jogo quando se afirma que o delírio é uma reconstrução da realidade:

on postule volontiers, en accord avec le sens commun, qu’il existe une réalité objective, cernable sans ambiguïté, commune aux non-fous, qui puisse servir de référence certaine. Or la réalité est une construction propre à chacun, variable en raison du système linguistique que contribue à son élaboration, et en fonction des croyances culturelles et familiales qui forment son cadre [...].¹⁰ (MALEVAL, 2000: 51).

Sendo assim, a realidade que está em jogo é aquela que constitui o sistema linguageiro de cada sujeito, ou seja, ela é singular, por existir em cada um, a partir das concepções de cada sujeito, suas crenças, suas ideias. Ela é comum por ser simples e objetiva, mas parece em nada assemelhar-se ao conceito comum de realidade, pois o conceito tratado pela psicanálise é o de uma realidade subjetiva, psíquica.

Freud observa que na neurose há uma adaptação às exigências da realidade, e por isso a repressão e a substituição desta, ou seja, o que há de reprimido retornará de forma que o sujeito não se abale tanto como na primeira vez que aconteceu determinado fato. Na psicose, as relações com a realidade são perdidas para depois serem reconstruídas com o auxílio do delírio. O delírio será criado a partir de traços próprios do sujeito, ou seja: “[...] sobre os traços de memória, as ideias e os julgamentos anteriormente derivados da realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente.” (FREUD, 1924: 207). O delírio, como veremos adiante, será construído a partir de elementos presentes no psiquismo do sujeito.

Na concepção freudiana, ainda no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, há apenas uma restrição acerca das relações empreendidas com a realidade tanto na

10 Nós postulamos voluntariamente, de acordo com o senso comum, que existe uma realidade objetiva, dotada de certa ambigüidade, comum aos não-loucos, que pode servir como referência válida. A realidade é uma construção específica para cada variável em vez do sistema linguístico que contribua para a sua elaboração e função da família e crenças culturais que formam o seu quadro [...]. (Maleval, 2000: 51).

neurose quanto na psicose, tanto o recalque¹¹, que ocasionará um substituto na neurose, quanto a reconstrução da realidade na psicose com o auxílio do delírio não alcançarão resultados satisfatórios, será uma tarefa parcialmente mal-sucedida: “[...] o instinto reprimido é incapaz de conseguir um substituto completo (na neurose) e a representação da realidade não pode ser remodelada em formas satisfatórias. (FREUD, 1924: 208).

Na neurose, portanto, há um fracasso do recalque e, na psicose, um efeito da forclusão¹², o delírio se apresentará como uma medida de reconstituição da realidade do sujeito. Portanto, o modo com o qual o sujeito se relaciona com a realidade é determinado pelo modo de inscrição como sujeito psíquico.

1.4. As várias elaborações sobre o delírio

Os estudos sobre o delírio são antigos, antecedem-se a Freud e à psicanálise. Tais estudos iniciam-se na psiquiatria clássica, com elaborações bem distintas das existentes nas teorizações freudiana e lacaniana. Em seu livro *Le logique du délire*, o psicanalista francês, Jean Claude Maleval recorre a diversos períodos nos quais o delírio fora teorizado de alguma forma. O autor se apoia principalmente nas formulações freudiana e lacaniana para explicar o funcionamento do delírio, bem como suas distinções em relação a outros tipos de manifestações consideradas também como delírios, aparentemente recorrentes em alguns casos de neurose.

Para Maleval há um paradoxo ao explicar a lógica do delírio: “la thèse freudienne selon laquelle il constitue une tentative de guérison n’est pas ignorée. Un paradoxe subsiste pourtant, rarement soulevé, il réside dans la conviction, presque unanime, selon laquelle ce travail autothérapeutique doit être contrecarré, réduit, jugulé.”¹³ (MALEVAL, 2000: 01). No início do século XX, de acordo com Maleval, quando Freud teoriza sobre o delírio, propondo-o como uma tentativa de cura, há uma grande repercussão, principalmente no campo psiquiátrico, pois, durante muito tempo, a psiquiatria moderna considerou o delírio excluindo o sujeito, atribuindo a tal mecanismo uma conotação negativa.

¹¹ Tal conceito será retomado ainda neste capítulo.

¹² Este conceito será aprofundado no capítulo 3.

¹³ “A tese de Freud, de que há uma tentativa de cura, não é ignorada. Um paradoxo existe, no entanto, raramente levantado, ele reside na convicção, quase unânime, de que este trabalho autoterapêutico deve ser combatido, ou freado, reduzido”. Tradução nossa.

O delírio será conceituado de modo distinto nas áreas da psiquiatria e psicanálise, como explica Maleval, sustentando a separação entre os dois campos de estudo. A psiquiatria moderna considerará uma exclusão do sujeito: ‘[...] une exclusion méthodologique du sujet. La conséquence la plus manifeste de cet idéal dominant réside dans le postulat, aujourd’hui toujours plus répandu, selon lequel la connaissance en ce champ ne progressera plus de la rencontre avec le patient.’¹⁴ (MALEVAL, 2000: 01). Em outras palavras, o conhecimento psiquiátrico prevê que a teoria seja construída sem considerar a experiência com o sujeito.

No século XIX, Maleval sustenta que havia ainda um predomínio do pensamento psiquiátrico, o delírio era considerado como algo negativo, sendo o estado delirante concebido como ‘L’état de délire peut être dû, selon lui, aux hallucinations, mais surtout aum manque d’attention permanente, aux excès de l’imagination, qui fournit trop d’idées, aux excès de leurs combinaisons, aux faiblesses de la mémoire et au mauvais contrôle de la volonté.’¹⁵ (MALEVAL, 2000: 07).

Maleval investiga outros autores que se aprofundam no estudo do delírio, como Henry¹⁶, psiquiatra clássico do século XX, que sustenta a ideia de que o delírio pode existir em qualquer estrutura: ‘Toute psychose et toute névrose est delirante’¹⁷ (MALEVAL, 2000: 10). Em cada estrutura, será observado que há diferenças ao se tratar o delírio, contudo, nessa perspectiva, o delírio está presente nas duas estruturas. O autor ainda completa que, para algo ser considerado delírio, não há pré-requisitos necessários: ‘[...] il n’existe pas de critère décisif pour caractériser une idée delirante.’ (MALEVAL, 2000: 10).

Para Riti, psiquiatra moderno do século XIX, ‘Des delires bases sur des faits vrais ou vraisemblables et sur les difficultés résultant de ces caracteres du délire pour le diagnostic de la folie.’ (MALEVAL, 2000: 12). Em outras palavras, todas as definições de delírio que se sustentam partem da ideia de uma relação do sujeito com a realidade, seja na psiquiatria ou na psicanálise, como as formulações psicanalíticas do século XX, que também parte de tal

¹⁴ “[...] uma exclusão metodológica do sujeito. A consequência mais óbvia desse ideal dominante reside no pressuposto, agora cada vez mais comum, segundo o qual o conhecimento nesta área não deve crescer ao longo do encontro com o paciente”. Tradução nossa.

¹⁵ “O estado de delírio pode ser devido, segundo ele, às alucinações, mas sobretudo permanentemente para os excessos da imaginação, que fornece muitas ideias, os excessos da sua combinações, deficiências na memória e mau controle da vontade”. Tradução nossa.

¹⁶ “Henry apresenta a ideia de que o delírio não está presente apenas na psicose, mas se apresenta de outras formas na neurose”. Tradução nossa.

¹⁷ “Toda neurose e toda psicose é delirante”. Tradução nossa.

pressuposto. No caso acima, o delírio se baseia em algo que é próprio do sujeito, ou seja, sua realidade é remontada a partir de elementos que lhe são próprios.

Para compreender a evolução da conceituação e a teorização sobre o delírio, Maleval recorre a diversos autores da psiquiatria, realizando uma breve investigação sobre a compreensão da estrutura do delírio. O autor inicia seu percurso a partir da relação estabelecida entre a loucura e os sonhos. Tal analogia, inicialmente pensada na teoria freudiana, baseia-se na teorização sobre o sonho, no livro *A interpretação dos sonhos*.

Maleval, antes de Freud, explica que na antiguidade já existia uma certa concepção sobre a relação entre a loucura e os sonhos. O autor investiga no pensamento filosófico autores como Aristóteles, Kant e Shopenhauer, este último com a ideia de que “le rêve est une courte folie et la folie um long rêve”¹⁸ (SHOPENHAUER apud MALEVAL, 2000: 16).

Assim como a semelhança entre o sonho e a loucura, outros pesquisadores investigam a estrutura do delírio no decorrer dos tempos, a evolução do conceito de delírio. De acordo com Maleval:

Les aliénistes Du XIX siècle NE disposant d’aucune théorie psychologique propre à les éclairer dans les méandres Du délire, ils n’ont d’autre ressource pour aborder l’étude de celui-ci que s’attarder sur ses formes ET sur son évolution. Or, quant à ses formes, finement décrites par La psychiatrie française dans les dernières décades du XIX siècle, il NE fait guère de doute qu’elles puissent presque toutes se rencontrer à La faveur dde rêves. En revanche le critère de l’évolution fournit d’emblée um trait distinctif entre le rêve e le délire.¹⁹ (MALEVAL, 2000: 19).

Na metade do século XIX, em 1845, Griensinger se dispõe a investigar as doenças mentais e considera uma evolução das formas clínicas, que permite uma caracterização dos delírios como crônicos e uma analogia entre o sonho e as doenças mentais. Mais tarde, Falret considera que o delírio apresenta algumas leis que lhe são próprias, definindo-as em períodos:

¹⁸ “O sonho é uma curta loucura e a loucura é um longo sonho”. Tradução nossa.

¹⁹ “Os alienistas do século XIX não dispoendo de nenhuma teoria psicológica própria para iluminá-los nos meandros do delírio, não têm outros meios para abordar o estudo deste delírio além de se debruçarem sobre suas formas e sua evolução. Agora, quanto às suas formas, finamente descritas pela psiquiatria francesa nas últimas décadas do século XIX, não há dúvida alguma de que eles possam quase todas atender em favor dos sonhos. No entanto, o critério de evolução fornece imediatamente um traço distintivo entre o sonho e delírio”. Tradução nossa.

“Une période d’incubation (...), une période de systématisation (...), une période de chronicisation (...)”.²⁰ (MALEVAL, 2000: 21).

Os três períodos propostos por Falret, como explica Maleval, consistem em momentos pelos quais o sujeito passa no processo de construção do delírio, na incubação de um sentimento de angústia, posteriormente, na sistematização, um afetamento das faculdades intelectuais e afetivas que resultará na encarnação de uma elaboração contínua e perseverante, e, por último, na cronicização, quando já é considerado incurável, o delírio torna-se estereotipado. O delírio é, a princípio, considerado a partir de uma lógica de elaboração e constituído pelas fases descritas pelo autor. Posteriormente, o cerne desta elaboração será retomado por outros autores.

Seguindo os mesmos parâmetros de Falret, Lasègue (apud MALEVAL) também define períodos de construção do delírio, contudo ele se detém nos delírios de perseguições, característicos da estrutura paranoica e, posteriormente, proposições sobre outros tipos de delírios, aqueles produzidos como consequência do efeito do álcool, classificados como *deliriums*.

Maleval indica ainda que outros psiquiatras se sustentaram a partir das ideias destes anteriores, como Magnan, que aproveita as proposições de Falret e Lasègue para sugerir novas fases de desenvolvimento do delírio. Além dos períodos descritos por Falret, Magnan propõe ainda um período de grandeza e de demência.

Krapelin, na concepção de Maleval, realiza uma “grandiose synthèse de La nosologie psychiatrique”²¹ (MALEVAL, 2000: 24), pelo fato de o autor classificar as doenças mentais pelo modo de evolução de cada uma delas. Sérieux e Capgras são apontados por Maleval como fundadores da teorização sobre a paranoia. Tais autores também propõem os chamados delírios de interpretação, os quais são construídos seguindo as três fases já explicitadas pelos outros autores. No entanto, a elaboração dos autores consiste em explicitar apenas dois períodos de construção do delírio: a elaboração e a sistematização.

Clérambault é lembrado por Maleval como um psiquiatra clássico da década de 1920, considerado um mestre na psiquiatria, que propõe a teoria do automatismo mental. Levy-Valence, outro psiquiatra anterior a Lacan no século XX, citado por Maleval, propõe quatro períodos de evolução do delírio: “période d’incubation, d’analyse subjective, de malaise,

²⁰ “Um período de incubação, um período de sistematização e um período de cronicização”. Tradução nossa.

²¹ “Grandiosa síntese da nosologia psiquiátrica”. Tradução nossa.

d'hypocondrie; période d'état, ou hallucinatoire, ou de systématisation; période mégalomaniaque et période de démence”²² (MALEVAL, 2000: 30).

Finalmente, Maleval cita Lacan que, em 1932, recusa as ideias postuladas por Clérambault sobre o automatismo mental e as psicoses passionais, e desenvolve uma tese sobre o funcionamento da paranoia. Para Lacan, ao contrário de outros autores anteriores a ele, “l'évidence de la signification du delire est bien différente de l'obscurité symbolique des rêves: contrairement aux rêves qui doivent être interprétés, le delire est par lui même une activité interprétative de l'inconscient”²³ (MALEVAL, 2000:31). Ainda de acordo com Maleval, a teoria lacaniana se destaca pelo fato de o autor propor o inconsciente estruturado como linguagem. Assim, ele retoma as formulações freudianas sobre o delírio para, posteriormente, chegar à teorização lacaniana.

1.4.1. Freud e o delírio

Seguindo as formulações de Maleval acerca do conceito de delírio, o autor apresenta Freud como um marco de diferenciação de tal concepção. Freud apresenta o delírio em seus compêndios revolucionando o pensamento da época acerca do conceito, pois este é considerado pelo autor como uma tentativa de cura: [...] le delire comme tentative de guérison, l'envahissement des mots par le processus primaire, la déduction grammaticale des différentes formes de delire paranoïaque à partir de l'hypothèse d'une défense contre la pulsion homosexuelle [...]”²⁴ (MALEVAL, 2000: 33).

Maleval explica que Freud introduz uma mudança na concepção de delírio, pois vários outros psiquiatras definiram-no, enumeraram fases de evolução, tentaram apreender sua lógica, mas ninguém conseguiu perceber que no delírio havia uma finalidade, que seria uma reconstrução da realidade. Assim, após a introdução do pensamento freudiano, “Le délire peut

²² “Período de incubação, de análise subjetiva, de mal-estar, de hipocondria, período de estabilização, ou alucinatório, ou de sistematização, período megalomaniaco e período de demência”. Tradução nossa.

²³ “A evidência da significação do delírio é bem diferente da obscuridade simbólica dos sonhos: contrariamente aos sonhos que são necessários de ser interpretados, o delírio é por ele mesmo uma atividade interpretativa do inconsciente”. Tradução nossa.

²⁴ “[...] o delírio como tentativa de cura, a invasão das palavras pelo processo primário, a dedução gramatical das diferentes formas de delírio paranoico a partir da hipótese de uma defesa contra a pulsão homossexual”. Tradução nossa.

être appréhendé comme une défense”²⁵ (MALEVAL, 2000: 34). Por isso, segundo Maleval, o pensamento freudiano recebe reconhecimento.

O delírio se oferece como uma defesa do sujeito, ou seja, tem a finalidade de defendê-lo²⁶ e, para tanto, apresenta, como anuncia Freud, “uma lógica fantasmática em seu desenvolvimento”. Segundo Maleval, tal lógica fantasmática é percebida ao ler o livro do presidente Schreber, seu delírio: “Le travail du delire semble avoir consisté pour l’essentiel à rendre acceptable la transformation em femme”²⁷ (MALEVAL, 2000: 36).

Segundo Maleval, Freud relacionará o sonho ao delírio e definirá o sonho como “une des voies royales de accès à l’inconscient”²⁸ (MALEVAL, 2000: 37) e, sendo assim, o sonho apresentará algumas semelhanças com o delírio. Contudo, Freud rompe com tal ideia ao instituir para o delírio o conceito de “tentativa de cura”, desfazendo a analogia entre os dois mecanismos. Maleval explica que, na obra de Freud, as diferenças são expostas principalmente para a relação entre as palavras e as coisas, pois, segundo ele, tomando principalmente a esquizofrenia como exemplo,

Dans le schizophrénie, affirme Freud, ce sont les mots eux-mêmes, dans lesquels était exprimée la pensée préconsciente, qui deviennent objet de l’elaboration par le processus primaire; dans le rêve ce ne sont pas les mots mais les représentations de chose, auxquelles les mots ont été ramenés.²⁹ (MALEVAL, 2000: 38).

Conforme aponta Maleval, na esquizofrenia há um investimento na palavra³⁰, ou seja, as palavras são objeto da elaboração delirante, enquanto no sonho as palavras parecem não ter o mesmo valor que a imagem das coisas. Na psicose, de maneira geral, pode-se conferir, portanto, um investimento na palavra, por haver uma certa especificidade em seu funcionamento, o que ocasionará o que Maleval nomeia como perturbações verbais:

²⁵ “O delírio pode ser apreendido como uma defesa.” Tradução nossa.

²⁶ Veremos adiante que o delírio serve como uma barra artificial, já que protege o sujeito contra a invasão do gozo.

²⁷ “O trabalho do delírio parece consistir, essencialmente, para tornar aceitável sua transformação em mulher” Tradução nossa.

²⁸ “Uma das vias de acesso ao inconsciente”. Tradução nossa.

²⁹ “Na esquizofrenia, afirma Freud, as palavras são elas mesmas expressas no pensamento pré-consciente, que se tornam objeto de elaboração do processo primário; no sonho não são as palavras, mas a representação das coisas, pois as palavras são reduzidas”. Tradução nossa.

³⁰ Nota-se um considerável investimento da palavra por parte de Wolfson, pois ele busca dissecar cada palavra da língua inglesa, tentando torná-la de outro idioma.

“L’importance majeure des troubles verbaux dans la psychose, cette tendance des mots à copuler entre eux, constitue un trait clinique essentiel”³¹ (MALEVAL, 2000: 38).

Segundo Maleval, apoiando-se na concepção freudiana, “le travail de reconstruction du délire se met en branle à partir d’une faille initiale dans la relation du sujet À son monde.”³² (MALEVAL, 2000: 45). Tal relação nos possibilita acreditar que o delírio se constroi a partir das concepções do próprio sujeito, pois os elementos escolhidos para a elaboração delirante são próprios do sujeito. Desse modo, Freud analisa os casos de psicose buscando investigar o delírio e o que há de traço do sujeito, como no caso de Schreber.

Freud explica a dificuldade da época em tratar dos casos de psicose fora das instituições públicas³³, pois eram inacessíveis às clínicas particulares devido a sua complexidade. Sendo assim, Freud decide se aprofundar na psicose a partir de um caso clínico relatado por um paciente diagnosticado como paranoico. Seu paciente era popularmente conhecido como “Presidente Schreber”. Schreber era um paciente psicótico paranoico que relatava sua loucura, seus delírios, a partir da escrita. Schreber ficou conhecido por um de seus delírios, que consistia em ser a mulher de Deus.

1.4.1.1. Os estudos sobre Psicose no início do século XX: Schreber, a mulher de Deus

Freud, em 1911, estudou o caso Schreber para explicar o fenômeno da psicose no livro *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*; Schreber era um juiz de direito que entrou em surto após os 40 anos e passou por várias internações psiquiátricas. Schreber escreveu sobre seu delírio em seus relatos e Freud os analisou devido à riqueza de dados fornecidos.

Os relatos eram considerados importantes, por representarem detalhadamente um funcionamento psíquico particular, que era a psicose. Segundo Nasio, psicanalista argentino, no relato escrito de Schreber, “a loucura era descrita nele não pela vertente do observador, mas de dentro, pelo lado do delirante” (NASIO, 2001: 45), devido ao fato de Schreber

³¹ “A importância da maioria das perturbações verbais da psicose é essa tendência das palavras de se copular entre elas, é uma característica essencial dessa linha clínica”. Tradução nossa.

³² “O trabalho de reconstrução do delírio se inicia a partir de uma falha inicial na relação do sujeito com seu mundo”. Tradução nossa.

³³ Ver “Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, p. 21.

descrever as situações bem como as sensações experimentadas durante seu processo de surto, reestabilização, criação do delírio etc.

Freud descreve minuciosamente os fatos relatados por Schreber: em sua primeira internação, em 1884, Schreber foi atacado por distúrbios nervosos que os médicos atestaram como hipocondria. A partir de 1893, passados alguns anos, ele começou a ser perturbado por sonhos que mostravam infelicidade e sofrimento por uma doença inexplicável.

Ao fim do mesmo ano, o stress e acúmulo de trabalho fizeram-no voltar a apresentar distúrbios nervosos. No entanto, tais distúrbios apresentavam maior avanço, com ideias de perseguição e alucinações. Assim, como observa Freud, “à medida que o tempo passava, a psicose inicial comparativamente aguda, que havia envolvido diretamente toda a vida mental do paciente e merecia o nome de ‘insanidade alucinatória’, desenvolveu-se mais claramente” (FREUD, 1911: 25).

Segundo Freud, Schreber julgava conseguir distinguir seus delírios e sua vida social, era como um cidadão normal, com comando de sua inteligência, mas com sua personalidade reconstruída aos poucos, a cada momento de delírio incontrollável e ideias sem ligação. Justamente por julgar saber separar seus delírios da realidade, conseguiu sair do asilo por provar que estava em perfeito estado mental.

Freud afirma que a parte principal da missão descrita por Schreber seria a de transformação em mulher “por mais que, pessoalmente, preferisse permanecer em sua própria honorável e masculina posição na vida” (FREUD, 1911: 27). Schreber recebia raios divinos em forma de vozes e estes raios poderiam também provocar uma fecundação para que uma nova raça de homens fosse criada; essa ideia era o “germe primitivo de seu sistema delirante” (FREUD, 1911: 31). Em outras palavras, este era o ponto de partida de sua criação delirante.

Freud observa, sobre Schreber, que “Suas ideias delirantes assumiram gradativamente caráter místico e religioso; achava-se em comunicação direta com Deus, era joguete de demônios, via ‘aparições miraculosas’, ouvia ‘música sagrada’, e, no final, chegou mesmo a acreditar que estava vivendo em outro mundo.” (FREUD, 1911: 8). Schreber tinha certeza de seus delírios, ele acreditava neles e isso o sustentava na relação com a realidade, mesmo que houvesse a criação de um outro mundo.

Por se considerar uma entidade dotada de poderes, diferente de outros seres humanos, Schreber afirmava ter uma língua fundamental, a qual era imprescindível na comunicação direta entre ele e a figura divina. Schreber conceitua a língua fundamental em suas memórias

como “um alemão arcaico, mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos” (apud SILVEIRA, 2002: 41). Silveira afirma, quanto a esta língua fundamental de Schreber, que “essa língua particular faz valer uma relação especial entre significante e significado, o que denota a disfunção da ordem simbólica: o inconsciente está do lado de fora, ele (o inconsciente) é essa língua fundamental” (SILVEIRA, 2002: 93).

É interessante ressaltar que o próprio sujeito percebia que seu discurso havia uma precariedade de sentido, pois como enuncia Silveira: “o próprio Schreber nos diz que os fenômenos em questão acabam por se tornar cada vez mais insensatos, esvaziados de sentido” (SILVEIRA, 2002: 95). O que mais dificulta o laço social na psicose é esse esvaziamento de sentido, em que o sujeito tenta a interação com o outro, mas esta fracassa.

Lacan sobre os escritos de Schreber, explica que: “Esse testemunho atesta transformações estruturais que sem dúvida alguma devem ser consideradas como reais, mas o verbal é aí dominante, pois que é intermédio do testemunho escrito do sujeito que nós temos a prova disso” (LACAN, 1954: 75). A partir do testemunho escrito de Schreber, é possível aprofundar-se na estrutura de linguagem da psicose, por esta transmitir, por meio da escrita, um funcionamento de linguagem próprio de tal estrutura. Além disso, é na linguagem que se pode reconhecer o delírio de Schreber, pois, através de seus relatos, ele busca reconstruir outra realidade, esfacelada com a ruptura da cadeia significante.

Wolfson realiza um percurso semelhante ao de Schreber, ele escreve o livro *Le schizo et les langues* para relatar sua recusa aos sons da língua materna. Nesse livro, Wolfson narra fatos cotidianos, na posição de um narrador onisciente, e descreve os processos de conversão pelos quais ele submetia as línguas. Os relatos de Wolfson interessam aqui para analisar o efeito delirante produzido na linguagem. Para tanto, recorreremos à teoria lacaniana. Como o caso de Wolfson trata-se de uma esquizofrenia, investigaremos as particularidades desta.

1.5. A esquizofrenia: uma peculiaridade de linguagem

Abordaremos com maior pertinência a esquizofrenia, por se tratar do modo de constituição pelo qual Wolfson nos descreve em seu livro, pois ele se considera, assim como outros autores, um caso de esquizofrenia. Contudo, o mais importante a ser considerado é que a esquizofrenia está estruturada na psicose e que, em poucos aspectos, difere-se da paranoia.

O termo esquizofrenia é oriundo do campo psiquiátrico, no qual Kraepelin, ao estudar a psicose, percebe haver mais de uma forma de estruturação.³⁴ No início do século XX, Freud retoma as formulações de Kraepelin, bem como as de Bleuler, sobre a psicose e pontua:

Sou de opinião que Kraepelin estava inteiramente justificado em tomar a medida de separar grande parte do que até então havia sido chamado de paranoia e fundi-la, junto com a catatonia e certas outras formas de doença, numa nova entidade clínica — embora ‘demência precoce’ fosse um nome particularmente infeliz de se escolher para ela. A designação escolhida por Bleuler para o mesmo grupo de formas — ‘esquizofrenia’ — acha-se também exposta à objeção, de que o nome parece apropriado contanto que esqueçamos seu significado literal, pois, de outro modo, ele cria prevenção contra o assunto, visto basear-se numa característica da moléstia postulada teoricamente — característica, além disso, que não pertence exclusivamente a essa doença, e que, à luz de outras considerações, não pode ser encarada como sendo a essencial. (FREUD, 1911: 82).

Kraepelin nomeara a esquizofrenia, inicialmente, como demência precoce, pois observou que a forma de estruturação desse tipo de psicose não era a mesma da paranoia. Já Bleuler atribuiu o nome “esquizofrenia”. A princípio, tanto a paranoia quanto a esquizofrenia eram consideradas como doenças, por diferenciar-se do funcionamento comum.

Dentre outras características que a diferem da paranoia, a esquizofrenia é marcada sobretudo pela nítida relação peculiar com a linguagem. Freud indica que, nesse tipo de psicose, “Os discursos mais loucos e as mais estranhas posturas e atitudes adotadas por esses pacientes tornam-se inteligíveis e podem ser encaixadas na cadeia de seus processos mentais, se forem abordados com base em hipóteses psicanalíticas.” (FREUD, 1913: 176). Freud percebe que a relação com a linguagem é peculiar, ao explicar que os discursos mais loucos podem ser observados na esquizofrenia. Ele realiza poucas pontuações sobre tal estrutura, detendo-se principalmente nos mecanismos psíquicos, como a relação com a libido. Contudo, o autor não deixa de explicitar a relação com a linguagem estabelecida nessa estrutura:

Nos esquizofrênicos observamos — especialmente nas etapas iniciais, tão instrutivas — grande número de modificações na *fala*, algumas das quais merecem ser consideradas de um ponto de vista particular. Frequentemente, o paciente devota especial cuidado a sua maneira de se expressar, que se torna ‘afetada’ e ‘preciosa’. A construção de suas frases passa por uma

³⁴ Tais observações foram retiradas da obra freudiana, em que Freud realiza uma breve introdução da distinção entre paranoia e esquizofrenia na psicose.

desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós, a ponto de suas observações parecerem disparatadas. (FREUD, 1914: 202).

O autor percebe que a relação com o encadeamento das palavras é distinta, principalmente por haver uma desorganização nesse encadeamento, que se produz desarticuladamente, como se as palavras proferidas pelo sujeito não tivessem relação alguma entre si. Além disso, o autor compara o funcionamento de linguagem da esquizofrenia ao funcionamento dos pensamentos latentes oníricos presentes no sonho, explicando que parece haver uma passagem pela condensação e uma permanência nos deslocamentos³⁵. Contudo, o autor especifica a diferença entre os dois:

É nesse sentido que a diferença essencial entre a elaboração de sonhos e a esquizofrenia se torna clara. Na última, o que se torna objeto de modificação pelo processo primário são as próprias palavras nas quais o pensamento pré-consciente foi expresso; nos sonhos, o que está sujeito a essa modificação não são as palavras, mas a apresentação da coisa à qual as palavras foram levadas de volta. Nos sonhos há uma regressão topográfica; na esquizofrenia, não. (FREUD, 1914: 235).

Uma única palavra, na esquizofrenia, pode desencadear uma série de processos, pois uma palavra pode evocar uma série interminável de tantas outras e, se não houver uma limitação, ou seja, uma barra de contenção desses deslocamentos, o sujeito permanece nessa relação com o encadeamento das palavras: “O processo pode ir tão longe, que uma única palavra, se for especialmente adequada devido a suas numerosas conexões, assume a representação de todo um encadeamento de pensamento.” (FREUD, 1914: 203).

Freud supõe que tal relação com a linguagem seja impulsionada pelo fato de as palavras serem tratadas como coisas e, quando recorrem a uma tentativa de cura, segundo o autor: “Essas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido, e pode ser que, para alcançar esse propósito, enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com palavras em vez de coisas.” (FREUD, 1914: 208). A tentativa de cura mencionada pelo autor trata-se do delírio, que seria

³⁵ Os processos de condensação e deslocamento são descritos por Freud para explicar o funcionamento dos sonhos, a condensação sendo a substituição de um elemento por outro e o deslocamento, a possibilidade desses elementos se movimentarem. Lacan retoma tais processos com os mecanismos de metáfora e metonímia para a descrição do funcionamento psíquico, semelhante às relações sintagmáticas e associativas propostas por Saussure para o encadeamento da língua. Aboradaremos as relações sintagmáticas e associativas no segundo capítulo e as relações metafóricas e metonímicas no terceiro capítulo.

considerado como um ponto-de-basta para o deslizamento, conforme indica Lacan posteriormente.

Lacan, no Seminário 3, retoma as pontuações de Freud sobre a esquizofrenia e ressalta que o mais importante foi a divisão imputada pelo autor, pois, segundo Lacan, tudo que fosse considerado psicose estaria dentro da paranoia e, partir da divisão feita por Freud, baseando-se em Kraepelin e Bleuler, a concepção se modificou. Lacan articula tal estrutura à questão da articulação dos significantes numa cadeia de linguagem. Contudo, não se detém a diferenciar, nesse ponto de sua teorização, a paranoia e a esquizofrenia. Lacan explica os deslizamentos de significantes, a ruptura da cadeia de linguagem, o delírio como ponto-de-basta, como caracterizações gerais da psicose, não propriamente da esquizofrenia.

A esquizofrenia, segundo Novaes, é considerada muitas vezes como um déficit de linguagem, pois nota-se uma relação peculiar em seu encadeamento. Algumas teorias consideram que seja uma dificuldade no processamento de informações, deficiência ou até mesmo apresentam a noção de erro:

Admitir que esquizofrênicos apresentam “problemas de processamento de informação” é admitir que são sujeitos daquilo que é enunciado – que são sujeitos do erro. É admitir, por consequência, que o que dizem significa, mesmo que seja algo não compreendido. Admitir isso exige um movimento contrário no sentido de restauração da homogeneidade de um sujeito, centrada no indivíduo-padrão, como o diagnóstico de esquizofrênicos pressupõe (NOVAES, 1996: 58).

Picardi, ao realizar um trabalho apoiado em um caso de esquizofrenia, considera que, para a psiquiatria, a esquizofrenia não se enquadra na designação padrão de um sujeito, aquele considerado “normal”, por isso a linguagem esquizofrênica é considerada um erro, ela está fora dos padrões, como explica Picardi: Ao contrário da linguagem “normal, a linguagem esquizofrênica é ‘incoerente’, ‘incompreensível’, ‘ilógica’, ‘indireta’, ‘não convencional’” (PICARDI, 1997: 18).

Conforme Picardi, não é por falta de coerência ou de elos coesivos que a linguagem é esquizofrênica. Não se trata de um problema de fala, mas de um estrutura de linguagem marcada por certas especificidades no funcionamento que se diferenciam daquela linguagem dita “padrão”. Não é a ausência de sentido que está em jogo na esquizofrenia, mas uma condensação de sentido, por isso a fala do esquizofrênico é considerada estranha a quem ouve.

Essa condensação de sentidos faz com que as significações apontem para vários lados sem um ponto de ancoragem; não se busca um saber central, tal como aponta Picardi: “A ausência de ponto central que decida a significação dos outros na estrutura psicótica faz com que não sejamos capazes de recuperar a caminho das associações percorrido na linguagem na esquizofrenia” (PICARDI, 1997: 58).

Segundo a autora, parece haver um processo contínuo de deslocamento de significantes, em que um significante concentra diversas possibilidades de significação e utiliza-se de todas elas. Lacan preocupa-se em teorizar sobre o funcionamento de linguagem não só na psicose como também na neurose, a partir do algoritmo saussuriano, proposto na linguística moderna. Para melhor compreender suas teorizações, passaremos a uma breve explicação sobre a relação entre linguagem e psicanálise estabelecida pelo autor.

1.6. Jacques Lacan e a relação linguagem/ psicanálise

Para investigar melhor a estruturação psíquica do sujeito, bem como seu modo de inscrição na linguagem, Jacques Lacan recorre à linguística moderna, e também à psicanálise freudiana, da qual o autor realiza uma releitura e, a partir de conceitos freudianos, aprofunda-se no campo psicanalítico. Desse modo, Lacan retoma alguns pontos importantes das reflexões freudianas que justificam a entrada da psicanálise no campo da linguagem, mesmo que Freud recorra à linguagem implicitamente.

Em seu texto destinado à apresentação da relação entre linguagem e psicanálise apoiando-se na linguística “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, ele explica que “(...) a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1957: 498); ou seja, a linguagem é anterior à constituição do sujeito e, sendo assim, ela é necessária à formação do inconsciente.

Quando se propunha a explicar o inconsciente, Lacan recorria, principalmente, à linguagem; segundo o autor, “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem.” (LACAN, 1954: 139). Em outras palavras, “[...] o inconsciente é uma linguagem.” (LACAN, 1954: 20), sendo assim, para que o inconsciente seja estruturado, é necessária a entrada do sujeito na linguagem; eis a importância do estudo da relação linguagem/inconsciente.

Para Lacan, a relação do sujeito com a linguagem se estende à relação com o significante, por ele representar um papel fundamental na estruturação do inconsciente: “[...]ele desempenha um papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal.” (LACAN, 1954: 139).

Nessa fase de suas elaborações, na década de 1950, Lacan investia na relação linguagem/psicanálise, recorrendo, em grande parte, à teoria linguística, na qual Saussure propunha a língua articulada em uma estrutura, um sistema de signos. Em alguns de seus compêndios, como o texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan refere-se à linguística como um campo que se ocupa do estudo da linguagem por um viés científico: “[...] vamos fiar-nos apenas nas premissas que viram seu valor confirmado pelo fato da linguagem ter efetivamente conquistado, na experiência, seu status de objeto científico.” (LACAN, 1957: 499). Por isso Lacan, durante determinado tempo, interessa-se nas reflexões sobre o funcionamento da linguagem propostas por Saussure.

No mesmo texto, Lacan busca explicar o papel da linguística e em que ela se diferencia de outros campos de estudo. Sendo assim, o autor apresenta as especificidades de tal campo: “Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda” (LACAN, 1957: 500).

Além de mencionar um algoritmo como principal ponto de discussão da teoria linguística, Lacan explica que ele é formado por significante e significado e receberá o nome de signo. Tal explicação suscita uma conclusão para o autor, que observa: “A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação”. (LACAN, 1957: 500).

Significado e significante na teoria saussureana são separados por uma barra que organiza a significação. Desse modo, Lacan se apropria de tais conceitos e se detém em um estudo mais aprofundado do significante³⁶: “Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado” (LACAN, 1957, 500). Assim, o campo linguístico se configura com certa relevância na teoria lacaniana, uma vez que o autor se aproveita das formulações saussureanas para trazer alguns conceitos ao campo psicanalítico, principalmente os relacionados ao funcionamento da

³⁶ No capítulo 3, abordaremos de modo mais aprofundado o significante na teoria lacaniana.

linguagem. Para explicar sobre tais conceitos, é necessário, primeiramente, apresentarmos o conceito de língua e as operações encadeadas para seu funcionamento na perspectiva saussureana.

Capítulo 2

O conceito de língua na teoria saussureana

2.1. Introdução

Este capítulo se propõe a apresentar o conceito de língua para Ferdinand Saussure com o objetivo de compreender o seu funcionamento e sua lógica de articulação, para que se possa realizar um estudo mais aprofundado sobre a articulação da linguagem na psicose, bem como compreender sua relação com o delírio. A partir daí, buscaremos investigar como o delírio dispõe desses elementos para ser elaborado, principalmente em sua relação com os significantes.

Para examinar o conceito de língua para Saussure, apoiar-nos-emos, principalmente, no *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma editada por seus alunos, Charles Bally e Albert Seeshay, resultante das reflexões saussureanas em aulas ministradas entre 1907 e 1910³⁷.

A língua, objeto de estudos da linguística, será apresentada, a partir da teoria saussureana, como um sistema de signos, e este será importante para encadear todas as operações efetuadas pela língua. A conceituação de língua proposta por Saussure, como apontaremos adiante, propõe o estudo da língua em funcionamento, rompendo com a ideia de representação do pensamento. Investigaremos, então, os processos que encadeiam o funcionamento da língua.

Posteriormente, discutiremos a dicotomia entre língua e fala para possibilitar pontos de diferenciação entre os dois conceitos. Apesar de os dois serem conceitos importantes e interdependentes, deve-se estabelecer sua diferença, pois, no estudo da língua, investigaremos aspectos relacionados a seu funcionamento, já na fala haverá uma preocupação com o que é próprio do sujeito.

³⁷ Cf. Prefácio do *Curso de Linguística Geral*.

Aprofundar-nos-emos, ainda, no conceito de signo e nas unidades que o compõem, como o significante e o significado. Realizaremos, ainda, apoiando-nos nas concepções saussureanas, uma diferenciação entre som e imagem acústica³⁸, que é explicitada por Saussure para desfazer a ideia de que a imagem acústica se compõe apenas pelo som. Abordaremos também os princípios de formação e articulação o signo, que regem sua arbitrariedade e atribuem um caráter linear ao significante.

Abordar-se-á, então, segundo o *Curso de Linguística Geral*, a teoria do valor para o encadeamento e a produção de significação dos signos. Além disso, será evidenciada a relação do falante com a língua, o qual não tem controle sobre seu dizer e não tem permissão para realizar as operações de escolha dos signos que formarão o sistema. Tal trabalho será desempenhado pela língua, o que sustentará a ordem própria de sua articulação, alheia ao falante. Uma vez que Saussure propõe uma diferenciação entre a significação e o valor linguístico³⁹, discutiremos a distinção entre tais conceitos para desmontar a ideia de que os dois conceitos se referem a uma mesma coisa.

Outros mecanismos, apresentados por Saussure, que retomaremos nesse trabalho, são as operações realizadas pelo sistema linguístico, as relações sintagmáticas e associativas,⁴⁰ as primeiras funcionando em presença, na relação entre os termos do sistema, e as segundas em ausência, evocando elementos exteriores ao sistema.

A partir da conceituação sobre a língua, apoiada na teoria saussureana, concluiremos, então, que a língua apresenta uma ordem própria de articulação e que todos os mecanismos se encadeiam para a realização de seu funcionamento. A apresentação de tais conceitos possibilitará a compreensão sobre o funcionamento da língua e, além disso, permitirá que se faça uma articulação com a teoria psicanalítica, que pressupõe o inconsciente estruturado como linguagem. Conhecendo a natureza do funcionamento da língua, será coerente adentrar na teoria psicanalítica proposta por Jacques Lacan e suas formulações, baseadas, em

³⁸ É importante diferenciar tais conceitos, pois na análise dos relatos produzidos por Wolfson, ele afirma recusar apenas os sons da língua inglesa. A partir deles pretendemos compreender como pode haver uma recusa do som sem que o significante seja afetado.

³⁹ Os conceitos de significação e valor linguístico serão importantes, no capítulo 4, durante a análise do livro de Louis Wolfson, pois o valor linguístico e a significação adquirem certa especificidade na obra analisada. Algumas palavras de outros idiomas perdem seu valor, e, em alguns momentos, adquirem valores distintos, atingindo significações distintas.

⁴⁰ As relações sintagmáticas e associativas representam um mecanismo semelhante aos mecanismos de funcionamento do inconsciente, que são a metáfora e a metonímia. O que pretendemos demonstrar é que, na psicose, apenas uma dessas relações funciona para a articulação da linguagem.

determinada época, na teorização saussureana, objetivando compreender o funcionamento do inconsciente.

2.2. O objeto da linguística

No início do século XX, Ferdinand Saussure, linguista genebrino, ministra, durante três anos, um curso de Linguística Geral⁴¹ e, a partir de suas anotações, reflexões e aprofundamentos no estudo da língua, Saussure a delimita como objeto de estudos da linguística, sendo reconhecido posteriormente como fundador da linguística moderna pelo fato de ter renovado o pensamento da época sobre a língua.

O estudo da língua pode ser realizado de diversos pontos de vista, como no caso da pesquisa em questão, em que investigaremos um aspecto relacionado ao funcionamento da língua na psicose, que é o delírio. Saussure propõe que a língua seja o ponto de partida para o estudo de todas as manifestações de linguagem: “[...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, 1973: 17). Assim, no terreno da língua, interessa-nos o seu funcionamento e os mecanismos que o operam, regendo as manifestações da linguagem.

Saussure preocupava-se não apenas em definir a língua como objeto da linguística, pois seu principal era aprofundar-se no estudo da língua e todos os mecanismos relacionados a ela, bem como seu funcionamento, como observa Normand: “Com o conceito de língua, Saussure busca pensar não mais uma função (de representação), mas um funcionamento.” (NORMAND, 2009: 56).

Com as proposições saussureanas, a língua passa a ser explicada não por uma função de representação, mas por seu funcionamento, admitindo uma ordem própria para a língua, como aponta Silveira: “Parece-nos que Saussure fez algo mais nesse sentido, não negou a relação entre língua e pensamento, mas propôs uma teoria para a língua que modificava a sua relação com o pensamento, permitindo um outro lugar para essa relação.” (SILVEIRA, 2009: 49).

De acordo com Normand, Saussure destaca o funcionamento da língua e abandona o conceito de língua como termo comum: “[...] explicitado como funcionamento ou mecanismo, ele (o conceito de língua) remete a uma característica julgada fundamental das unidades

⁴¹ Informações retiradas do prefácio do livro do autor.

linguísticas: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico que elas são tomadas, pois é nele que está seu modo de realidade.” (NORMAND, 2009: 50).

O conceito de língua, antes considerado como uma concretização do pensamento, é modificado por Saussure, que propõe a língua como um sistema de signos organizado em uma ordem própria de funcionamento. Saussure afirma que a língua é formada a partir de “[...] um sistema de signos que exprimem ideias.” (SAUSSURE, 1973: 24). A partir do sistema, os signos se articularão e fora do sistema serão apenas massas amorfas, não serão mais unidades linguísticas, como reforça Normand: “Abordadas fora dessas relações, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, elas não são mais linguísticas.” (NORMAND, 2009: 50).

O sistema linguístico será abordado na teoria saussureana como um dos aspectos mais relevantes para o funcionamento da língua, posto que é a partir dele que se organizam todos os mecanismos e relações estabelecidas entre os elementos do sistema. Em outras palavras, seria impossível conceber a língua sem o sistema que encadeia as relações entre os termos.

De acordo com Toutain, linguista francesa, no artigo “Valeur et Fonctionnement: nouveauté, enjeux et fécondité de la définition saussurienne de la langue ou de l’actualité scientifique de Saussure”: “[...] la langue, pour Saussure, est constitutive des unités linguistiques non seulement en tant que celles-ci sont des unités *doubles*, mais également dans leur existence même en tant qu.*unités*, c’est-à-dire en tant qu.elles sont *distinctes*, ou encore *délimitées*.⁴² (TOUTAIN, 2009: 182). As unidades são delimitadas a partir da relação com os outros elementos que constituem o sistema. Assim, é a partir do sistema que a língua se define, pois é no interior do sistema que se organizam os elementos e que os mecanismos articulam seu funcionamento. A partir da articulação da língua no sistema, o sujeito falante poderá articular a fala.

2.3. A dicotomia língua x fala

⁴² la langue, pour Saussure, est constitutive des unités linguistiques non seulement en tant que celles-ci sont des unités *doubles*, mais également dans leur existence même en tant qu.*unités*, c’est-à-dire en tant qu.elles sont *distinctes*, ou encore *délimitées*.⁴² (TOUTAIN, 2009: 182).

Ao propor a dicotomia entre língua e fala, Saussure busca, principalmente, diferenciar tais conceitos e evidenciar a relação de interdependência entre eles. Normand defende a distinção entre língua e fala partindo do seguinte pressuposto: “Língua não é fala, ela é o que permite falar.” (NORMAND, 2009: 54).

Primeiramente, a língua constitui a parte social, por ser exterior ao indivíduo e um produto das convenções; já a fala é individual. De acordo com Saussure “Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça.” (SAUSSURE, 1973: 27). Língua e fala constituirão o sistema linguístico e seu funcionamento será importante ao funcionamento da linguagem, estabelecendo-se, portanto, uma relação de interdependência entre elas.

A relação de interdependência é ainda observada a partir da aprendizagem da língua materna, na qual se tem uma relação importante entre a parte social e individual: “[...] é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna.”(SAUSSURE, 1973: 27). A língua e a fala, aparentemente, se misturam e se confundem, durante a aprendizagem de uma língua, pois dependemos da fala para aprender uma língua, que, posteriormente, integrará o circuito da fala.

Por ser considerada como um fato social, Saussure explica que a língua constitui uma instituição social; a língua é formada no interior da coletividade por ser exterior aos indivíduos. O traço social da língua é considerado fundamental, mas não determina, conforme explica Normand, um ponto de vista e um método próprio:

Saussure não nega que a língua seja social, ele afirma, como todos seus contemporâneos, que se trata de um fato social, mais precisamente, ‘um produto social da faculdade de linguagem’, mas não que considera essa característica a mais esclarecedora para definir sua natureza específica, pois a língua partilha dessa propriedade com todas as outras instituições; o que interessa propriamente ao linguista é que ela seja um sistema de signos, uma instituição que ele chama de semiológica. (NORMAND, 2009: 52).

Para existir, a língua dependerá do falante, contudo ele não poderá interferir nas regras impostas pela língua, devido à sua ordem própria. Sendo assim, se o sujeito não interfere na língua, logo ele não interfere no sistema de signos, pois os signos são determinados pelas operações que existem no interior do sistema: “O signo escapa sempre, em certa medida, à

vontade individual ou social, estando nisso seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista.” (SAUSSURE, 1973: 25).

Um falante não consegue determinar os signos que constituem o sistema, pois tal operação é permitida apenas à língua; por isso, em determinados momentos, o falante se depara com o vazio ao tentar pronunciar ou lembrar certas palavras que poderiam integrar alguma frase: “[...] não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos.” (SAUSSURE, 1973: 63). Assim, nem mesmo a imagem acústica ou o conceito de um signo poderá ser modificado por um falante, pois tais operações são inacessíveis a ele e acessíveis apenas à língua.

2.4. O signo linguístico

Saussure propõe os princípios essenciais à articulação da língua, visando, primeiramente, eliminar a ideia de nomenclatura para a designação do conceito de língua, partindo do seguinte pressuposto: “[...] a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos.” (SAUSSURE, 1973: 79). Em outras palavras, a língua se compõe essencialmente da união de dois termos, os quais resultarão na formação do signo.

A partir da teorização sobre o signo, este formado a partir da união entre significante e significado, a língua passa de função de representação para funcionamento, ou seja, passa a ser estudada em si mesma, adquire-se uma preocupação em compreender o seu próprio funcionamento; assim, uma ruptura com as pesquisas da época é inevitável.

O signo será estudado de modo aprofundado por ser um dos elementos principais na articulação da língua, pois sem ele não há funcionamento, e, de acordo com Saussure, “sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir ideias de modo claro e constante.” (SAUSSURE, 1973: 130).

Para Saussure, significante e significado compõem o signo e “[...] no signo linguístico são ambos psíquicos⁴³ e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação.” (SAUSSURE, 1973: 80). Parece haver na língua uma autonomia na qual o indivíduo não pode interferir.

⁴³ A ideia de uma unidade psíquica, nessa concepção, em nada se assemelha à concepção psicanalítica.

Normand defende a posição saussureana para a definição do signo, a qual se distancia das concepções da época que concebiam o signo como representante de uma ideia: “[...] o signo assim apresentado não pode ser concebido pela definição clássica de representante de uma ideia e ainda menos de uma coisa.” (NORMAND, 2009: 63). O signo será formado a partir da associação entre dois termos e, assim, distancia-se da concepção de coisa ou ideia.

O conceito e a imagem acústica são duas entidades linguísticas que estão interligadas, pois não há como se separar uma da outra. Além disso, não há hierarquia entre elas, ou seja, uma não é mais importante que a outra. Sendo assim, Saussure propõe novos nomes para cada uma delas, os quais apresentam certa proximidade: “Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante” (SAUSSURE, 1973: 81).

A designação do nome signo linguístico não é modificada, segundo Saussure, por não haver um substituto que pudesse corresponder ao conceito de signo, devido à complexidade de sua conceituação: “[...] se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo [...]” (SAUSSURE, 1973: 81).

De acordo com Toutain, a mudança na concepção de signo é decorrente da modificação da ideia de nomenclatura para alguns conceitos: “Aux divers avatars du couple *son/sens*, tels *signe/signification*, *signe/objet* ou encore *mot/chose*, se substituent en effet chez Saussure les deux couples *pensée/phonic* et *signifiant/signifié* qui permettent de *theorizer* le rapport *son/sens*⁴⁴.” (TOUTAIN, 2009: 191).

O signo linguístico será, então, um produto da associação entre um conceito e uma imagem acústica, na qual um reclama a presença do outro. A imagem acústica é distinta do som: “[...] o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem.” (SAUSSURE, 1973: 80). O som é físico e a imagem acústica representará a impressão psíquica do som.

2.4.1. O som e a imagem acústica

⁴⁴ Todos os diversos conceitos dos pares som/sentido, como signo/significação, signo/objeto ou ainda palavra/coisa, são substituídos com efeito em Saussure pelos dois pares pensamento/fonia e significante/significado, que permitem teorizar a relação som/sentido.

A reflexão saussureana sobre o signo linguístico esclarece a natureza do som e sua diferença com a imagem acústica. Em outras palavras, o signo se constitui por uma imagem acústica e um conceito; a primeira composta, em parte, pelo som. O som, como observa o autor, “não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo” (SAUSSURE, 1973: 16), isso porque, para que ele exista, além dos órgãos vocais, é necessária a presença de outra face do fenômeno linguístico, um conceito, uma ideia e, além disso, uma imagem psíquica do som, que é o mais importante para se constituir um significante.

O som, para Saussure, não é um molde, mas sim “uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer significantes dos quais o pensamento tem necessidade” (SAUSSURE, 1973: 130). Sendo assim, o som será útil ao pensamento para a concretização da imagem acústica do signo. Contudo, isso não quer dizer que a imagem acústica não exista sem o som. Assim, conclui Saussure: “cada termo linguístico é um pequeno membro, um articulus, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (SAUSSURE, 1973: 131).

Saussure adverte ainda que um signo não se forma apenas pela união entre os sons e os conceitos, pois se desconsideraria a noção de sistema: “Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária” (SAUSSURE, 1973: 132). Se a operação de formação dos signos fosse simples, se se resumisse apenas à união entre o som e o conceito, numa soma, não seria necessária a existência de um sistema, que participa como um organizador dos signos numa totalidade solidária, considerando que os signos adquirem uma identidade apenas no sistema.

Além disso, se fosse possível apenas a realização de uma soma, o falante poderia ter acesso a tais associações, podendo escolher os signos que integrariam o sistema, e, no entanto, como é uma operação movida pela língua, na qual há uma solidariedade entre os signos, eles não estão isolados; é possível supor que a língua determina o valor dos signos no interior do sistema, porém nada é premeditado, pois cada um adquire seu valor em relação aos outros signos.

2.4.2. Os princípios do signo: arbitrariedade e linearidade

O signo é caracterizado por dois princípios importantes à sua formação e articulação, são eles a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. A afirmação “O signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 1973: 81) invoca a condição principal da arbitrariedade, que é caracterizada pela ausência de regras preestabelecidas, uma vez que o signo se compõe a partir da articulação própria da língua.

Saussure observa que o signo é arbitrário porque não depende do indivíduo, é um processo encadeado pela língua: “Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do (indivíduo) que fala; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 1973: 83). O laço de associação entre significante e significado não é estabelecido pelo falante, mas sim pelos encadeamentos que articulam o funcionamento da língua, por isso é imotivado.

Saussure destaca um segundo princípio essencial à formação do signo, a linearidade do significante. O significante será linear por apresentar características que se desenvolvem no tempo: “a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha.” (SAUSSURE, 1973: 84). O significado representa uma extensão, e ao ser constituído um signo, a oposição deste em relação aos demais dependerá da linearidade do significante, por isso Saussure ressalta sua importância para o mecanismo linguístico.

Os dois princípios sugerem a autonomia do signo na língua, que independe da vontade do falante; o falante não interfere na língua, segundo a perspectiva saussureana: “Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro. (...) Um indivíduo seria incapaz, se quisesse de modificar em qualquer ponto a escolha feita” (SAUSSURE, 1973: 85), ou seja, a língua apresenta uma ordem própria de articulação e funcionamento.

Milner, linguista francês, no livro *O amor da língua*, destaca que o dualismo do signo, bem como seu caráter de linearidade, que resulta em sua ordem de articulação, implica uma negatividade: “O signo linguístico é negativo, isto é, seguindo Saussure, opositivo e relativo, o que significa duas coisas: primeiro que os signos são vários e formam uma ordem. (...) Em segundo lugar, a negatividade implica que as unidades linguísticas não são dadas à intuição imediata”. (MILNER, 1995: 38)

Dessa forma, o signo é opositivo por se constituir a partir de unidades opostas, e, ainda, por instituir uma ordem de articulação, ou seja, os signos não estão soltos, mas sim

articulados entre si, o que resulta no segundo ponto de negatividade do signo, a rede de relação formada no interior do sistema é determinada pela ordem própria da língua.

2.5. O valor linguístico

Saussure propõe o conceito de valor linguístico para indicar a possibilidade de movimentação dos signos no sistema, os quais adquirem um valor distinto em cada posição ocupada no sistema, sendo este valor relacional. Segundo Saussure “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 1973: 95). Para a organização do sistema em valores puros, são necessários os dois eixos (sincronia e diacronia), para determinar, primeiramente, a impossibilidade de um signo se sobrepor ao outro e, ainda, a relação de simultaneidade entre eles.

O autor propõe, então, uma comparação entre o sistema linguístico e o jogo de xadrez; este último representaria a movimentação dos elementos do sistema. O jogo é composto por regras que seguem uma arbitrariedade, cada peça apresenta uma função, assim como os signos do sistema, e seu valor é definido no interior do jogo, fora dele são apenas peças soltas.

Contudo, segundo Saussure, a comparação entre o jogo de xadrez e o sistema linguístico não pode ser sustentada em um ponto: “o jogador de xadrez tem a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea fortuitamente que suas peças se deslocam” (SAUSSURE, 1973: 105). Há uma ordem própria na língua que impede que o falante tenha a intenção de modificá-la ou que tente modificá-la.

A língua estabelece uma ordem própria de funcionamento a partir das relações constituídas no interior do sistema, as quais em nada dependem do falante. A articulação entre os termos será movida pelas leis da língua.

A teoria do valor será fundamental no funcionamento do sistema linguístico, e, associada a outros processos, constituirá o mecanismo linguístico, o qual gira em torno das relações mantidas entre os signos no sistema e os processos que encadeiam tais relações. Saussure também observa que o mecanismo da língua se compõe a partir de um outro ponto: “O mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas” (SAUSSURE, 1973: 126), ou seja, o mecanismo da língua é composto por

unidades (estas não podem ser confundidas com identidades), cada uma com sua própria identidade em relação à sua posição ocupada no sistema, o que resulta em diferenças em relação às outras unidades.

A noção de unidade se assemelha à noção de valor linguístico, pois só há unidade se o elemento estiver no sistema, fora dele não há nada. Do mesmo modo, o valor de um signo é relacional, ou seja, só se define a partir da inserção do signo no sistema em relação aos outros. É por existir o valor que o signo adquire uma posição no interior do sistema, ou seja, “O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação” (SAUSSURE, 1973: 133). A significação só é construída a partir do valor atribuído ao signo no interior do sistema, pois fora do sistema linguístico, o signo perde sua significação, torna-se uma massa amorfa e, conseqüentemente, o valor também não é considerado.

2.5.1. Valor e significado

A teoria do valor proposta por Ferdinand Saussure é, muitas vezes, confundida com a ideia de significação; Normand aponta que, apesar de serem completamente distintos, tais conceitos ainda permitem certa confusão: “de uma parte, da relação no interior do signo linguístico; de outra parte, de relações com signos que o rodeiam” (NORMAND: 2009, 159). Assim, a significação se estabelece no interior do signo, já o valor se constitui a partir de uma relação mantida no interior do sistema, por isso o valor, para existir, depende do sistema linguístico.

Toutain reforça a relação entre o valor e o sistema, pois fora do sistema linguístico, assim como o signo torna-se uma massa amorfa, o valor também é inexistente: “la notion de valeur introduit celle de système, c’est-à-dire la dimension de la délimitation réciproque des unités, qui est la seconde dimension constitutive du concept saussurien de valeur”⁴⁵ (TOUTAIN, 2009: 179).

Desse modo, não há valor se não houver sistema, o valor só existe para o signo se este último estiver inserido no sistema. Saussure, então, questiona: “Visto a ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença

⁴⁵ “A noção de valor introduz aquela de sistema, quer dizer, a dimensão da delimitação recíproca das unidades, que é a segunda dimensão constitutiva do conceito saussuriano de valor”. Tradução nossa

simultânea de outros, como acontece que o valor, assim definido, se confunda com a significação, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva?” (SAUSSURE, 1973: 133). Há uma confusão justamente pelo fato de o signo adquirir certa identidade a partir da ação tanto do valor quanto da significação. Tais conceitos parecem ser interdependentes, já que para haver significação no interior do signo é necessário que um signo se posicione em relação aos demais.

Saussure explica que o valor linguístico é composto por uma relação entre coisas semelhantes ou dessemelhantes. Nas primeiras são tomados elementos semelhantes, mas que representam valores distintos; já nas segundas, os elementos podem ser trocados por outros distintos, porém, que podem ocupar aquela posição do outro.

O valor de um signo será constituído, ainda, com base naquilo que os outros não são, pois existem diferenças de um signo para outro. Para Saussure, “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação” (SAUSSURE, 1973: 137). O que faz uma palavra ser distinguida de todas as outras é a capacidade de ser aquilo que as outras não são, sua identidade determinada pelo valor linguístico no interior do sistema.

Para Saussure, é pelo valor do signo em relação aos outros que se estabelece a diferença, e, se o signo adquire valor em relação aos outros, mesmo que ele não se modifique, se o seu vizinho se modificar, ele já não se torna o mesmo, resultando em um outro valor para o sistema linguístico. A partir da mudança de um signo no sistema, o valor de todos os outros irá se alterar: “Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores” (SAUSSURE, 1973: 139).

Para se organizarem as relações entre os termos para a constituição do sistema linguístico, alguns mecanismos estão implicados, como as relações sintagmáticas e associativas, que realizam a manutenção da ordem no sistema, impedindo que sejam pronunciados dois elementos ao mesmo tempo e estabelecendo relações com elementos exteriores ao sistema.

2.6. Relações sintagmáticas e associativas

As relações sintagmáticas e associativas são propostas por Saussure para destacar a lógica de funcionamento da língua, sendo as primeiras responsáveis por uma organização da língua: “relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 1973: 142) e, as segundas, presentes em ausência, são definidas como tal por realizarem associações com elementos exteriores ao sistema: “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 1973: 143).

O funcionamento da língua é movido por mecanismos como as relações sintagmáticas e associativas, os quais são responsáveis pela movimentação e articulação dos signos no interior do sistema. Tais mecanismos se relacionam à teoria do valor por participarem no processo de decomposição e combinação dos elementos do sistema. As relações sintagmáticas e associativas são assim descritas na teoria saussureana:

C'est également à la dimension du fonctionnement que renvoie le jeu des rapports syntagmatiques et associatifs qui constitue le mécanisme de la langue. Le jeu des rapports associatifs et syntagmatiques est en effet le jeu de la perception des différences par la conscience, perception qui est le fonctionnement même de la langue en tant que domaine des divisions combinaisons, dans une dynamique perpétuelle où «a langue ne cesse d'interpréter et de décomposer les unités qui lui sont données»⁴⁶. (SOFIA, 2009: 187)

Para manter a relação entre os elementos do sistema ligados pelas diferenças entre eles, são necessárias as relações sintagmáticas. Além disso, a possibilidade de mudança de um signo, adquirindo um outro valor, convoca as relações associativas.

As relações sintagmáticas funcionarão em presença, pois necessitam de uma série de signos combinados entre si, ou seja, elas estabelecem as relações mantidas entre os termos no interior do sistema; sem elas poderia haver uma sobreposição de um signo em relação ao outro no sistema, pois não haveria a manutenção da ordem e da relação entre os elementos. As relações associativas funcionarão em ausência, pois tal mecanismo permitirá que os elementos

⁴⁶ É igualmente na dimensão do funcionamento que retorna o jogo das relações sintagmáticas e associativas que constitui o mecanismo da língua. O jogo das relações associativas e sintagmáticas é, com efeito, o jogo da percepção das diferenças pela consciência, percepção que é o funcionamento próprio da língua como domínio das divisões e combinações, numa dinâmica perpétua, onde “a língua não cessa de interpretar e de decompor as unidades que lhe são dadas”. Tradução nossa

presentes no sistema evoquem outros elementos exteriores a ele, ou seja, outras combinações possíveis numa série mnemônica.

Saussure propõe uma reflexão sobre a natureza das relações sintagmáticas, já que estas permitem combinações entre signos ou conjuntos de sintagmas, pois, segundo ele, a liberdade de combinação é própria da fala. No entanto, ele percebe que pode ser que seja um fenômeno da fala, mas sua origem está na língua, é na língua que se organizam as várias possibilidades de combinação:

cumprir atribuir à língua e não à fala todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares (...) Cumprir reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. (SAUSSURE, 1973: 145).

Para as relações associativas, baseadas na ausência de termos que representam algo de comum com os termos presentes, Saussure observa que “Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum” (SAUSSURE, 1973: 145). As associações em ausência são selecionadas na fala, mas a língua determina as possibilidades de associação.

Tanto as relações sintagmáticas quanto as associativas são determinadas pela língua, no entanto, estabelece-se uma relação de interdependência entre elas, pois serão imprescindíveis ao funcionamento da língua. Porém, mesmo estabelecendo disparidades entre elas, Saussure nota uma dificuldade em separá-las, como afirma Normand, baseando-se nas anotações dos cadernos do autor: “há por certo algo de delicado na fronteira entre esses dois campos”. (NORMAND, 2009: 164).

Além de representar processos díspares, uma relação existindo em presença e outra em ausência, Saussure sustenta um outro ponto de disparidade entre tais encadeamentos da língua: “Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, 1973: 146).

As relações sintagmáticas encadeiam solidariedades sintagmáticas, que são as possibilidades de associação tanto dos elementos em seu interior quanto da cadeia de significação. Desse modo, formando-se tal solidariedade, todos os elementos, seja em seu interior ou tomados na cadeia, são importantes, não há uma hierarquia entre eles, cada um terá

sua representatividade: “O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis porque a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si” (SAUSSURE, 1973: 149).

Esse pressuposto representa um princípio geral, porém não significa que em todas as unidades constituintes do sistema se verifique uma relação na qual a parte depende do todo e vice-versa, pois existem aquelas unidades independentes, que se valem por si, não necessitando do princípio de solidariedade. Todavia Saussure adverte: “Mas esse fato, de resto excepcional, não basta para comprometer o princípio geral” (SAUSSURE, 1973: 149). Tal fato não compromete o princípio geral, pois é impossível utilizar-se de signos isolados, por isso essas unidades representam a exceção e não a regra.

Entre as unidades que criam vínculos de interdependência há ainda vínculos associativos com unidades exteriores ao sistema. De acordo com Saussure, quando se pensa em uma palavra, já existe uma seleção de tantas outras relacionadas àquela. Um exemplo exposto pelo autor é da palavra ‘vamos’, que, quando pronunciada, pensa inconscientemente em tantas outras que podem ser consideradas. Segundo o autor, “Esse princípio se aplica aos sintagmas e às frases de todos os tipos, mesmo os mais complexos” (SAUSSURE, 1973: 151).

Saussure pontua, então, a operação de eliminação de significantes da língua em detrimento de outros: “nessa operação, que consiste em eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido, os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos estão ambos em jogo” (SAUSSURE, 1973: 151). Na concepção saussureana, a expressão ‘estão em jogo’ quer dizer que os agrupamentos são realizados a partir da eliminação de outros que, posteriormente, podem voltar a compor um outro agrupamento.

Desse modo, o funcionamento da língua se sustenta a partir das operações realizadas para a ordenação e a organização dos signos no sistema. As operações se definem por eliminação ou seleção das unidades constituintes do sistema, as quais adquirem um dado valor em relação às outras. Todas essas operações representam o mecanismo de funcionamento da língua, movido por uma ordem própria que prevalece sobre a vontade do falante.

2.7. A ordem própria da língua na articulação dos signos

A ordem própria da língua é destacada pela autonomia de articulação dos elementos internos ao sistema, e, de acordo com Normand, “A ordem própria, interna da língua, é, com efeito, a ordem formal de um jogo; ela interpõe-se entre o interlocutor e o mundo, impondo suas restrições, estranhas tanto à lógica como à ordem da natureza.” (NORMAND, 2009: 82). A língua segue suas próprias regras de articulação, por isso é caracterizada por uma ordem própria de funcionamento. Além disso, o falante não interfere na articulação da língua, mas ela depende do falante na medida em que não existe sem ele.

Supondo a ordem própria da língua como uma ordem estabelecida pelos princípios internos de encadeamento de uma língua, Saussure reconhece que o falante não apresenta domínio sobre ela, pois a língua escapa: “Vejam como o signo linguístico escapa à nossa vontade, e tiremos em seguida as consequências importantes que decorram desse fenômeno” (SAUSSURE, 1973: 85). Nesse ponto, Saussure destaca a impossibilidade de sustentação de qualquer ideia que se aproxime de uma intencionalidade no funcionamento da língua, visto que esta é autônoma.

Além disso, não se pode modificar as leis que movem o funcionamento da língua, pois os indivíduos “não têm consciência das leis da língua” (SAUSSURE, 1973: 87). Para que o sujeito se constitua como sujeito de linguagem, não é necessário que ele saiba as leis que permeiam seu funcionamento.

As mudanças da língua não podem ser previstas e, sendo assim, mesmo que se crie uma língua artificial, inevitavelmente, se ela entra em funcionamento, ela estará suscetível a todas as mudanças de uma língua: “desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (SAUSSURE, 1973: 91). Ela foge ao controle por tornar-se social e não individual, desse modo, está propensa a qualquer tipo de mudança que não pode ser prevista pelo falante.

Assim, pode-se notar que, na língua, as operações encadeadas para a articulação do sistema são muito mais complexas, por representarem a si mesmas. Esse ponto nos permite uma articulação com a psicanálise, já que nessa teoria pressupõe-se também algo alheio à vontade do sujeito, um funcionamento inconsciente. Buscamos, então, articular linguagem e psicanálise, a partir das teorizações lacanianas que se sustentam na premissa de que o inconsciente se estrutura como linguagem com o objetivo de reconhecer o funcionamento

específico encadeado na psicose, a partir da lógica de funcionamento do delírio. Tal lógica de funcionamento parece estar relacionada ao significante e sua articulação na cadeia.

Capítulo 3

Sobre uma relação entre linguagem e psicose

O ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade.
(LACAN, 1955: 581).

3.1. Introdução

A partir dos conceitos tratados no capítulo anterior para destacar o funcionamento da língua e a função do significante na teorização saussureana, partiremos para as conceituações lacanianas na década de 1950 e a relação estabelecida pelo autor com o campo da lingüística, com o objetivo de apontar uma relação entre linguagem e psicanálise. Inicialmente, enfatizaremos o conceito de significante, trazido por Lacan do âmbito linguístico, mas teorizado pelo autor como um dos principais elementos na constituição do sujeito.

O conceito de significante poderá se relacionar a outros conceitos, visto ser ele um elemento que se associa a outros mecanismos para o funcionamento inconsciente. Sendo assim, analisaremos as relações metafóricas e metonímicas, que contribuirão para a articulação da cadeia psíquica, como também o mecanismo de foraclusão, apoiando-nos nas reflexões de Freud e Lacan, diferenciando a foraclusão do recalque, que ocupa o mesmo lugar no psiquismo na neurose, contudo se distingue por exercer uma função distinta.

Apresentaremos, posteriormente, o conceito de Nome-do-Pai, que fora proposto por Lacan na década de 1950, com o objetivo de elucidar o modo de inscrição do sujeito na linguagem. A carência do significante paterno produzirá uma estrutura inscrita no campo da psicose e, como não haverá um ponto-de-basta para a significação, este estabelecido pelo Nome-do-Pai, a cadeia languageira será caracterizada por um deslizamento de significantes, que poderá ser contido pelo trabalho do delírio.

Para a teorização sobre o delírio, apoiar-nos-emos nos compêndios do psicanalista francês, Jean Claude Maleval, que se dedica a destacar o percurso de teorização sobre o delírio e sua lógica de funcionamento, tomando por base, principalmente, as proposições freudiana e lacaniana.

Para a compreensão da lógica do delírio, primeiramente realizaremos uma distinção entre delírio e *delirium*, o primeiro, presente na psicose e, o segundo, na neurose. Ao enfatizarmos a concepção lacaniana de delírio, deter-nos-emos em um ponto importante da teorização lacaniana, que é a relação do sujeito com o significante. O delírio se apresentará, de acordo com Lacan, como um mecanismo intimamente ligado à organização dos significantes na cadeia; investigaremos o modo como ele se articula para a organização e sistematização da linguagem na psicose.

Investigaremos, ainda, as fases de elaboração do delírio propostas por Lacan, bem como seu funcionamento na linguagem. Assim, passaremos rapidamente à reflexão de Maleval a respeito da escrita de Wolfson, apoiada em um único objetivo, a destruição dos sons da língua materna, para podermos investigar se sua produção trata-se de uma produção delirante.

3.2. A relação com o significante para constituir uma estrutura

Na década de 1950, Lacan se aprofunda em suas pesquisas apoiando-se em algumas reflexões linguísticas apresentadas pelo fundador da linguística moderna, Ferdinand Saussure. Um dos conceitos mais importantes retirados do âmbito linguístico para sustentar a teorização lacaniana é, principalmente, o conceito de significante.

A partir do estudo do significante, Lacan demonstra a pertinência da relação entre linguagem e inconsciente, conforme aponta De Lemos, em seu artigo intitulado *Poética e significante*:

O fato de Lacan ter relido o signo, isto é, o que ele chama de algoritmo saussuriano, fixando o significante sobre o significado e transformando o que era traço de união em barra ou barreira intransponível, corresponde, a meu ver, a uma radicalização disso que no signo saussureano anuncia a ordem própria da língua. A saber, se a língua tem uma ordem própria, o falante encontra-se a ela submetido e nela se inscreve pela via do significante. (DE LEMOS, 2009: 212).

Diferentemente da teoria saussureana, que apresenta o significante como parte integrante do signo, o significante para Lacan terá uma outra função no campo psicanalítico. Lacan não se detém nas formulações saussureanas, pois o autor supõe que eles sejam fundadores da estrutura constituinte do sujeito: “No fim das contas, ao olhá-las de perto, a noção de estrutura e a do significante aparecem inseparáveis. De fato, quando analisamos uma estrutura, é sempre, pelo menos idealmente, do significante que se trata. O que melhor nos satisfaz numa análise estrutural é a extração tão radical quanto possível do significante” (LACAN, 1954: 210).

Para Lacan, depende do significante a criação de uma estrutura de linguagem, e é a partir dessa estrutura que se organizam as significações e, conseqüentemente, o discurso: “Entre a significação e o significante, há realmente uma relação, que é aquela que fornece a estrutura do discurso. O discurso, seja o que vocês ouvem quando me escutam, e que existe, é uma cadeia significante”. (LACAN, 1954: 179). O significante será fundante de uma cadeia de articulação da linguagem. Sendo assim, a estrutura de constituição do sujeito dependerá do modo de inscrição do sujeito no campo da linguagem, ou seja, a relação estabelecida com o significante para a formação da estrutura.

Dessa forma, o significante na teoria lacaniana será responsável pela organização do funcionamento inconsciente, como destaca Lacan: “Esse caráter do significante marca de maneira essencial tudo o que é da ordem do inconsciente”. (LACAN, 1954: 210). A articulação da cadeia linguageira dependerá, portanto, da articulação do significante em relação aos demais elementos: “a estrutura do significante está, como se diz comumente da linguagem, em ele ser articulado” (LACAN, 1957: 504).

Desse modo, a premissa lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem dependerá da relação do significante com os elementos que constituem a cadeia psíquica; o significante encadeará todos os processos permitidos ao inconsciente, como na constituição do sujeito, a qual será permitida a partir do trabalho de um significante primordial. O significante primordial na teoria lacaniana será chamado de Nome-do-Pai⁴⁷, o qual se ocupará em estabelecer uma barra, um limite à significação.

A carência de um significante primordial na estruturação do sujeito produzirá uma estrutura de linguagem com um funcionamento próprio da psicose, marcado principalmente pelo deslizamento de significantes. Sendo assim, o Nome-do-Pai, esse significante primordial,

⁴⁷ Abordaremos tal conceituação ainda neste capítulo.

estabelecerá um ponto-de-basta ou uma barra na cadeia de linguagem. Lacan também se baseia na teoria linguística para propor o ponto-de-basta, pois a relação mantida entre o significante e o significado, segundo o ponto de vista linguístico, será mediada por uma barra, cuja função é estabelecer a significação. Na teoria lacaniana, o ponto-de-basta auxiliará na organização da linguagem. Para tanto, o autor aponta que “Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto” (LACAN, 1957: 507). Assim, o ponto-de-basta torna-se essencial para que haja a ordenação e articulação do sistema.

Na psicose, há uma ausência desse ponto-de-basta, por haver uma carência da função paterna, que introduziria tal barra. Sendo assim, o significante se organiza de modo peculiar nessa estrutura e, portanto, é o arranjo dos significantes em cadeia que permite identificar que se trata de um arranjo delirante, pois há uma articulação própria a impedir que a significação seja mantida, há uma carência dessa significação em vários momentos.

A cadeia significante também se organizará a partir de outros processos encadeados no inconsciente, como as relações de metáfora e metonímia, que apresentam uma organização própria na psicose, devido à ausência da função paterna e, portanto, do Nome-do-Pai.

3.3. Metáfora e metonímia: associação e deslocamento num jogo de movimentação interminável

Ao se apoiar na teoria linguística, Lacan se aprofunda, ainda, além do algoritmo saussuriano, nos mecanismos de metáfora e metonímia, propostos por outro linguista, Roman Jakobson, no século XX. Jakobson se dedicava ao estruturalismo e se apoiava nas teorias saussureanas para desenvolver suas pesquisas em torno das funções da linguagem, do estudo das afasias e da poética.

Jakobson explicita, em seu livro *Linguística e Comunicação*, uma influência das elaborações freudianas sobre o inconsciente, mas seu foco principal é o estudo da linguagem. Desse modo, ele se aprofunda nos casos de afasia, que eram considerados erros ou problemas da linguagem. De acordo com De Lemos, “O percurso de Roman Jakobson como linguista estruturalista inclui tanto sua importante contribuição à fonologia e a outros aspectos da

língua, quanto sua insistência em fazer ver estrutura e estruturação onde a linguística não via senão erro, desvio e violação, isto é, na fala do afásico, na fala da criança, na poesia.” (DE LEMOS, 2009: 214).

Ao realizar um estudo sobre as afasias, Jakobson recorre à teoria linguística proposta por Saussure para retomar o caráter duplo da linguagem e como a linguagem se articula na afasia. Jakobson explica que existem dois modos de arranjos do signo linguístico:

- 1) A combinação. Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa.
- 2) A seleção. Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente no outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação. (JAKOBSON, 1969: 39).

A operação de articulação da linguagem é realizada a partir dos dois processos citados pelo autor, os quais, mais tarde, ao estudar as afasias e as dificuldades dos afásicos, ele nomeia como metáfora e metonímia:

Toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de combinação e contexto. A primeira afecção envolve deterioração das operações metalinguísticas, ao passo que a segunda altera o poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas. (...) O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo. (JAKOBSON, 1969: 55).

Lacan recorre aos conceitos formulados por Jakobson para se aprofundar nos mecanismos de funcionamento da linguagem. Para Lacan, a metáfora é o resultado de uma palavra por outra. Na metáfora, portanto, a palavra perde seu significado por excelência, ou seja, seu significado se tornará distinto daquele primeiro, por isso há um sentido que se produz no não-senso e a palavra recebe uma “espirituosidade”, o que faz da metáfora uma das responsáveis pela mutabilidade do signo.

A metonímia, no sentido corrente, é a parte tomada pelo todo, e, de acordo com Lacan, a relação mantida da parte com o todo está situada no significante e “é no que, de palavra em palavra dessa conexão que se apoia a metonímia” (LACAN, 1957: 509). A metáfora e a

metonímia são processos que serão constituídos e entrarão em funcionamento no inconsciente, pois as duas operações constituem o funcionamento da linguagem e, portanto, do inconsciente.

A metonímia está relacionada ao deslocamento de significantes na cadeia, enquanto a metáfora será a seleção de um significante que poderá substituir o anterior. Tanto na metonímia quanto na metáfora, Lacan afirma haver uma recusa de um significante, mesmo que esse seja substituído por outro; ali nesse processo, seja qual for, o sujeito não está, pois não há como situá-lo nesse jogo. Assim pontua Lacan:

Esse jogo significante da metonímia e da metáfora, incluindo sua ponta ativa que fixa meu desejo numa recusa do significante ou numa falta do ser e ata minha sorte à questão de meu destino, esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar (LACAN, 1957: 521).

Ao sustentar que a partida será suspensa, Lacan parece se referir a quando, na cadeia significante, encontra-se um substituto para determinado signo e o deslocamento cessa.

As relações metafóricas e metonímicas parecem ser operadas de modo semelhante às relações sintagmáticas e associativas propostas na linguística. Isso se deve ao fato de que, da mesma forma que as relações metafóricas invocam uma seleção de elementos possíveis a realizar uma substituição, de modo semelhante funcionam as relações associativas. Do mesmo modo, o conceito de metonímia, que implicará um deslocamento de significantes na cadeia, pode se assemelhar às relações sintagmáticas, próprias para estabelecer relação entre os termos do sistema, uma vez que os dois mecanismos sugerem uma movimentação no sistema.

Na psicose, haverá uma predominância das relações metonímicas e uma carência de relação metafórica, pois haverá um constante deslizamento provocado pelo fato de haver uma carência da função paterna para instaurar o ponto-de-basta, ou seja, por haver uma forclusão do Nome-do-Pai. A forclusão, na psicose, será um mecanismo que se apresentará no mesmo sentido do recalque na neurose.

3.4. Recalque e forclusão: mecanismos de funcionamento do inconsciente na neurose e na psicose

O recalque e a forclusão foram propostos inicialmente por Freud, que os considerava importantes para a constituição psíquica assim como para o funcionamento do inconsciente. Freud os definiu, a princípio, como *Verdrängung* e *Verwerfung*, respectivamente.

Ainda nas primeiras fases de suas pesquisas, Freud acreditava na existência de algo responsável por lembranças reprimidas, um tipo de repressão, nomeado como recalque. O recalque tem função de não permitir que o sujeito tenha acesso a certas lembranças, por serem uma fonte de desprazer. As lembranças, no entanto ficam latentes, podendo retornar a qualquer instante, como observa Freud nas *Cinco lições de psicanálise*: “o impulso desejoso continua a existir no inconsciente à espreita de oportunidade de se revelar, concebe a formação de um substituto do reprimido, disfarçado e irreconhecível, para lançar à consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão” (FREUD, 1910: 42).

Portanto, segundo Freud, o recalque funcionaria como uma barreira entre o conteúdo inconsciente e o que resta na parte consciente, e regularia a passagem de um para outro. Assim, não seria da alçada do sujeito delimitar o que pode ou não se tornar consciente, mas, sim, seria uma das atividades do funcionamento psíquico, o que confirma a suposição de que o sujeito não tem domínio dos procedimentos encadeados em seu psiquismo.

Vários são os exemplos citados por Freud de que o sujeito não exerce domínio sobre seu psiquismo, principalmente nos casos de histeria, aprofundados pelo autor em suas primeiras pesquisas: “o esquecimento de coisas que deveriam saber e que às vezes sabem realmente, os lapsos de linguagem, tão frequentes até mesmo conosco, na escrita ou na leitura em voz alta, atrapalhamentos no executar qualquer coisa, perda ou quebra de objetos” (FREUD, 1910: 50).

Involuntariamente, o sujeito se esquece de nomes próprios ou outras palavras, comete alguns lapsos irreparáveis, a provocar o riso em alguns deles. No chiste, o elemento reprimido aparece em forma de uma pilhéria imperceptível ao sujeito que a exprime. Segundo o autor, no chiste “o paciente produz uma ideia de substituição, mais ou menos distorcida, em lugar de um elemento esquecido que procuramos” (FREUD, 1910: 45).

Já a forclusão, processo encadeado pelo inconsciente no caso da psicose, será estudada por Freud, mas seu estudo será aprofundado a partir da teorização lacaniana. O processo de forclusão será teorizado por Jacques Lacan com base nas formulações de Freud acerca do caso Schreber, no qual o autor observa que a repressão na psicose não se configura do mesmo modo que na neurose.

Lacan recorre aos mecanismos de recalque e forclusão como um dos modos de distinção do funcionamento das estruturas neurótica e psicótica. O recalque, também chamado de *verdrängung*, é caracterizado como algo que “(...) não cola ao nível da cadeia simbólica” (LACAN, 1954: 101) e, assim, como fica escondido, o sujeito tem a oportunidade de “se sair bem com o que acontece de novo” (LACAN, 1954: 103), o que torna o recalque menos doloroso quando retorna.

O recalque, como pontua Lacan, diferentemente da forclusão, mantém tudo aquilo que é rejeitado pelo sujeito preso no inconsciente, por ser uma produção de desconforto ou desprazer para si mesmo. Assim, o recalque pode retornar a qualquer momento, podendo comprometer ou não o sujeito: “O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa”. (LACAN, 1954: 21).

A forclusão, também chamada de *verwerfung*, é um procedimento característico da psicose, no mesmo sentido do recalque que há na neurose. Para explicar a função que ela exerce, Lacan afirma no Seminário 3 que, “se há coisas que o paciente nada quer saber, no mesmo sentido do recalque, isso supõe um outro mecanismo.” (LACAN, 1955: 173). Ele ainda completa que “A noção de *verwerfung* indica-lhes que deve haver já previamente alguma coisa que falta na relação com o significante na primeira introdução aos significantes fundamentais” (LACAN, 1955: 286).

Antes de teorizar sobre a *verwerfung*, Lacan lança mão de alguns conceitos sobre as instâncias do inconsciente, aquelas que organizariam todo o funcionamento inconsciente, inclusive os mecanismos de recalque e forclusão. Lacan nomeia três instâncias: o simbólico, o real e o imaginário.⁴⁸

⁴⁸ Nossas reflexões sobre tais instâncias de constituição do sujeito se baseiam no Seminário 3. Deter-nos-emos nessa reflexão, por ser um momento da elaboração lacaniana que permite uma maior relação com a teoria linguística saussureana.

No início de suas reflexões, ele define os registros separadamente, ou seja, no início não havia uma interdependência de um em relação aos demais. O simbólico, para o autor, é definido como algo que “está no interior do qual toda compreensão está inserida, e que exerce influência tão manifestadamente perturbadora nas relações humanas e inter-humanas” (LACAN, 1954: 17); é responsável, portanto, por tudo aquilo que está no âmbito da compreensão do sujeito.

Já o imaginário é destacado pela metáfora de uma etiologia animal⁴⁹, afirmando-se que “... o imaginário é sem dúvida guia de vida para todo campo animal. Se a imagem desempenha igualmente um papel capital no campo que é nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica” (LACAN, 1954: 17). Portanto, no imaginário há um modelo de sujeito.

Lacan não define o real, mas o utiliza em vários momentos para trazer pontuações acerca de outros termos, como no caso da *verwerfung*, em que “[...] tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *verwerfung*, reaparece no real”. (LACAN, 1954: 21). Parece-nos que tudo que é recusado pela ordem do simbólico, da compreensão, retorna, tornando-se algo inapreensível, difícil de definir ou explicar, característico do funcionamento real.

O significante primordial recusado na cadeia significante, que será responsável pela sua desestabilização, é nomeado por Lacan como Nome-do-Pai: “Antes que haja o Nome-do-Pai, não havia pai, havia todas as espécies de outras coisas” (LACAN, 1954: 344). Antes de atribuir tal nome a este conceito, Lacan o nomeara como significante primordial, função paterna e Ser pai, até que pudesse nomear tal conceito como Nome-do-Pai.

Lacan utiliza-se do termo forclusão do Nome-do-Pai⁵⁰ para designar a ideia de que deveria haver um significante para inscrever o sujeito na linguagem, no entanto, esse significante paterno é recusado, sendo ele foracluído. Segundo Harrari (2006: 9), “Na psicose, a desordem e a relação perturbada com a realidade se explicam pela forclusão desse significante”.

Na forclusão, portanto, de acordo com Lacan, há a rejeição de um significante que deveria ter sido simbolizado: “Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores” (LACAN, 1954:174). Lacan ainda indica como tal significante retorna ao sujeito

⁴⁹ Lacan explicava o imaginário através do comportamento animal conduzido a seus fins naturais, um modelo ideal de animal.

⁵⁰ A definição de Nome-do-Pai será discutida nos itens posteriores.

na psicose, em vez de ser recalcado no inconsciente e retornar pela mesma via de entrada, ele retorna no real⁵¹: “O que constitui assim o objeto de uma *verwerfung* reaparece no real” (LACAN, 1954: 217), o sujeito nada quer saber a respeito do símbolo rejeitado. Sendo assim, tem-se a possibilidade de haver alguma relação entre a forclusão e a especificidade que há na linguagem, já que os delírios aparecem como consequência desse mecanismo.

É pela ausência da função paterna que se constituirá um sujeito estruturado na psicose. Há, então, a forclusão do significante paterno, um fracasso da função paterna de se estabelecer a lei para o sujeito e instaurar um ponto de ancoragem no seu psiquismo, também nomeado como ponto-de-basta. Lacan enfatiza no artigo “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” que “(...) na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da função paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1957: 584).

Se há forclusão do Nome-do-Pai, não se constituirá um sujeito barrado, constituir-se-á, portanto, um sujeito inscrito na psicose, em uma relação específica com os significantes da cadeia. Na ausência do Nome-do-Pai, o delírio se apresentará como essencial à psicose. O delírio estará presente não apenas na psicose, na neurose ele também poderá se apresentar, contudo ocupando uma função distinta da psicose e se articulando, também de modo distinto.

3.5. Delírio psicótico e *delirium* neurótico

Delírio e *delirium* são, respectivamente, conceitos atribuídos à estrutura psicótica e neurótica. Maleval, psicanalista francês, realiza uma distinção entre tais conceitos no livro *Logique du délire*. Por haver vários pontos de desacordo entre psiquiatria e psicanálise relacionados ao delírio, Maleval se dedica, especificamente, a investigar as distinções existentes em cada campo, bem como a realizar um aprofundamento no campo psicanalítico sobre o conceito de delírio:

D’une part, bien que la langue et la culture clinique françaises tendent à gommer la distinction entre délire psychotique e délirium onirique, celle-ci constitue un important préalable à préciser; d’autre part, il convient de distinguer les delires qui s’originent d’une faute dont le sujet se tient pour

⁵¹ O real é considerado como inapreensível, aquilo que escapa, que não tem sentido na cadeia significante.

responsable, delires mélancoliques, et ceux dont l'ê sujet éprouve que l'initiative vient de l'Autre, delires croniques (MALEVAL, 2000: 2).⁵²

Delírio e *delirium* representam conceitos díspares tanto na psiquiatria como na psicanálise. De acordo com Maleval, o *delirium* integra o funcionamento neurótico, marcado pela falta e, portanto, pelo processo de recalçamento. Já o delírio é próprio da psicose, efeito do processo de forclusão. De acordo com Maleval, o delírio pode ocorrer na neurose, como no caso de uso de drogas, já na psicose, restringe-se a uma perturbação psíquica, ou seja, a realidade psíquica:

[...] l'un est une experience de la conscience troublée, vécue sur un mode plutôt passif, comme dans le rêve, dont les confusions mentales d'origine toxique fournissent le meilleur exemple, delirious state, disent en anglais, deliriose Zustand, selon les allemands. L'autre est un ensemble systématique d'idées souvent étrangères à la réalité de l'observateur, qui s'insèrent activement dans les relations permanentes qui unissent le sujet à son entourage, les convictions paranoïaques en sont les plus exemplaires, desilusion, selon les anglais, wahn pour les allemands.⁵³ (MALEVAL, 2000: 51).

Uma das concepções de delírio representa a situação vivida na neurose e a outra, a última, representa uma situação vivida na psicose. Maleval insiste na importância da diferenciação entre os dois tipos, observando que: “Le delire, avec une majuscule, correspondrait aux idéations systématisées, tandis que le delirium designerait les expériences d'un imaginaire débridé”⁵⁴ (MALEVAL, 2000: 51).

Segundo Maleval, a partir da teorização lacaniana se estabelece um maior distanciamento na teorização sobre tais conceitos, principalmente porque o autor se preocupa em investigar a função do delírio, fornecendo novas contribuições ao campo psicanalítico:

⁵² “Por um lado, embora a língua e a cultura clínica francesas tendam a apagar a distinção entre delírio psicótico e delirium onírico, esta constitui uma importante preliminar a precisar; por outro lado, convém distinguir os delírios que se originam de uma falta cujo sujeito é responsável, delírios melancólicos, e aqueles cujo sujeito prova que a iniciativa vem do Outro, delírios crônicos”. Tradução nossa.

⁵³ “Um é uma experiência da consciência perturbada, vivida de um modo preferencialmente passivo, como no sonho, cuja confusão mental de origem tóxica fornecem o melhor exemplo, delirious state, dizem em Inglês, deliriose Zustand, de acordo com o alemão. O outro é um conjunto sistemático de idéias, muitas vezes estranhas à realidade do observador, ativamente inseridas em relações permanentes que ligam o sujeito ao seu ambiente, as convicções paranoicas são as mais exemplares, desilusion, de acordo com os ingleses, wahn para os alemães”. Tradução nossa.

⁵⁴ “O delírio, com maiúscula, corresponderá a todas as ideias sistematizadas, enquanto o delirium designará as experiências de um imaginário desenfreado”. Tradução nossa.

[...] un procès de significantisation, aussi réduit soit-il, par lequel le sujet parvient à élaborer et à fixer une forme de jouissance acceptable pour lui, tandis que le délirium, dans ses formes aiguës, consiste en une vacillation de la structure du fantasme, dans ses formes chroniques, en une construction onirique envahissante.⁵⁵ (MALEVAL, 2000: 52).

Outro aspecto de disparidade entre delírio e delirium é exposto por Maleval, mais aprofundadamente para indicar o motivo pelo qual a relação com a realidade é diferente para cada um dos dois conceitos: “Dans le delire, comme dans le délirium, le vacillement initial de la réalité est en rapport à une carence de son fondement.”⁵⁶ (MALEVAL, 2000: 53).

Na psicose, a relação com a realidade será distinta pelo fato de haver uma carência de seu fundamento, ou seja, a carência de um significante paterno, que será definida pela forclusão. Maleval aponta que, como haverá forclusão no lugar do recalque, o sujeito não conseguirá conter a invasão do gozo⁵⁷, e, na ausência do recalque e do recalcado, o que restará será o real, ou seja, os significantes que não serão simbolizados retornarão para o sujeito no registro do real:

Quand certains signifiants se trouvent rejetés dans le réel, ils s'avèrent particulièrement importants pour le sujet. Il leur accorde une attention qui témoigne de la jouissance qui s'attache à la lettre, mais il s'agit d'une épreuve douloureuse: la rupture de la chaîne délocalise la jouissance.⁵⁸ (MALEVAL, 2000: 54).

Na psicose, portanto, há um deslocamento do gozo, provocado pela forclusão, que resultará na rejeição dos significantes e seu retorno no registro do real. Contudo, como observa Maleval, estes significantes que retornam no real são particularmente importantes para o sujeito, o que podemos supor que se relacione à realidade do sujeito. Para a recriação de tal realidade, a partir daquilo que é próprio do sujeito, o delírio será constituído como uma

⁵⁵ “[...] Um processo de significantização, também reduzido, pelo qual o sujeito é capaz de formular e fixar uma forma de gozo aceitável para ele, enquanto o delirium, em suas formas agudas, é uma em vacilação da estrutura da fantasia, em sua forma crônica, em uma construção onírica invasiva”. Tradução nossa.

⁵⁶ “No delírio, como no delirium, a vacilação inicial da realidade se reporta a uma carência de seu fundamento”. Tradução nossa.

⁵⁷ De acordo com Roudinesco e Plon, o gozo é um conceito antigo, relacionado à satisfação, ao prazer com algo. Ainda segundo os autores, Freud propôs tal conceito sem se aprofundar em sua teorização, enquanto Lacan, juntamente com os conceitos de desejo e pulsão, formulou algumas concepções sobre o gozo: “Lacan estabelece uma distinção entre prazer e gozo (...). Lacan pretende mostrar que o gozo se sustenta pela obediência do sujeito a uma ordem que o conduz, abandonando o que acontece com o seu desejo, a se destruir na submissão ao Outro” (ROUDINESCO & PLON, 1998: 300).

⁵⁸ “Quando certos significantes se encontram rejeitados no real, eles se tornarão particularmente importantes para o sujeito. Ele lhe confere uma atenção que testemunha o gozo anexo à letra, mas trata-se de uma provação dolorosa: a ruptura da cadeia deslocaliza o gozo”. Tradução nossa.

tentativa de regulação do gozo: “Dès lors concevoir le delire comme une tentative de localiser une jouissance éparse en une construction signifiante reste fort proche de la pensée du fondateur de la psychanalyse.”⁵⁹ (MALEVAL, 2000: 56).

Tanto Freud no início do século XX, como Lacan na segunda metade do século XX, consideram o delírio sem que haja uma exclusão do sujeito. Além disso, na teoria lacaniana o autor propõe estruturas de constituição do sujeito e, a partir das designações de cada estrutura, principalmente a psicose, o autor investiga qual o conteúdo do delírio e sua lógica de articulação. Lacan se baseará nas proposições já apresentadas por Freud sobre o delírio, desde sua apresentação da distinção entre a neurose e a psicose.

3.6. O delírio e a teorização lacaniana na relação com o significante

Lacan inicia seu estudo sobre a psicose em sua tese de doutorado, publicada no ano de 1932, e a partir daí suas teorizações se focam em um aprofundamento sobre a psicose e os mecanismos implicados para seu funcionamento, como o caso do delírio. O delírio é considerado por Lacan como um dos mecanismos principais de funcionamento na psicose, pois ele é uma sustentação ao sujeito.

Segundo Lacan, no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose”, um delírio se constitui a partir da relação estabelecida com o significante na cadeia de articulação de linguagem, portanto, o delírio estará ligado à linguagem, como mecanismo próprio de seu funcionamento na psicose. O delírio deverá se apresentar como um substituto para a ruptura na cadeia, provocada pela carência de um significante paterno. Assim, o delírio e o significante estabelecem entre si um vínculo de associação para o funcionamento linagheiro na psicose.

Na psicose, como sustenta Lacan, haverá uma constituição específica da cadeia significante, ou seja, o sujeito desempenhará uma relação específica com os significantes da cadeia: “ao se reconhecer o drama da loucura, põe-se a razão em pauta, *sua res agitur*, porque é na relação do homem com o significante que se situa esse drama.” (LACAN, 1955: 581).

⁵⁹ “Portanto, imaginar o delírio como uma tentativa de localizar um gozo espalhado em uma construção significante permanece muito próximo ao pensamento do fundador da psicanálise”. Tradução nossa.

Para Lacan, a diferença entre a neurose e a psicose está na construção de estruturas de linguagem, estas definidas pelo modo como um sujeito é inscrito no campo da linguagem em seu processo de constituição. O modo de inscrição no campo da linguagem por meio do significante, como o autor pontua no texto, será apresentado de forma distinta, devido a um específico significante, o significante paterno, o qual na neurose tem a função de estabelecer uma barra que contenha o deslizamento de significantes da cadeia.

Já na psicose há uma carência do significante paterno: “É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose.” (LACAN, 1955: 582).

Assim, é a partir da forclusão do Nome-do-Pai, de acordo com Lacan, que se pode considerar a constituição da estrutura na psicose, pois, por haver tal ausência, há uma ruptura na cadeia, o que ocasiona, conseqüentemente, um remanejamento infundável de significantes:

Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *verworfen*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que o significante e o significado se estabilizam na metáfora delirante. (LACAN, 1955: 584).

Desse modo, como pontua Lacan, o remanejamento de significantes provocado pela carência do Nome-do-Pai só pode ser contida, na psicose, a partir do trabalho do delírio, ou seja, a metáfora delirante atribuirá à cadeia significante um efeito estabilizante. O delírio e a alucinação são mecanismos que integram o funcionamento psíquico na psicose. Tais mecanismos estão intimamente ligados à produção de significação na cadeia significante, já que são constituintes de uma estrutura de linguagem:

Observemos que estamos na presença desses fenômenos (delírio e alucinação) que erroneamente chamamos de intuitivos, pelo fato de o efeito de significação antecipar-se, neles, ao desenvolvimento desta. Trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação. (LACAN, 1955: 545).

O efeito provocado pelo delírio e a alucinação no significante tenta trazer uma significação à cadeia, o que poderá cobrir o vazio enigmático provocado pela ruptura. O significante inscreverá o sujeito na linguagem e, portanto, constituirá uma cadeia de significação. À medida que os jogos de significantes produzem uma significação, portanto, o sujeito constitui uma estrutura, ou seja, inscreve-se no campo da linguagem.

Lacan considera que, na psicose, devido à sua realidade foracluída no sistema, o sujeito entra no jogo dos significantes como morto. Contudo, ao adentrar na cadeia de significação, ele se tornará verdadeiro, ou vivo: “O sujeito entra no jogo como morto, mas é como vivo que irá jogá-lo, é em sua vida que precisará usar o naipe que naquela ocasião ele anuncia” (LACAN, 1955: 558). Ele se tornará verdadeiro, pois o trabalho do delírio será, justamente, o de reorganizar a ruptura produzida na cadeia significante, já que há uma ausência da função paterna.

Lacan observa que, se há uma carência desse significante primordial, o sujeito produzirá, em vez de um estado recalcado, um estado de foraclusão desse significante, que é o caso da psicose: “A *verwerfung* será tida por nós, portanto, como foraclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica.” (Lacan, 1955: 564).

Se não há a simbolização do significante primordial, que é o significante paterno, se há uma foraclusão desse significante, a significação fálica⁶⁰ também não será produzida, o que ocasionará um furo na estrutura e uma ruptura na cadeia significante: “É em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante, e que não precisa, como se constata, ser inefável para ser pânico, que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói” (LACAN, 1955: 570). Sendo assim, é a partir do buraco na estrutura, do furo da função fálica, que o sujeito deverá reconstruir sua realidade, o que será possível pelo trabalho do delírio.

O delírio estará relacionado à organização dos significantes, pois ele rege a lógica própria de articulação da linguagem, como observa Lacan no Seminário 3: “Seguramente, como produto acabado, o delírio pode até um certo ponto ser qualificado de loucura

⁶⁰ A significação fálica é produzida quando se tem a barra, ou seja, quando há o Nome-do-Pai, pois sua função é atribuir a falta ao sujeito na neurose. Na psicose não haverá a significação fálica devido à carência do significante paterno, o que resultará em uma estruturação do sujeito sem a falta.

raciocinante, no sentido em que sua articulação é lógica por certos aspectos, mas de um ponto de vista secundário”(LACAN, 1954: 247).

O delírio será uma tentativa de produção de um ponto-de-basta, para que o deslizamento dos significantes produzido na cadeia venha a cessar. Em seu artigo intitulado “A instância da Letra ou a razão desde Freud”, no livro *Escritos*, Lacan afirma que: “... é na cadeia significante que o sentido insiste, mas (...) nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante” (LACAN, 1957: 506).

O delírio se apresenta para conter o deslizamento de significantes provocado pela ruptura na cadeia. O deslizamento apenas se cessará a partir do trabalho do delírio, que reorganizará a cadeia significante, desestruturada a partir da ruptura. A sistematização do delírio será realizada a partir de elementos constituintes do sujeito presentes na cadeia, e, portanto, no deslizamento.

Maleval retoma as exposições lacanianas sobre o delírio e considera que, na ausência do Nome-do-Pai, Lacan propõe a ideia de que o delírio possa representar uma suplência, uma defesa para o sujeito, propondo uma nova lógica de funcionamento deste, uma lógica constituída não apenas de três fases, mas quatro: “Cette logique quartenaire n’a guère été qu’esquissée par Lacan”⁶¹ (MALEVAL, 2000: 91). Essa lógica formada por quatro fases é considerada introduzida inicialmente por Lacan, pelo fato de o autor ainda acrescentar algumas especificações às fases já existentes.

3.7. As fases de elaboração do delírio

Para destacar os momentos de elaboração do delírio, aos quais o sujeito se submete para a recriação da realidade, Maleval apoia-se na teorização realizada por Jacques Lacan. Este último utiliza-se do caso Schreber, bastante conhecido no âmbito psicanalítico por já ter sido tratado por Freud: “Le première période, dite d’incubation, de malaise, d’inquietude, de perplexité, fortement corrélée à des troubles hypocondriaques, révélatrice d’une carence

⁶¹ “Esta lógica quartenária fora introduzida por Lacan”. Tradução nossa.

parternelle fondamentale, trouve as caractéristique majeure dans la délocalisation de la jouissance.”⁶² (MALEVAL, 2000: 93).

Na perspectiva de Maleval, na primeira fase, dita de incubação, fase pela qual o sujeito comumente inicia o processo de construção delirante, é quando o sujeito se depara com a carência do significante paterno, ou seja, é quando a forclusão do Nome-do-Pai entra em funcionamento, e, sendo assim, produz um deslocamento do gozo, uma ruptura na cadeia significante, que será posteriormente estabilizada com o trabalho do delírio: “[...] un travail de mobilisation du signifiant se développe permettant au délirant de construire une explication propre à justifier ce qui lui arrive”.⁶³ (MALEVAL, 2000: 93). Esta seria a segunda fase de uma construção delirante, destinada a uma tentativa de significação do gozo e, além disso, à construção de uma explicação que justifique tudo o que chegue até o sujeito.

A terceira fase, segundo Maleval, seria caracterizada por um resultado da fase anterior, na qual há uma significação do gozo, e há, portanto, uma sistematização do delírio: “Le sujet se révèle en mesure de retrouver une certaine asise, à partir de laquelle il se fait l’organisateur de ce qui lui arrive”⁶⁴ (MALEVAL, 2000: 94). A sistematização seria caracterizada como uma organização da cadeia psíquica, ou seja, uma tentativa de restabelecimento a cadeia significante.

A última fase será marcada pela realização do delírio, ou seja, o sujeito se encontrará em pleno acordo com a sua reconstrução da realidade. “Il consent à la jouissance de l’Autre parce qu’il possède la certitude que, grâce à l’expérience de celle-ci, Il est parvenu à l’acquisition d’un savoir essentiel.”⁶⁵ (MALEVAL, 2000: 94). Tal fase acontece quando o sujeito tem certeza de seu delírio e o toma para si, ou seja, ele se torna sua realidade.

Os delírios, na psicose, são produzidos a partir de uma certeza persistente no sujeito quanto à realidade e ao que é dito, pois, de acordo com Lacan, no Seminário 3, “Quanto aos paranoicos, quanto aos delirantes, quanto aos psicóticos, eles amam o delírio deles como

⁶² “O primeiro período, dito de incubação, de doença, de inquietude, de perplexidade, fortemente correlacionado às perturbações hipocondríacas, revelando uma carência paternal fundamental, encontrando como característica principal o deslocamento do gozo”. Tradução nossa.

⁶³ “Um trabalho de mobilização do significante se desenvolve permitindo ao delírio construir uma explicação própria a justificar o que lhe chega”. Tradução nossa.

⁶⁴ “O sujeito se revela capaz de recuperar algumas coisas, das quais ele organiza o que lhe chega”. Tradução nossa.

⁶⁵ “Ele consente ao gozo do Outro, porque ele tem a certeza de que, graças à experiência dele, ele conseguiu adquirir um conhecimento essencial.” Tradução nossa.

amam a si mesmos. (...) O psicótico está unido ao delírio, como a algo que é ele próprio” (LACAN, 1954: 246).

Maleval, realizando um resumo das quatro fases, indica-nos os nomes de cada uma delas, rapidamente: “Deslocalisation de la jouissance et perplexité angoissée, pour l’une, tentative de significantisation de la jouissance de l’Autre, pour la seconde, identification de la jouissance de l’Autre, pour la troisième, consentement à la jouissance de l’Autre pour dernière” ⁶⁶ (MALEVAL, 2000: 94). Todas as fases consistem em buscar um encaminhamento para o gozo, fora da posição após a ruptura na cadeia.

Todo o trabalho do delírio se realiza por haver uma carência do significante paterno, e Lacan nomeia tal processo como metáfora delirante, introduzindo significantes que podem exercer a função de suplência do Pai:

Lacan introduit la notion de métaphore delirante, afin de désigner un processus de substitution qui s’opère dans le champ du langage, les signifiants du delire prenant place là où il n’y avait auparavant que P0 (posição inicial do delírio), un trou dans le symbolique, répercuté dans l’imaginaire sous des formes diverses.⁶⁷ (MALEVAL, 2000: 95).

O delírio será constituído, portanto, para tamponar o buraco deixado no simbólico, e seu trabalho será o de confortar o sujeito. A lógica do delírio consiste, então, em conter a invasão do gozo, nomeada por Maleval como “deslocamento do gozo”. Ele será uma substituição operada no campo da linguagem.

3.8. A sistematização do delírio

O delírio se apresentará, de acordo com Maleval, como uma defesa para o sujeito, mas seu desenvolvimento não poderá ser controlado, por se tratar de um mecanismo próprio da psicose:

⁶⁶ "Deslocamento do gozo e perplexidade angustiante, por exemplo, para o primeiro, uma tentativa de significação do gozo do Outro, para a segundo, a identificação com o gozo do Outro, para o terceiro, o consentimento ao gozo do Outro por último". Tradução nossa.

⁶⁷ “Lacan introduz a noção de metáfora delirante, a fim de designar um processo de substituição que se opera no campo da linguagem, os significantes do delírio tendo lugar onde antes só havia P0, um buraco no simbólico, repercutido no imaginário de diversas formas”. Tradução nossa.

Les phénomènes manifestes donnent le sentiment que le psychotique manque de la réponse à une énigme, mais ce dont il manque plus fondamentalement c'est du signifiant qu'il n'y a pas de réponse dans le signifiant. La carence paternelle ne lui permet pas de se référer au signifiant en tant qu'il comporte intrinsèquement une interrogation. Dès lors, quand la psychose se déclenche et quand la défense délirante commence à développer son travail, le sujet peut se trouver affronté à des réponses qui adviennent parfois avant toute question.⁶⁸ (MALEVAL, 2000: 152).

Quando o delírio começa a desenvolver seu trabalho, inicia-se um processo de sistematização do mesmo e, conseqüentemente, uma reconstrução da cadeia significante, que deverá agir como uma defesa do sujeito e uma resposta a todo o enigma criado a partir da ruptura da cadeia. Portanto, o delírio objetivará realizar uma sutura na cadeia significante:

La grossesse de l'image dans le champ de la paranoïa indique que, corrélativement à la suture de la chaîne signifiante, par la systématisation du délire, et à la contention de la jouissance, par son identification, il se développe de même dans la dimension imaginaire un processus d'atténuation des troubles.⁶⁹ (MALEVAL, 2000: 163).

A partir da sistematização do delírio e da contenção do gozo, de acordo com Maleval, inicia-se um processo de organização dos significantes que integram a cadeia. Em outras palavras, há uma tentativa de estabelecer uma articulação entre os significantes. Na cadeia significante, comumente se instala a relação S1-S2 (significante primordial em articulação com os significantes da cadeia), contudo, na psicose, como o sujeito fica submetido ao desejo do Outro numa posição alienante, tal articulação significante não acontece, e o trabalho do delírio consistirá em tentar criar uma relação, mesmo artificial, entre S1 e S2; este será um dos processos que constituem a lógica do delírio.

O delírio, portanto, será a tentativa de cura para o sujeito, tentativa apenas, pois não há cura na psicose, uma vez que não se trata de doença. Assim, o delírio será o mecanismo necessário à sobrevivência do sujeito:

⁶⁸ “Os fenômenos manifestos dão o sentimento de que ao psicótico falta a resposta para um enigma, mas o que lhe falta mais fundamentalmente é o signifiante que não tem resposta no signifiante. A carência paterna não permite que ele se refira ao signifiante e, inerentemente, inclui uma pergunta. Assim, quando a psicose se desenvolve e a defesa delirante começa a desenvolver o seu trabalho, o sujeito pode ser confrontado com respostas que ocorrem, por vezes, antes de qualquer questão”. Tradução nossa.

⁶⁹ A onipresença da imagem no campo indica que a paranóia tem em paralelo com o significado de sutura em cadeia, a sistematização do delírio, e retenção do gozo pela sua identificação, cresce também na dimensão processo imaginário dos transtornos de mitigação. (Maleval, 2000: 163).

Considérés sous ce jour, bien des delires seraient des formes de guérison relatives d'un sujet qui, sans cette réaction, serait tombe, s'il est halluciné, dans la confusion classique, peut-être même dans la démence – nous dirions sans dout aujourd'hui schizophrénie – et s'il est interprétant dans une erreur perpétuelle.⁷⁰ (MALEVAL, 2000: 191).

Sem o delírio, conforme Maleval, o sujeito psicótico seria um túmulo, ou seja, não seria considerado como sujeito, por não estabelecer laço com a realidade e, conseqüentemente, com a linguagem. O delírio apresentará, portanto uma lógica centrada na economia do gozo: “S'éclairent en prenant en compte une logique centrée sur l'économie de la jouissance, confrontée au problème de la delocalisation de celle-ci, et le résolvant par un consentement à la jouissance de l'Autre, postérieur à son identification dans le signifiant”⁷¹ (MALEVAL, 2000: 192).

O delírio agiria como um regulador de gozo, buscando organizar a relação com os significantes. Outro aspecto importante observado por Maleval, é que, muitas vezes, na psicose, o sujeito se utiliza da literatura como um elemento de sustentação, como os casos de Schreber, Artaud, Wolfson e até mesmo Joyce: “Qui plus est, il faut souligner qu'au terme de l'échelle des delires, les sujets, comme le note Lacan, temoignent d'une propension à la production littéraire, au sens, précise-t-il, ou littéraires veut dire simplement feuilles de papier avec d l'écriture.”⁷² (MALEVAL, 2001: 193).

Muitas vezes, não só a literatura pode servir como sustentação, mas qualquer porção de escrita pode entrar na elaboração delirante do sujeito, como é o caso da produção de Wolfson, o qual escreve buscando realizar um “protocolo de atividades”. Sua intenção não é fazer literatura, mas narrar os processos que articula para a recusa de uma língua. Segundo Maleval, tais produções servem para “d'abord à déposer et à significantiser la jouissance délocalisée, tandis que, de sucroît, ce processus de soulagement ils le portent jusqu'à une

⁷⁰ “À luz desta conclusão, delírios são muitas formas de cura em um sujeito que, sem essa reação, seria abandonado, teria alucinações, em uma confusão clássica, talvez até demência – nós provavelmente chamaríamos de esquizofrenia hoje – e se ele é interpretado em um erro permanente”. Tradução nossa.

⁷¹ “Esclarece-se, tendo em conta um enfoque lógico na economia de gozo, confrontado com o problema do deslocamento dele, e da resolução de uma autorização para o gozo do Outro, posterior à sua Identificação no signifiante”. Tradução nossa.

⁷² “Além disso, convém notar que, no final da escala do delírio, os sujeitos, como observa Lacan, adquirem uma propensão para a produção literária, ou seja, ele especifica, os literários são apenas pedaços de papel com escrituras”. Tradução nossa.

tentative de vidage de la jouissance par la poubellisation”⁷³. Em outras palavras, a escrita será, no caso de Wolfson, o elemento principal de regulação do gozo e sustentação da cadeia significante.

O delírio estará, portanto, relacionado intimamente à linguagem que, segundo Maleval, terá como secundária a função de comunicação, o que nos leva a concluir que sua função principal seria constituir o sujeito como tal, pois é a partir da constituição da cadeia significante que o sujeito se constitui:

Les deux premières phases du delire sont commandées par ces phénomènes qui révélant la fonction du langage pour le parlêtre n’être qui secondairement um instrument de communication. (...) Le langage n’est pas pour l’homme um instrument, il est bien plus que cela: le ressort du parlêtre.⁷⁴ (MALEVAL, 2000: 205).

Se a linguagem é a mola do ser falante, como aponta Maleval, o delírio estará ligado a ela, já que também se trata de um mecanismo constituinte. “Le développement du delire confirme que la jouissance est prise au langage, et que le sujet dispose de la possibilite de la traiter par un travail du signifiant.”⁷⁵ (MALEVAL, 2000: 205). Em outras palavras, o tratamento do sujeito se dá pela via do significante, ou seja, a tentativa de cura e recriação da realidade se estabelece a partir do campo da linguagem: “La possibilité d’appareiller la jouissance du sujet par le langage est la condition du delire.”⁷⁶ (MALEVAL, 2000: 206). Assim, o delírio apenas se constitui com o auxílio da linguagem e é por meio da linguagem que ele poderá agir como um regulador da invasão do gozo no sujeito, devido à ausência do Nome-do-Pai.

O dizer psicótico é caracterizado como peculiar devido à significação do delírio, pois, segundo Lacan, não se trata de outra linguagem, mas de uma linguagem que funciona carregada de delírio. Se é uma linguagem marcada pela presença do delírio, isso implica que a realidade esteja inerente à linguagem: “O sistema de linguagem (na psicose), em qualquer ponto que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido da

⁷³ “Primeiro depositar e a significantizar o gozo deslocado, enquanto há um processo de alívio no qual o gozo é despejado por uma “poubellisation”. Tradução nossa.

⁷⁴ As duas primeiras fases do delírio são comandadas por fenômenos que revelarão a função da linguagem para o falante, a ser instrumento de comunicação secundariamente. (...) A linguagem não é instrumento para o homem, é muito mais do que isso: a mola do ser falante

⁷⁵ “O desenvolvimento do delírio confirma que o gozo está preso à linguagem, e que o sujeito dispõe da possibilidade de tratar um trabalho do signifiante.” (Tradução nossa)

⁷⁶ A possibilidade de emparelhar o gozo do sujeito pela linguagem é a condição do delírio. (Tradução nossa)

realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede de linguagem.” (LACAN, 1954: 43).

Se é toda a realidade psíquica que está abrangida no sistema de linguagem da psicose, podemos considerar que o delírio, sendo uma reconstrução da realidade, estará intimamente ligado à linguagem, tornando-se, portanto, o ponto principal responsável pela especificidade de funcionamento linguageiro da psicose.

Sendo assim, é na linguagem que o delírio pode ser reconhecido, e pode ser reconhecido porque ele se diferencia de qualquer outro mecanismo fornecido pela linguagem, como é o caso dos neologismos:

[...] o delírio se distingue precisamente por esta forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama neologismo. No nível da significação, ele se distingue por isto: ele só pode se mostrar se vocês partem da ideia de que significação remete sempre a uma outra significação sabendo-se que, justamente, a significação dessas palavras não se esgota no remeter a uma significação. (LACAN, 1954: 43).

Os neologismos produzem um efeito de significação distinto do efeito produzido pelo delírio na linguagem, pois este último se apresentará como um mantenedor da ordem da linguagem, ou seja, no funcionamento de linguagem da psicose haverá, geralmente, uma significação que sempre se remete a uma outra e o delírio aparecerá como um limite para as substituições de significação inesgotáveis.

3.9. A escrita como uma construção delirante

Ao relatar a lógica de construção do delírio, Maleval toma como exemplo a obra escrita por Artaud, escritor com o diagnóstico de psicose, que escrevia obras poéticas como tentativa de significação do gozo, ou seja, uma construção delirante. Segundo Maleval, a obra de Artaud era não só uma construção delirante, como também uma suplência pela poesia: “Construction d’un delire qui met en place les éléments d’une solution de rechange.”⁷⁷

⁷⁷ “Construção de um delírio que aparece no lugar dos elementos de uma solução de substituição”. Tradução nossa.

(MALEVAL, 2000: 148). Em outras palavras, o delírio seria a alternativa de sobrevivência do sujeito, e os elementos da linguagem se configuram para produzi-lo.

Do mesmo modo, Maleval apresenta a obra de Wolfson, intitulada como “Le schizo et les langues”, um livro que traz vários episódios de sua vivência e se dedica a demonstrar sua recusa aos sons da língua materna, o inglês. Segundo Maleval, “Le auteur de l’ouvrage intitulé Le schizo et les langues, Louis Wolfson, n’y réussit pas mieux dans cet écrit, bien que as problématique delirante n’ait rien en commun avec celle du poete.”⁷⁸ (MALEVAL, 2000: 149). Maleval considera que a problemática delirante de Wolfson não tem nada em comum com o poeta, pois o autor não se intitula como tal, ele tem como único objetivo escrever sobre uma recusa da “língua materna”, e em seu livro afirma que sua obra está longe de ser considerada como obra literária.

Assim, Maleval continua destacando o objetivo da escrita de Wolfson e por que a escrita do autor não é considerada como um trabalho de cunho poético. A escrita seria um trabalho de elaboração delirante, uma vez que o autor tenta se proteger da invasão de um gozo:

Il s’agit essentiellement pour lui de se protéger à l’égard de l’objet de la jouissance vocale. En raison de la carence radicale de la fonction paternelle, la séparation structurante de l’objet a, cause du désir, n’a pas eu lieu. **Dès lors Wolfson témoigne être envahi de manière insupportable par la voix de sa mère et par tous les signifiants de la langue anglaise qui lui évoquent celle-ci. il est significatif qu’il ait demandé à son père de ne lui parler qu’en iddish.**⁷⁹ (MALEVAL, 2000: 149). Grifo nosso.

A invasão do gozo é provocada pela ausência da função paterna, que teria uma função reguladora. Se há uma carência da função paterna, o sujeito não pode constituir seu próprio desejo, como é o caso de Wolfson. É por meio da linguagem que a elaboração delirante se constituirá, ou seja, é pela linguagem a via de construção do delírio. No caso de Wolfson, qualquer som pronunciado pela mãe e qualquer significante evocado na língua inglesa invadem-no, ferindo-o. A alternativa encontrada por ele é buscar em outras línguas uma base de sustentação, ou seja, na relação com os significantes de outras línguas, como o ídiche língua falada apenas por seu pai.

⁷⁸ “O autor da obra intitulada *O schizo e as línguas*, Louis Wolfson, não obteve êxito melhor nesse escrito, embora a problemática delirante não tenha nada em comum com o poeta”. Tradução nossa.

⁷⁹ “Trata-se basicamente para ele de se proteger contra o objeto de gozo vocálico. Devido à carência radical da função paterna, a separação estruturante do objeto, por causa do desejo, não ocorreu. Portanto, Wolfson testemunha ser invadido de modo insuportável pela voz de sua mãe e todos os significantes do idioma inglês, que lhe evoca. É significativo que ele tenha pedido ao pai para não falar senão em ídiche”. Tradução nossa.

Parece-nos, a partir da descrição exposta por Maleval, que é na relação com os significantes que Wolfson consegue elaborar um processo de construção delirante, tentando estabelecer, portanto, uma suplência da função paterna. Além de sua elaboração partir da recusa de uma língua, o autor cria outros recursos que possam auxiliá-lo no manejo com as várias línguas, ele cria, segundo Maleval, processos linguísticos:

En effet, l'étudiant en langues schizophrénique, comme il se nomme lui-même, oriente toute son existence sur l'élaboration de procédés linguistiques ayant pour but de le protéger de la langue maternelle. Quand il lui arrive de se séparer des écouteurs de son transistor, et du rideau sonore qu'ils tissent, les mots anglais le blessent; il lui faut alors immédiatement s'en prémunir en les dérivant vers des vocables qui appartiennent à d'autres langues.⁸⁰ (MALEVAL, 2000: 149).

Os sons eram o que mais incomodavam Wolfson, os sons, o ruído da língua materna, poderiam feri-lo. Sendo assim, ele buscava várias línguas que pudessem tamponar seu estado angustiante, criando processos de trocas de palavras com sons distintos e mesmo significado em outras línguas, ou até mesmo letra por letra em uma palavra, numa tentativa de expulsar o som que o incomodava.

Nas trocas de letras, de acordo com Maleval, Wolfson buscava apenas dissipar o som, nunca criar uma outra língua: “Cependant la complexité de son procédé est telle qu’il ne débouche pas sur la création d’une langue nouvelle mais sur un infini morcellement du langage.”⁸¹ (MALEVAL, 2000: 149). O autor não se preocupava em criar uma língua nova; da mesma forma que Schreber com a língua fundamental, Wolfson quer destruir a língua inglesa: “Wolfson ne cherche pas une langue fondamentale, il s’exerce plutôt, comme écrit-il, à démembrer l’anglais, à desosser et en particulier à le dépouiller du squelette consonantique.”⁸² (MALEVAL, 2000: 149).

Com o objetivo de destruir a língua materna, Wolfson tenta dissecá-la, ou, ao modo de Maleval, ele tenta ‘desossar’ o esqueleto consonantal. Assim, o processo de destruição da

⁸⁰ “Na verdade, o estudante de línguas esquizofrênico, como ele chamava a si mesmo, dirige toda a sua vida para a elaboração de processos linguísticos destinados a protegê-lo da língua materna. Quando lhe acontece de se separar dos fones de ouvido de rádio e da cortina de som que eles tecem, as palavras inglesas machucam-no; lhe é preciso, então, imediatamente se proteger derivando-as de palavras que pertencem a outras línguas”. Tradução nossa.

⁸¹ “Contudo, a complexidade de seus processos é tanta que não conduz à criação de uma nova língua, mas uma fragmentação infinita da linguagem”. Tradução nossa.

⁸² “Wolfson não procura uma língua fundamental, ele se empenha mais, como escreve ele, a desmembrar o inglês, a desossar e em particular tirar do esqueleto consonantal.” Tradução nossa.

língua inglesa torna-se constante e interminável, como observa Maleval: “Dès lors son effort intellectuel tend à déboucher, non pas sur élaboration d’un principe ultime, mais sur une dérive métonymique persistante”.⁸³ (MALEVAL, 2000: 149).

Há, segundo o autor, um processo metonímico persistente, pelo fato de Wolfson desencadear um processo constante e interminável de substituição de significantes da cadeia. Na ausência da metáfora, que poderia trazer a estabilização da cadeia significativa, o autor movimenta os elementos sem a presença de um ponto-de-basta. Assim, o delírio seria uma estabilização da cadeia, ou seja, uma barreira para o processo constante metonímico desencadeado pelo autor, uma significação do gozo: “Sa problématique centrée sur la tentative d’instaurer une barrière linguistique, afin de significantiser la jouissance insupportable attachée à la voix maternelle, n’est pas propice à l’orientation vers la suture du délire.”⁸⁴ (MALEVAL, 2000: 149).

Na perspectiva de Maleval, a invasão do gozo de Wolfson acontece através da insuportável voz da mãe do autor, e o que ele busca é expulsar essa invasão, tentando suturar esse gozo por meio do delírio. No entanto, tal elaboração não consegue mascarar essa invasão gozosa: “Il ne parvient pas à élaborer une construction qui puisse masquer la malignité de l’Autre jouisseur, de sorte qu’il lui semble entrevoir la vérité des vérités en ce que la vie supérieure n’aurait jamais dû naître: l’existence de l’humanité lui apparaissant comme un phénomène criminel”⁸⁵ (MALEVAL, 2000: 149). O autor ainda carrega uma certeza persistente, uma verdade acima de todas as outras, acredita que não deveria ter nascido, pois isso é um crime à humanidade.

Na fase P0 de construção do delírio, descrita por Maleval, o autor faz menção à carência de um significante fálico, que seria estabelecido também pela função paterna. No caso de Wolfson, há essa carência, a qual o impulsiona a buscar uma antecipação de sentido, tentando estabelecer uma significação do gozo, devido à desestabilização da cadeia significativa, como observa Maleval:

⁸³ “Portanto, seu esforço intelectual tende a conduzir, não sua elaboração de um princípio último, mas uma deriva metonímica persistente.” Tradução nossa.

⁸⁴ “Sua problemática está centrada na tentativa de instaurar uma barreira linguística a fim de significantizar o gozo insuportável ligado à voz materna, não é propício à orientação para a sutura do delírio”. Tradução nossa.

⁸⁵ “Ela não consegue desenvolver uma estrutura que possa esconder a malignidade do gozo do Outro, de modo que parecia um vislumbre da verdade das verdades em que a maior vida nunca teria nascido: a existência de humanidade que ele aparecesse como um crime”. Tradução nossa.

Lors de l'étude de P0, il a été fait mention de la carence de la signification phallique, appréhendée par l'intermédiaire d'une symptomatologie qui laisse le sujet démuni quant à une certaine vue synthétique, entravant ainsi sa capacité à conclure; cependant cette carence possède encore une autre forme, caractérisée par un jaillissement du sens, celui-ci anticipant alors sur l'advenue de la signification.⁸⁶ (MALEVAL, 2000: 150).

Para Wolfson, de acordo com Maleval, tudo é considerado como provocação, pois todas as notícias, as manchetes, rótulos, imagens, gravuras, fazem referência à língua inglesa, devido ao fato dele estar inserido em tal cultura. Até mesmo os artigos de jornais parecem persegui-lo, fazendo alusões à sua família, à medicina, ou seja, a elementos de seu cotidiano: “Aux innombrables causes provocatrices des interprétations issues du monde extérieur viennent encore s'ajouter celles qui se déploient à partir des sensations internes.”⁸⁷ (MALEVAL, 2000: 151).

Assim, parece-nos que a carência do significante paterno provoca uma desestabilização nítida para Wolfson, que tenta criar procedimentos que possam reestabilizar sua cadeia significante. Sendo assim, Wolfson se utiliza da relação entre línguas para tentar resolver uma recusa aos sons da língua ensinada por sua mãe, o cerne dessa questão. No próximo capítulo, investigaremos os processos desenvolvidos por Wolfson, bem como os exemplos de procedimentos e construções languageiras encadeadas pelo autor, com o objetivo de reconhecer uma construção delirante em seu funcionamento.

⁸⁶ “No estudo de P0, houve menção ao fato da carência da significação fálica, quando visto através de sintomas que deixa o sujeito impotente quanto a uma visão sintética, entravando, assim, sua capacidade de concluir; mas esta carência possui ainda uma outra forma, caracterizada por uma manifestação do sentido, enquanto ele antecipa o acontecimento da significação”. Tradução nossa.

⁸⁷ “As inúmeras causas provocadoras das interpretações procedentes do mundo externo vêm ainda acrescentar-se as que se estendem a partir das sensações internas”. Tradução nossa.

Capítulo 4

Le Schizo et la Langues: uma construção delirante apoiada na relação entre as línguas

A se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala. (LACAN, 1954: 20).

4.1. Introdução

Neste capítulo, apresentaremos a obra *Le schizo et les langues*, livro escrito por Louis Wolfson em língua francesa, na tentativa de recusa dos sons da língua ensinada por sua mãe, o inglês. Primeiramente, abordaremos algumas características fornecidas pelo próprio autor no livro, como a atribuição de ‘moço esquizofrênico’, entre outros apelidos criados por Wolfson para si.

Para caracterizar os processos encadeados pelo autor, recorreremos ao prefácio da obra, que tem Gilles Deleuze como autor. Deleuze enfatiza inúmeras passagens do livro e apresenta alguns aspectos principais da obra de Wolfson, como o fato de não ser considerada uma obra literária, os processos de conversão e a recusa da língua materna.

Posteriormente, discutiremos alguns aspectos da teoria linguística proposta por Ferdinand Saussure associando-os ao funcionamento languageiro de Wolfson, tais como a articulação dos signos na cadeia significante, e o remanejamento de significantes encadeados pelo autor, principalmente por meio dos “processos de conversão”, nomeados por ele para indicar as mudanças de uma língua para outras, através de um desfacelamento dos signos.

Além disso, apresentaremos, a partir dos relatos de Wolfson, fragmentos nos quais ele nomeia algumas palavras como ‘palavras de escritura fina’, caracterizadas como tais por

apresentarem uma sonorização que não chegaria a incomodar o moço esquizofrênico, pois, segundo ele, apenas algumas consoantes o incomodavam, geralmente aquelas de sonorização mais forte. Para tanto, realizaremos, apoiando-nos na teorização saussureana, a diferenciação entre som e significante, bem como as alternativas encontradas pelo autor para remanejar significantes e despistar-se dos sons.

Ao investigarmos os processos de remanejamento de significantes, analisaremos as possibilidades oferecidas pela língua, de acordo com a teoria linguística, para que vários signos ocupem um mesmo lugar no sistema. Tal possibilidade de funcionamento é possível de ser articulada a partir de alguns mecanismos encadeados na língua.

Sendo assim, passaremos às reflexões sobre as relações sintagmáticas e associativas, mecanismos propostos por Ferdinand Saussure para destacar o processo de movimentação da língua, composto por relações em presença e em ausência. No âmbito psicanalítico, investigaremos as operações de metáfora e metonímia propostas por Lacan, sugerindo uma possível semelhança entre estas últimas e as relações sintagmáticas e associativas. Nossa hipótese é a de que Wolfson realiza processos de encadeamento da língua apenas metonímicos, sendo ausentados os mecanismos de metáfora.

Todos os processos encadeados por Wolfson apresentam um objetivo principal, escapar e destruir os sons da língua materna. Desse modo, analisaremos a relação mantida entre Wolfson e a mãe, já que o conceito que se tem de língua materna baseia-se na relação do sujeito com o desejo materno, segundo Lacan.

Além disso, investigaremos, apoiando-nos nas formulações lacanianas e nas reflexões de Maleval, psicanalista francês, o conceito de forclusão do Nome-do-Pai e o que produz a carência do significante paterno para Wolfson. Para realizar uma suplência do Nome-do-Pai, segundo Lacan, é necessário que se elabore uma construção delirante. Desse modo, investigaremos, na produção de Wolfson, se há marcas de uma elaboração delirante.

Assim, a partir das premissas formuladas por Maleval, nomeadas como fases de elaboração do delírio, analisaremos em alguns fragmentos dos relatos de Wolfson para investigar se há um trabalho de construção delirante em sua produção.

4.2. A criação de um personagem

Louis Wolfson, autor do livro *Le schizo et les langues*, realiza, ao longo da obra, um considerável esforço para recusar uma língua, a língua inglesa, considerada como materna, por estar inserida em seu contexto social. Wolfson não somente não fala a língua ensinada por sua mãe, como ele também a ignora e se recusa a pronunciar qualquer palavra daquele idioma. Para tanto, ele cria inúmeros procedimentos e relata diversos processos que o fazem escapar da língua inglesa.

Ao longo da obra, o autor intitula a si mesmo como o ‘moço esquizofrênico, “le schizophrène, comme il se qualifie lui même” (MALEVAL, 2000: 118). Wolfson apresenta-se com tal designação, pois, segundo Deleuze, o autor já havia passado por vários hospitais psiquiátricos e havia tido, portanto, vários diagnósticos. De acordo com Deleuze, as designações atribuídas por Wolfson a ele mesmo são várias:

L’auteur de ce livre s’intitule lui-même “l’étudiant de langues schizofrénique”, “l’étudiant d’idiomes dément” ou, d’après son écriture réformée, “le jeune öme sqizofrène”. Cet impersonnel schizofrénique a plusieurs sens, et n’indique pas seulement pour l’auteur le vide de son propre corps. (DELEUZE, apud WOLFSON, 1970: 05)⁸⁸

A obra de Wolfson poderia ser uma obra literária e o moço, um personagem criado por um autor de texto literário. No entanto, em nada se assemelha a uma narrativa ficcional, e o personagem é o próprio autor narrando sua própria história, sem objetivo de criar uma obra de arte, mas um relato, um “protocolo de atividades” (WOLFSON, 1970: 05), como aponta Deleuze: “Le livre de Wolfson n’est pas du genre des oeuvres littéraires ou oeuvres d’art, et ne pretende pas l’être.”⁸⁹ (DELEUZE, apud WOLFSON, 1970: 08).

Parece-nos que Wolfson tenta reconstruir, principalmente por meio dos processos conversivos, uma nova realidade, ou seja, parece tratar-se de uma tentativa de elaboração delirante, um dos mecanismos essenciais de funcionamento da estrutura psicótica.

⁸⁸ “O autor deste livro intitula-se ele mesmo ‘o estudante de línguas esquizofrênico’, ‘o estudante de idiomas demente’ ou, de acordo com a sua escrita reformada, ‘o jovem omem esquizofreno’. Este impessoal esquizofrênico tem vários sentidos, e não indica apenas para o autor o vazio do seu próprio corpo”. Tradução nossa.

⁸⁹ “O livro de Wolfson não é o tipo de obra literária ou obra de arte, e não pretende ser”. Tradução nossa.

4.3. A articulação da linguagem na psicose

Ao propor o funcionamento da língua em seu caráter geral, Saussure a define como um sistema de signos. Tal sistema é formado a partir da associação entre signos, que são entidades psíquicas de duas faces: significante e significado. A partir da articulação entre os signos, a língua entra em funcionamento.⁹⁰

Contudo, na psicose, como afirma Lacan, há uma marca de peculiaridade na linguagem. Em outras palavras, a organização dos elementos que integram o sistema linguístico é caracterizada por certa especificidade, pois o sistema linguístico não se articula da mesma forma que na neurose. Tal disparidade é marcada pelo modo de inscrição do sujeito no campo da linguagem, o que determinará uma estrutura concebida como psicótica ou neurótica.

Sendo assim, interessa-nos compreender como o sistema linguístico se organiza na língua de Wolfson e como se articulam as operações da língua. O delírio estará inerente às operações realizadas pela língua, pois ele se apresentará na linguagem como uma defesa do sujeito e, conseqüentemente, como um elemento organizador do funcionamento de linguagem na psicose.

Em primeiro lugar, trataremos de como se articulam os signos no interior do sistema, utilizando fragmentos de textos produzidos por Louis Wolfson. Em um de seus relatos, Wolfson revela que, assim como os rádios ou as pessoas, os rótulos de produtos eram também evitados, principalmente os alimentícios; rótulos eram identificados pelas imagens representadas por cada um deles:

Mais il tâchait d'éviter de regarder les mots imprimés sur les enveloppes des pains et celles des cartons d'aliments glacés ou de pâtisserie et sur les étiquettes des boîtes de conserves, cherchant à en connaître ou à en deviner les contenus d'après les dimensions des contenants, et en agitant ceux-ci, et par le poids; et également il cherchait des images, essayait de reconnaître les couleurs et les formes des dessins comme aussi l'espèce d'écriture, les couleurs, les dimensions et les positions relatives des mots (et peut-être plutôt celles des mots des marques de commerce), étant plus ou moins familier avec la plupart de ces symboles, et ceci tout en maintenant

⁹⁰ Ver capítulo 2, itens 2.2, 2.3 e 2.4.

les yeux mi-clos et non mis au point pour ne pas voir des mots anglais (WOLFSON, 1970: 51).⁹¹

Adivinhações por meio de tamanhos, cores, peso, eram a forma de identificação de produtos alimentícios. Já que não se poderia ler o que constava nas embalagens, um trabalho de decifração era realizado para se saber o que comprar, o que comer, ou como utilizar os produtos. Outros elementos eram considerados no processo de decifração, como as formas dos desenhos, o formato ou posição das palavras ou até mesmo os símbolos das marcas. Maleval nos aponta que, na psicose, para a constituição inicial do delírio, são considerados elementos próprios do sujeito, ou seja, elementos relacionados a ele. Se Wolfson recusava o formato das palavras, símbolos, marcas, é porque eles já integravam seu funcionamento de linguagem e ele apenas queria recusá-las, expulsá-las.

Wolfson relata em seu livro que ele dispensava qualquer contato com a língua inglesa, fosse por meio dos sons ou pela imagem de um sistema em funcionamento. Assim, ele tentava esvaziar os signos, ou seja, havia uma tentativa de tornar os signos meras abstrações, como se eles estivessem soltos, fora do sistema linguístico, não restando a possibilidade de adquirirem valor em relação aos outros. A partir do esvaziamento dos signos iniciava-se, quase sempre, um processo de deslizamento de significantes.

O deslizamento de significantes é ocasionado pela ausência de um ponto-de-basta no sistema. Ao provocar um deslizamento de significantes, haverá uma desestabilização na cadeia de linguagem de Wolfson, o que, conseqüentemente, favorecerá a produção delirante, pois ela poderá reorganizar o sistema linguageiro.

Wolfson tentava desmontar os signos, dispensando os significados e evitando os significantes que se associavam para constituírem os signos. Contudo, inevitavelmente, ele não podia controlar a língua, e, sendo assim, acabava fazendo associações, chamadas por ele de processos conversivos, para identificar certos produtos.

⁹¹ “Mas tentava evitar olhar as palavras impressas sobre os envelopes dos pães e as dos cartões de alimentos gelados ou de pastelaria e sobre as etiquetas das caixas de conservas, procurando conhecer ou adivinhar os conteúdos de acordo com as dimensões dos recipientes, e agitando-os, e pelo peso; e igualmente procurava imagens, tentava reconhecer as cores e as formas dos desenhos como também a espécie de escrita, as cores, as dimensões e as posições relativas das palavras (e talvez de preferência aquelas palavras das marcas de comércio), sendo mais ou menos familiar com a maior parte destes símbolos, e isto tudo mantendo os olhos semi-fechados e não desenvolvidos para não ver palavras inglesas”. Tradução nossa.

Os processos conversivos pareciam ser o início de uma construção delirante, visto que o autor recorria a inúmeras línguas buscando escapar daquela que, segundo ele, o incomodava. Parece-nos que o autor recorria a tais processos buscando um tamponamento para uma realidade despedaçada. Wolfson tentava modificar o interior do sistema, recusando algumas regras, instituindo outras, contudo ele não conseguia preservá-las, uma vez que a língua apresenta sua ordem própria de articulação.

Depois de certo tempo, como o próprio autor expõe, ele lia ao menos uma parte dos rótulos; alguns pares de palavras poderiam ser, provavelmente, lidos, pois em outras línguas estudadas havia muitas similaridades, o que não seria, segundo ele, totalmente desagradável, pelo fato de tais palavras serem representadas em outras línguas.

O processo de escolha da palavra adequada iniciava-se mais uma vez, eram escolhidas apenas aquelas que apresentavam semelhanças com uma de outro idioma, eram consideradas ainda como ‘palavras de escritura fina’⁹². As palavras de escritura fina faziam-lhe bem, segundo Wolfson, até mesmo suas dores e sua pressão arterial eram aliviadas quando ele podia lê-las e fazer as associações com outras línguas possíveis:

Le psychotique supposait (peut-être plutôt il simplement se l’imaginait) que manger du pain, des gâteaux, des crevettes frites et d’autres mets auxquels on ajoutait de l’huile végétale, bien insaturée, pour la cuisson ou la friture lui fût salubre ou tout au moins ne lui nuisît pas autant que si, pour la cuisson, l’on ajoutait de la graisse animale (celle-ci étant saturée, c’est-à-dire qu’elle contient chimiquement jusqu’à tout l’hydrogène possible sans cesser d’être une graisse), car il avait lu dans quelque quotidien et également dans un journal médical qu’en général dans les populations où la consommation d’huile végétale remplace dans une grande partie celle de graisse animale, il y a, proportionnellement, moins de thromboses des artères coronaires, moins d’athérosclérose (WOLFSON, 1970: 51).⁹³

⁹² Termo atribuído pelo autor às palavras do inglês semelhantes àquelas de outros idiomas.

⁹³ Le psychotique supposait (peut-être plutôt il simplement se l’imaginait) que manger du pain, des gâteaux, des crevettes frites et d’autres mets auxquels on ajoutait de l’huile végétale, bien insaturée, pour la cuisson ou la friture lui fût salubre ou tout au moins ne lui nuisît pas autant que si, pour la cuisson, l’on ajoutait de la graisse animale (celle-ci étant saturée, c’est-à-dire qu’elle contient chimiquement jusqu’à tout l’hydrogène possible sans cesser d’être une graisse), car il avait lu dans quelque quotidien et également dans un journal médical qu’en général dans les populations où la consommation d’huile végétale remplace dans une grande partie celle de graisse animale, il y a, proportionnellement, moins de thromboses des artères coronaires, moins d’athérosclérose (WOLFSON, 1970: 51).⁹³

No fragmento acima, Wolfson descreve os alimentos que continham o óleo vegetal, que, segundo ele, é insaturado e, portanto, mais saudável que o óleo saturado. Ele fornece ainda algumas explicações sobre cada tipo de óleo, o que se aprende a partir da leitura do rótulo, leitura esta justificada pela semelhança entre o francês e o inglês para a denominação de tal produto.

As palavras de escritura fina, consideradas por Wolfson como suportáveis, que permitiam uma relação com outras línguas e, ainda, uma articulação com outros signos para a formação do sistema; as palavras de escritura fina sustentavam sua articulação linguageira peculiar. No exemplo acima, o signo “vegetable oil” (língua inglesa) se assemelha a “huile végétale” (língua francesa), e, sendo assim, Wolfson busca inúmeras possibilidades de articulação desse signo com outros do sistema.

No caso acima, tal signo pode se associar a diversos outros com o valor de ingrediente, o que suscita uma vasta lista de signos passíveis de serem utilizados. Além disso, tal signo é exposto como um produto saudável benéfico à saúde, o que suscita um valor distinto conforme a posição ocupada por tal signo no sistema. Em resumo, diversas possibilidades de articulação do signo são utilizadas pelo autor:

L’expression anglaise pour huile végétale, vegetable oil, ressemble apparemment au terme équivalent en français et elle est similaire aussi à une expression allemande du même sens: vegetabishes Oel: prononcer véghétabîliches éul, où, pour lê premier mot, l’accent d’intensité est sur la quatrième syllabe (bî), lê deuxième i est ouvert et donc bref et le troisième e est faible.⁹⁴ (WOLFSON, 1970: 52).

Wolfson busca destruir os sons da língua materna e a principal alternativa encontrada é despistá-la através de outras línguas, o que constituirá um sistema formado não só por uma língua, mas por várias. Assim, Wolfson elege os vários signos que poderiam ocupar a mesma posição no sistema e adquirir um valor semelhante a “vegetable oil”. Além disso, com a

⁹⁴ “A expressão inglesa de óleo vegetal, vegetable oil, assemelha-se aparentemente ao termo equivalente em francês e é semelhante também a uma expressão alemã do mesmo sentido, vegetabishes Oel, pronunciada veguetabîliches êul, onde, para a primeira palavra, o acento de intensidade está sobre a quarta sílaba (BI), o segundo I é aberto e então breve e o terceiro E é fraco”. Tradução nossa.

possibilidade de vários signos ocupando a mesma posição, é nítido um processo de deslizamento dos elementos da cadeia.

Wolfson utiliza-se de regras fonéticas para justificar a modificação de tal signo. Desde criança, ele se dedicava a aprender as regras da fonética e da fonologia, e, ao explicar a origem ou a pronúncia de cada palavra, sempre fazia referência a alguma regra, como no caso acima, em que há um motivo, segundo ele, para a pronúncia de uma expressão alemã ser bem aceita.

Entretanto, nem todas as palavras poderiam adentrar ao grupo de escritura fina. Por isso, o sujeito tentava escapar das palavras que o incomodavam, tentando articular seu funcionamento particular da linguagem, buscando, principalmente, um remodelamento da realidade, característica própria da psicose. No entanto, parece-nos que Wolfson apresenta todos os elementos necessários à formação de um delírio, mas isso não se concretiza, pois ele se restringe a um deslizamento dos significantes sem ponto-de-basta.

4.3.1. Entre sons e significantes

No livro redigido por Wolfson, há a ideia de que o que mais incomodava o ‘moço esquizofrênico’ eram os sons, por isso a tentativa desesperadora de destruí-los de qualquer forma; nenhum som deveria se assemelhar àqueles da língua de sua mãe. Em um dos capítulos de seu livro, ele narra um encontro entre ele e o pai em um parque, num banco embaixo de uma árvore, parecida com um carvalho. Nesse ponto, Wolfson nomeia seu personagem como o ‘esquizofrênico’, ou o ‘alienado’. Ele descreve o parque, a brisa e ainda as pessoas que passam por ali, mais ainda, sua reação ao se deparar com essas pessoas. Por ser sempre acostumado ao silêncio, quando as pessoas passavam, Wolfson se desesperava e tampava os ouvidos para não ouvir nem mesmo o som da língua inglesa.

Para despistar-se dos sons, o autor carregava sempre consigo um livro francês ou alemão ou sugeria ideias de como seria bom carregar um rádio que transmitisse pelo menos umas cinco línguas estrangeiras ao mesmo tempo de uma maneira ensurdecadora. Assim, ele não precisaria ter contato algum com a língua da mãe. Ele comenta as expressões faciais do pai ao vê-lo naquele estado e ainda que o pai sugerira que ele aprendesse outras línguas, como o ídiche, língua em grande parte parecida com o alemão, diferenciando-se mais na pronúncia. Nessa língua, Wolfson poderia conversar com o pai, pois este também a dominava.

Wolfson já sabia o alemão, desse modo seria fácil aprender a língua requisitada pelo pai. Contudo, a língua alemã, em alguns aspectos, como o som, era muito parecida com sua língua materna, o inglês. Wolfson desesperava-se por isso e o pai sugerira ainda a língua francesa. O pai indicava todas essas línguas, mas não concordava que Wolfson devesse esquecer a língua materna, pelo fato de o inglês ser uma língua universal e muito requisitada em qualquer situação.

Mesmo assim, Wolfson continuava a aprender outras línguas, como o russo, língua que começara a aprender aos sete anos de idade e depois abandonara. Segundo ele, o russo seria fácil de aprender: “Quant a moi, je pourrais apprendre le russe em deux mois.” (WOLFSON, 1970: 37). O pai já não aceita o russo, por ser uma língua difícil de se compreender, mas Wolfson mesmo assim insiste. O pai, por fim, aceita a aversão de Wolfson pela língua ensinada pela mãe e o alerta quanto a algumas palavras com relação às quais não haverá como fugir da língua inglesa.

A descrição do modo como Wolfson lidava com as línguas pode ser considerada como uma descrição que contém todos os elementos necessários à formação delirante; há uma lógica própria do sujeito, há uma organização própria, mas tal organização não é sistematizada⁹⁵, ou seja, não há a concretização do processo de elaboração do delírio, já que ele, logo depois, propõe alguma outra possibilidade de escapar da língua inglesa, abandonando toda a elaboração anterior.

Assim, novos processos de conversão são iniciados, como as operações realizadas para escapar do signo árvore. Wolfson pensa no signo árvore, “arbre” em francês, “tree” em inglês, “treae” em russo, “ O autor explica o fato de não poder enunciar tal palavra nem mesmo na língua francesa, posto que a palavra apresentar uma semelhança de som à língua inglesa; há um *r* vibrante nas três línguas que o impede de falar, pois esse *r* traz a lembrança de sua língua materna:

Mais, du moins, le *r* le anglais tree s’était souvent immédiatement dédoublé dans l’esprit du esquizofrénique pour devenir un instant après le vocable français du même sens, c’est-à-dire pour devenir arbre. La voyelle –ee (prononcée *ê*) ne lui avait guère fait mal, probablement parce qu’elle est au

⁹⁵ Ver, no capítulo 3, as fases de elaboração do delírio.

bout du mot (quoique petit) et que les voyelles sont généralement moins importantes dans un mot que les consonnes (WOLFSON, 1970: 40).⁹⁶

O que mais incomodava o esquizofrênico, como Wolfson se considerava, eram as consoantes, principalmente aquelas com uma sonorização forte, pois elas entravam nele ferindo-o. Já as vogais não surtiavam o mesmo efeito, uma vez que sua sonorização seria mais fraca. Segundo Wolfson, o som do r incomodava o moço esquizofrênico, fosse ele “vibrante, dorsal ou apical”⁹⁷, pois representava uma forte lembrança da língua materna. Uma mesma forma de planta que a árvore, em russo, poderia ser nomeada como *derevo* (pronunciada *dériva*); nesta palavra há também um r que lembra sua língua materna, o que, segundo ele, revelava uma certa particularidade fonética das línguas eslavas compostas por uma “Metathèse”. Para Wolfson,

Certains vocables des langues germaniques et contenant un r ou un l ont le rapport phonétique suivant avec leurs congénères slaves: la consonne (l ou r) des mots germaniques est précédée d’une voyelle alors que la même consonne des congénères slaves est suivie de voyelle étymologiquement correspondante ou homologue⁹⁸ (WOLFSON, 1970: 41).

Várias palavras são convocadas pelo autor para escapar do som da palavra *tree*, provocado pela força da consoante r. Ele recorre a várias línguas que pudessem auxiliá-lo na fuga da língua inglesa, desestabilizando a organização do sistema e provocando um deslizamento de significantes. Do problema com o r, Wolfson desliza para o problema com o l, citando, então, outros exemplos de palavras procedentes do inglês. O l de *lait* em francês aparece em outra posição no inglês *milk*, *milch* no alemão, *mleko* em polonês e *moloko* em russo. Mesmo tentando escapar da lembrança da língua materna, Wolfson se depara sempre com algum som que traga a lembrança da língua inglesa. Isso porque, como ele mesmo explica, há um parentesco entre certas línguas, como é o caso de línguas eslavas.

Wolfson relata-nos um problema com os sons, que são a parte material e física do significante. Os sons são distintos do significante (imagem acústica), apesar de estarem

⁹⁶ “Mas o r do inglês ‘tree’ era frequentemente imediatamente dividido na mente do esquizofrênico, para tornar-se um momento após o vocábulo francês do mesmo sentido, ou seja, para tornar-se uma árvore. A vogal –ee (pronunciada i) não fazia tão mal para ele, provavelmente porque se encontra no final da palavra (coisa mínima) e que as vogais são geralmente menos importantes que as consoantes numa palavra”. Tradução nossa.

⁹⁷ Essas são as designações fonéticas atribuídas pelo autor. (WOLFSON, 1970: 41).

⁹⁸ Algumas palavras de línguas germânicas que continham um r ou l tinham uma semelhança fonética com suas consoantes eslavas (l ou r); palavras germânicas eram precedidas por uma vogal, enquanto a consoante eslava era seguida de vogal etimologicamente correspondente ou homólogos (Wolfson, 1970: 41).

associados a ele: “Esta (imagem acústica) não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal é a imagem sensorial e, se chegarmos a chamá-la material, é somente neste sentido, e por oposição a outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato” (SAUSSURE, 1973: 80).

Contudo, ao recusar os sons, ele busca significantes de outras línguas, que apresentarão um som distinto, mas o significante, conseqüentemente, também será diferente. Tal procedimento produzirá um efeito próprio da psicose em sua relação com a linguagem, que comumente se baseia na relação do sujeito com os significantes.

Se a relação de Wolfson com os sons da língua inglesa é afetada, logo sua relação com os significantes também será distinta. Contudo, ao realizar os procedimentos que julga necessários para escapar dos sons da língua materna, ele preserva os significados, trocando apenas os significantes que compõem um signo por outros de mesmo valor naquela posição ocupada no sistema.

Saussure observa que o significante nunca pode estar desmembrado de seu significado, os dois estão associados sempre para a formação do signo: “A entidade linguística só existe pela associação do significado e do significante; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se pura abstração.” (SAUSSURE, 1973: 119).

Ao tentar desmembrar significante de significado, Wolfson depara-se com a dificuldade em realizar tal procedimento, como no momento em que ele tenta não ler uma palavra para não depreender seu significado. Como não é permitido pelo sistema um desmembramento dos signos, Wolfson busca, então, outros significantes possíveis em outras línguas, adquirindo um mesmo valor no sistema.

A desestabilização na cadeia, provocada pela busca de outras palavras de línguas distintas, parece ser a fase inicial de construção de um delírio, quando o sujeito se depara com a desestabilização e não sabe lidar ainda com tal fato. No entanto, no caso de Wolfson, há uma busca imediata por uma alternativa possível para tamponar tal desestabilização, que são as conversões de uma língua a outra. Contudo, as conversões associam-se mais ao deslizamento, do que a uma reestabilização da cadeia.

4.3.2. As possibilidades de signo para uma mesma posição no sistema

A constante operação de substituição de signos no sistema encadeada por Wolfson objetiva destruir ou destituir os sons da língua materna que lhe são inconvenientes:

Ainsi, son appétit, son hypocondrie au sujet de sa pression artérielle, son besoin compulsif d'éviter les mots anglais ou du moins de les changer instantanément en mots étrangers ayant à la fois un sens et un son similaires au mot correspondant em anglais, sa psychose en général contraignaient le malade mental à prendre de fortes mesures pour se débarrasser et pour pouvoir se débarrasser à l'instant de l'embêtant vocable anglais signifiant abréviation aussi bien que graisse, même s'il lui fraudait doubler en quelque sorte, même tripler préalablement, la première consonne (le son ch) et ainsi créer pour um instant la monstruosité: shshshshortening , pour pouvoir enfin vraiment démembrer lê vocable anglais, maintenant sans doute hideux em virité, et l'anéantir (WOLFSON, 1970: 54).⁹⁹

No fragmento acima, o autor relata que havia uma necessidade incontrolável em eliminar os sons da língua materna e, sendo assim, ele os alterava por outras palavras com o mesmo sentido e um som similar. Podemos comparar a operação efetuada pelo autor ao jogo de xadrez, no qual se trocam as peças, porém elas continuam executando a mesma função que as anteriores.¹⁰⁰ Em outras palavras, Wolfson lida com o valor dos signos que se articulam no sistema, porém, ao invés de buscar substitutos de uma mesma língua, ele busca substitutos de línguas distintas; a língua inglesa não é suficiente, já que seus sons devem ser destruídos.

Ele cria ainda outras possibilidades de sons para alguns signos, o que resultará na perda de significação de alguns deles, como no caso acima, do signo “shshshshortening”, cuja significação é ausentada, tornando-se um vazio, um material sonoro com a predominância de um som que o incomoda, o ch. Nesse caso, se há algo desprovido de significação, não chega a ser um signo e, portanto, torna-se mera abstração sem valor no sistema.

⁹⁹ “Assim, o seu apetite, sua hipocondria a respeito da pressão arterial, a sua necessidade compulsiva de evitar as palavras inglesas ou pelo menos de alterá-las instantaneamente em palavras estrangeiras que têm ao mesmo tempo um sentido e um som similar à palavra correspondente em inglês, a sua psicose em geral, forçava o paciente mental a tomar fortes medidas para desvencilhar-se e para poder desvencilhar-se no momento do importunante vocábulo inglês que significa abreviatura, assim como gordura, mesmo que lhe fosse preciso duplicar de certa forma, mesmo triplicar de antemão, a primeira consoante (o som ch) e assim criar para um momento a monstruosidade: shshshshortening, para poder enfim realmente desmembrar o vocábulo inglês, agora sem dúvida hediondo em verdade e destruí-lo”. Tradução nossa.

¹⁰⁰ Saussure nos apresenta o exemplo do jogo de xadrez para estabelecer uma relação com o sistema linguístico. Para ele, cada peça no tabuleiro, assim como cada elemento no sistema, apresenta um valor determinado. Se as peças forem trocadas, mas ocuparem uma mesma posição, o valor continuará o mesmo.

Wolfson também cria possibilidades de um signo estabelecer um valor em relação aos outros, como no exemplo no qual o óleo vegetal servirá como ingrediente ou como um produto benéfico à saúde, dependendo, portanto, da posição ocupada em relação aos outros. Todas essas operações de substituições de signos, deslocamentos de significantes e as mudanças de posição em relação aos demais apenas são possíveis por haver mecanismos responsáveis pela movimentação destes no sistema, como é o caso das relações sintagmáticas e associativas.

4.3.3. Um mecanismo de língua imotivado: relações sintagmáticas e associativas

Em um dos episódios relatados, Wolfson recorda que a mãe sempre perdia objetos pela casa e, posteriormente, saía em busca deles em cada cômodo. Quando ela perguntava onde estava qualquer objeto, ao invés de usar “Où”¹⁰¹, ela pronunciava “Where”¹⁰², naturalmente, por ser o inglês sua língua de origem. No entanto, tal pronúncia atrapalhava tanto ao moço esquizofrênico, que ele relata que era obrigado a tampar os ouvidos, para que os sons da língua inglesa proferidos pela mãe não penetrassem em seu espírito.

Ao ouvir os sons de uma palavra da língua materna, Wolfson logo criava estratégias para despistar-se dos sons dessa língua. Assim, uma das alternativas era desmontar a maioria das palavras: “Il connaissait très bien l'allemand *wo* (vô=où) qu'il croyait en effet avoir une parenté étymologique avec l'anglais *where*, quoique la parenté lui parût plutôt étonnante car il ne savait pas la forme du mot en ancien haut allemand: (h) *war*” (WOLFSON, 1970: 65).¹⁰³

Wolfson continua a trabalhosa operação de remanejamento dos significantes, desmontando-os letra por letra. Como as vogais não são importantes, pois, segundo o autor, elas não penetram no espírito do esquizofrênico como as consoantes, ele continua com a consoante *r*, explicando seu parentesco e sua utilização em outras línguas. Assim, um infundável processo se inicia, resultando no reconhecimento, por parte do próprio Wolfson, da

¹⁰¹ Onde, na língua francesa.

¹⁰² Onde, na língua inglesa.

¹⁰³ “Ele conhecia bem efetivamente o alemão *wo* (vô=où), que acreditava, com efeito, ter um parentesco etimológico com o inglês *where*, embora o parentesco parecesse-lhe antes interligado porque não sabia a forma da palavra antiga elevada alemão: (H) *war*”. Tradução nossa.

complexidade dos mecanismos criados por ele para tentar se desvencilhar da arbitrariedade do funcionamento da língua inglesa:

Par conséquent, l'aliené ne sentait guère triste, mauvais, coupable d'avoir écouté sa mère, et il pouvait donc penser plutôt calmement et logiquement au vocable anglais en question (where) et à un possible rapport de ce dernier avec un autre mot, étranger bien sûr (et ce serait naturellement une relation non nécessairement ayant une base linguistique réelle)... (WOLFSON, 1970: 67).¹⁰⁴

Wolfson acredita que suas construções languageiras em nada se parecem com uma base linguística real, ou seja, não se parecem com nada relacionado aos mecanismos da língua, e, sentindo-se mal por ouvir a mãe, ele busca como alternativa realizar suas operações para burlar as regras da língua. Todavia, suas operações de remanejamentos de significantes e articulação do sistema em muito se assemelham ao funcionamento geral da língua proposto por Saussure, mas é adequado pontuar que existem diferenças que causam um efeito peculiar na articulação da língua.

De acordo de Ferdinand Saussure, o funcionamento dos mecanismos da língua procede da seguinte maneira:

O conjunto de diferenças fônicas e conceptuais que constitui a língua, resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua ; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento (SAUSSURE, 1973: 148).

As relações sintagmáticas e associativas são, na teoria saussureana, importantes mecanismos do funcionamento da língua. As relações sintagmáticas e associativas são propostas por Saussure para enfatizar a lógica de funcionamento da língua, as primeiras responsáveis por uma organização da língua e, as segundas, presentes em ausências, são invocadas da exterioridade.

¹⁰⁴ “Por consequência, o alienado não se sentia nada triste, mau, culpado de ter ouvido sua mãe, e ele podia, por conseguinte, pensar antes calmamente e logicamente no vocábulo inglês em questão (where) e em uma possível relação deste último com uma outra palavra, estrangeira, é claro (e seria, naturalmente, uma relação não necessariamente que tem uma base linguística real)”. Tradução nossa.

Wolfson utilizava-se constantemente das relações associativas para encadear suas operações languageiras, visto que ele sempre tentava, imediatamente, barrar a invasão dos sons da língua materna buscando outras palavras que pudessem preencher o vazio deixado pela palavra do idioma materno, ou seja, como se houvesse uma ruptura na cadeia significante.

Mesmo com a prevalência das relações associativas, não podem ser excluídas as relações sintagmáticas, posto que Wolfson não enuncia dois elementos ao mesmo tempo, e apenas o modo como ele encadeia os significantes é distinto. Contudo, como afirmado acima, há uma prevalência das relações associativas, supõe-se que seja uma das razões do remanejamento contínuo de significantes que variam de uma língua a outra.

Na escrita de Wolfson, podemos encontrar uma movimentação dos elementos da língua, que sugere que haja metonímia sem metáfora, pois o autor tenta o tempo todo deslocar os elementos da língua, produzindo um deslizamento incessante de significantes. Os deslocamentos produzidos por Wolfson parecem ser infundáveis, isso porque, na psicose, há uma ausência de ponto-de-basta, ou seja, do significante paterno.

Como pode ser observado nos exemplos anteriores, uma palavra nunca é suficiente para Wolfson, pois ele tenta sempre deslocar para alguma outra, e mais, seus deslocamentos envolvem mudanças de uma língua para outras. Todos esses processos são encadeados com um único objetivo: escapar da língua ensinada pela mãe, o inglês.

4.4. A recusa a uma língua “mãe” de Wolfson

A língua materna é a primeira, aprendida na infância como herança da mãe, e está presente no processo de aquisição da linguagem; ela participa, portanto, da fundação do psiquismo do sujeito. Novaes, a partir de pontuações realizadas por Revuz, pontua como se define a língua materna:

A língua materna é a língua da primeira infância, investida passionalmente de afetos e fundadora do psiquismo do sujeito. A voz, as palavras da mãe são fontes de prazer ou de desprazer (...) os objetos e as palavras adquirem valores em uma linguagem tecida a partir do desejo do Outro. A maneira como um sujeito se relaciona com a língua é sintomática de sua organização psíquica (...) na língua materna a operação de nominação é sempre

simultaneamente uma operação de predicação (REVUZ, 2002, apud NOVAES, 2005: 132).

Desse modo, essa língua que participa na fundação do psiquismo é movida e tecida a partir de um desejo do Outro, representado pela mãe, uma mãe que introduz a língua para um sujeito em formação, aquele sujeito que posteriormente constituirá seu próprio desejo, mas que se organiza, anteriormente, pelo desejo materno, daí o adjetivo “língua materna”.

Desse modo, a língua materna se liga ao desejo, posto que há uma mãe movida por um desejo que se estende ao filho, no entanto, a partir da interdição dessa mãe, o filho poderá construir seu próprio desejo e, portanto, constituir sua língua materna: “a língua materna é aquela na qual, graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejo daquilo que é impossível” (MELMAN, 1992: 33). Melman observa que é pela via do significante que o sujeito se constitui como tal e o seu modo de remanejamento institui um sujeito. O significante constituirá a linguagem e, ainda, o inconsciente; tal significante será, inicialmente, o Nome-do-Pai.

No contato com a língua que não é a sua de origem, Wolfson escapa da mãe, dessa relação não interditada com a figura materna. Além de escapar da língua materna, Wolfson também recusa as ações realizadas pela mãe, aquela que sempre o interna em clínicas psiquiátricas e penetra com sua voz no espírito do esquizofrênico com sua língua inglesa: “quand maman serait de retour, elle se pénétrait en toute hâte de paroles anglaises en criant d'un ton triomphal et donc d'autant plus embêtant quelque chose comme: Quois, tu n'as encore rien mangé en tout ce temps!”¹⁰⁵ (WOLFSON, 1970: 46).

A partir daí, nota-se uma relação problemática mantida com a língua materna, ou, a saber, com a língua da mãe. Wolfson é submetido a uma condição de objeto, principalmente em relação à mãe, que designa todo e qualquer passo dado por ele; ela o interna, o retira da clínica, exerce sobre ele uma função de dona. Desse modo, Wolfson, em seu livro, relata que “Sa mère tenait en effet le rôle déterminant e définitif dans les décisions importantes de l’hospitaliser ou non.”¹⁰⁶ (WOLFSON, 1970: 29).

¹⁰⁵ “Quando mamãe regressasse, ela introduziria rapidamente palavras inglesas, gritando num tom triunfal e, por conseguinte, tanto mais aborrecedor, algo como: ‘Como assim, você ainda não comeu nada em todo este tempo!’” Tradução nossa.

¹⁰⁶ A sua mãe tinha de fato o papel determinante e definitivo nas decisões importantes de hospitalizá-lo ou não. Tradução nossa.

De acordo com Aulagnier, “É preciso ver que, para Wolfson, há dois objetos temidos e evitados que se unem, dobrando assim sua potência maléfica; a voz da mãe e a língua por ela empregada” (AULAGNIER, 1990: 63). Sobre a relação de Wolfson com a voz da mãe relacionada aos sons da língua materna, Salzano observa:

Parece não ser, portanto, o sentido das palavras, mas os sons das palavras que o enredam nesse mal estar, algo que, anterior a elas, as acompanha, um afeto que se impõe em bloco através da tonalidade da voz da mãe. A voz materna, o uso que a mãe faz da língua inglesa e esta, por extensão, enquanto utilizada por toda uma comunidade da qual sua mãe é parte, todas essas vozes reverberam no seu cérebro, e fazem com que Wolfson, para neutralizar esse desejo da mãe de lesá-lo e para agir sobre os efeitos dessa voz, faça suas operações sobre a língua. Procura, nos vocábulos escritos ou falados dessa língua ou de outras línguas, o apoio necessário para o uso que sua mãe faz do inglês. Esse apoio ele encontra pela via da escrita, no esqueleto consonantal da língua, pois ele diz que as vogais não lhe importam e que as consoantes são mais estáveis, permitindo o despedaçamento mais eficiente de um vocábulo. Isso o autoriza a identificar as correspondências consonânticas com o que ele chama de congêneres nas outras línguas. Seu objetivo em fazer desaparecer um vocábulo é alcançado, então, quando uma relação termo a termo for estabelecida com um outro, entre as cinco línguas de que o autor dispõe. Queremos destacar aqui que Wolfson procura resolver com o escrito esse mal estar com relação à tonalidade da voz, como se o escrito o remetesse a uma espécie de origem, ao momento mesmo da inscrição das marcas da linguagem no corpo. (SALZANO, 1999: 78)

Como já foi pontuado outras vezes neste trabalho, segundo Salzano, o único objetivo de Wolfson em estudar diversas línguas era escapar da relação com a mãe, e a alternativa encontrada por ele era destruir os sons da língua materna, principalmente aqueles nos quais as consoantes apresentavam uma fonação mais intensa, tanto que as vogais não lhe interessavam, por não serem tão agressivas.

Wolfson se recusa a pronunciar qualquer palavra que lembre o idioma materno; trata-se, possivelmente, de uma recusa ao desejo materno, o qual está colado ao sujeito no caso da psicose. Na psicose, o sujeito encontra-se preso no espelho, como extensão do desejo materno, como enuncia Vorcaro: “Na psicose, o Outro maternante não pôde conduzir seu filho à antecipação diante do espelho, que lhe dá posse a um corpo e a uma posição. Trata-se da impossibilidade de o Outro materno antecipar que ela teria que fazer o luto dessa criança que vai se destacar dela” (VORCARO, 2003: 214).

O Outro maternante conduzirá o filho à passagem de organismo a corpo, contudo, isso só acontecerá se houver um luto dessa criança; ela deverá sair da posição de extensão do

corpo materno, ou do espelho, como observa Vorcaro: “O agente materno toma o organismo vivo como um corpo, antecipando um funcionamento corporal ao que ainda é organismo” (VORCARO, 2003: 209). Entretanto, como é explicitado acima, no caso de Wolfson, há uma impossibilidade do agente materno em se destacar dessa criança.

Vorcaro utiliza-se do adjetivo agente *materno* ou *maternante* para diferenciá-lo da ideia de mãe biológica. Agente maternante seria aquela que participa na constituição do sujeito na linguagem, seja em qual estrutura for, é aquela que ocupa a posição materna. Já a mãe é aquela que dá à luz o bebê, que tem parentesco biológico com a criança. No caso de Wolfson, como é explicitado em seu relato, o agente maternante e a mãe parecem ser coincidentes.

No caso de Wolfson, o funcionamento da linguagem torna-se específico, além dos processos já citados, também por sua relação peculiar com as línguas. Além de não falar sua língua, recusa-se também a escutá-la, pois, segundo ele, há uma impossibilidade em escutá-la, o que dificulta qualquer relação com a língua inglesa, inclusive de interação. Outro ponto importante é que ele não realiza tradução, mas troca letra por letra, palavras com as quais se sente incomodado tanto em um idioma quanto em outro. Ele tenta um jogo de manipulação da língua.

Wolfson, ao recusar sua língua materna, faz recusa à figura materna, restando-lhe, conseqüentemente, a fuga a outra língua. Sobre a posição de Wolfson diante da figura materna, Deleuze observa:

Les moyens de défense sont complexes, puisqu'il doit se protéger de toutes les façons possibles à la fois contre la voix de la mère: dès que sa mère approche; il mémorise dans sa tête une phrase d'une langue étrangère; il a sous les yeux un livre étranger(...) (DELEUZE, 1970: 11).¹⁰⁷

Quanto mais ele recusa os sons da língua inglesa, mais se aproxima da língua, pois, à medida que Wolfson tenta burlar as regras, tentando tamponá-las por meio de outras, mais ela se fará presente em seu funcionamento. Tal procedimento se realiza devido à ausência do Nome-do-Pai, o significante paterno que seria responsável pela castração do sujeito, ou seja,

¹⁰⁷ “Os meios de defesa são complexos, pois ele deve se proteger de todas as maneiras possíveis ao mesmo tempo contra a voz da mãe: logo que a sua mãe se aproxima; memoriza na sua cabeça uma frase de uma língua estrangeira; tem sob os olhos um livro estrangeiro (...)”. Tradução nossa.

por estabelecer na cadeia significante uma barra que poderia conter o deslizamento de significantes.

4.5. Uma carência do significante paterno

A expressão “Nome-do-Pai” foi bastante discutida na teoria lacaniana em meados de 1955. Tal termo é introduzido posteriormente à noção de metáfora paterna. O autor toma emprestado o termo dos escritos bíblicos, onde o Nome-do-Pai seria o nome de Deus. Quando se comenta sobre o Nome-do-Pai, põe-se em questão a função do pai e qual pai seria esse.¹⁰⁸

Lacan ressalta ser um pai simbólico, aquele que age na relação entre os significantes da cadeia. Para ele, o pai simbólico é “uma necessidade da construção simbólica, que só podemos situar num mais-além, diria quase que numa transcendência, pelo menos como um termo que, como lhes indiquei de passagem, só é alcançado por uma construção mítica” (LACAN, 1956: 225).

No Seminário 3, Lacan sustenta que o Nome-do-Pai age, portanto, como responsável por instaurar a lei paterna no sujeito, sendo também um nomeador. Desse modo, a partir da lei paterna, configurar-se-ão as instâncias de constituição do real, simbólico e imaginário e “é no Nome-do-Pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei” (LACAN, 1954: 279).

Na escrita de Wolfson, pode-se considerar uma organização linguageira própria da psicose, especialmente nos casos de esquizofrenia, pois há um trabalho em torno dos significantes para mantê-los em constante remanejamento na cadeia significante.

Wolfson cria uma relação singular com os significantes, posto que o significante na psicose se articula e se funda de modo distinto. Segundo Lacan, há um significante primordial (S1) não combinado com o significante que responde ao Outro (s2), por isso não se produz a barra de separação entre eles, e, conseqüentemente, não há sujeito barrado na psicose. O Nome-do-Pai será o significante primordial (S1) e tal significante produzirá a barra para parar o deslizamento significante. Segundo Lacan, não seria possível pensar o Nome-do-Pai sem a ideia do significante, e, além disso, o significante Nome-do-Pai é essencial à constituição da linguagem. Ele, porém, não entra na construção do sujeito na psicose.

¹⁰⁸ Porge realiza pontuações sobre o conceito de Nome-do-Pai no livro *Os Nomes-do-Pai*.

É nesse ponto que Wolfson se destaca, pois na ausência e no fracasso do Nome-do-Pai, ele recorre à língua como possibilidade de construção de um ponto-de-basta por meio de uma operação que parece ser delirante.

O delírio, ou a metáfora delirante, consistirá em conter o deslizamento da cadeia significante, uma tentativa de ater-se não só à realidade, mas também à articulação da linguagem; todo o remanejamento de significantes realizado na psicose será contido pelo delírio. Por isso o delírio é importante e essencial à psicose, pois ele tenta executar uma função que fora fracassada ao tentar instaurar-se o Nome-do-Pai. Pela falta do Nome-do-Pai, o delírio será a sustentação do sujeito na psicose, pois ele possibilitará uma reconstrução da realidade.

O ponto de sustentação de Wolfson parece se relacionar à tentativa de suplência do Nome-do-Pai através da relação mantida com as várias línguas. Há uma tentativa de suplência do Nome-do-Pai na escrita de Wolfson ao tentar destruir os sons da língua materna. Essa parece ser sua construção delirante, contudo investigaremos se ela pode ser considerada a partir dos relatos do autor.

4.6. A sustentação pelo delírio, uma criação de uma nova realidade

O delírio apresenta, então, uma lógica de estruturação e ainda uma riqueza em seu conteúdo, as quais são importantes para a construção de uma nova realidade, sua principal especificidade. Sendo assim, a realidade é recriada a partir de algo que é do sujeito e apresenta uma lógica de construção de sua estrutura.

Wolfson realiza, segundo ele mesmo nomeia, processos de conversão, os quais consistem na passagem de uma língua a outras, através do desmonte de uma determinada palavra, para destruir os sons que lembrem a língua materna. Segundo Deleuze, Wolfson realiza “processos de conversão” de uma língua para outras minuciosamente detalhados. Os sons das palavras o incomodam e, assim, ele desmonta as palavras para retirar delas o som desagradável. A partir daí, ele busca, em outras línguas, palavras que possam tamponar aquele som. Segundo Deleuze, no prefácio da obra de Wolfson,

Son procede scientifique est le suivant: um mot de la langue maternelle étant donné, trouver un mot étranger de sens similaire, mais aussi ayant des sons ou des phonèmes communs (de préférence em français, allemand, russe ou hébreu, les quatre langues principalement étudiées par l’auteur). Une phrase maternelle quelconque sera donc analysée dans ses éléments et mouvements

phonétiques, pour être convertie le plus vite possible en une phrase d'une ou plusieurs langues étrangères à la fois... (WOLFSON, 1970: 6).¹⁰⁹

O fragmento acima descreve os processos conversivos realizados Wolfson, nos quais se parte da língua inglesa para qualquer outra que possa apresentar fonemas comuns ou significados semelhantes. No entanto, quanto mais Wolfson tenta escapar da língua materna, mais presente ela estará em seu funcionamento, pois é a partir dela que se estabelece toda e qualquer relação com as outras línguas.

Em função de um único objetivo, que consiste em não ouvir os sons da língua inglesa, Wolfson recorria a todas as formas possíveis de não ouvir o som da língua inglesa, como no caso abaixo, no qual ele se esforçava com o auxílio dos dedos da mão, friccionando os ouvidos para obstruir a passagem de som:

Le plupart du temps, ainsi questionné par sa mère, l'étudiant aliéné se pressait les doigts plus fortement dans les canaux auditifs tout en oscillant sans cesse le bout de ces premiers pour en créer un son continu par la friction de la peau et de l'ongle contre la peau et le cartilage sous-jacent desdits canaux et par la variation continue ainsi produite de la pression de l'air entre le doigt bouchant l'oreille et la membrane étant donc déplacée incessamment et transmettant cette motion à l'organe sensoriel de l'audition (lê transformateur de l'onde sonore em phénomène physiologique) par l'intermédiaire naturellement de la chaîne de trois osselets d'oreille moyenne et du liquide dit endolymphique, contenu dans l'oreille interne et remplissant l'organe sensoriel de l'audition comme aussi l'organe d'équilibration ou d'orientation (WOLFSON, 1970: 64).¹¹⁰

¹⁰⁹ “O seu método científico é o seguinte: uma palavra da língua materna sendo dada, encontra-se uma palavra estrangeira de sentido similar, mas também tendo sons ou fonemas comuns (preferivelmente no francês, alemão, russo ou hebraico, as quatro línguas principalmente estudadas pelo autor). Uma frase materna qualquer será, por conseguinte, analisada nos seus elementos e movimentos fonéticos, para ser convertida o mais rapidamente possível numa frase de uma ou várias línguas estrangeiras ao mesmo tempo...”. Tradução nossa.

¹¹⁰ “A maior parte do tempo, assim questionado por sua mãe, o estudante alienado pressionava os dedos com bastante força nos canais auditivos enquanto balançava incessantemente a ponta destes primeiros para criar um som contínuo pela fricção da pele e das unhas contra a pele e, pela cartilagem subjacente dos tais canais e pela variação contínua assim produzida da pressão do ar entre o dedo que tapa a orelha e a membrana por conseguinte é deslocada incessantemente e transmitida esta moção ao órgão sensorial da audição (o transformador da onda sonora em fenômeno fisiológico) pelo intermédio natural da cadeia de três ossinhos do ouvido médio e do líquido dito endolínfico, contido no ouvido interno e enchendo o órgão sensorial da audição como também o órgão de equilíbrio ou de orientação”. Tradução nossa.

Acima, o autor explica como procedia para não ouvir as palavras pronunciadas pela mãe na língua materna. Ele buscava tapar os ouvidos de um modo que as ondas sonoras não pudessem penetrar pelos seus ouvidos; para tanto, exercia uma força brutal com os dedos para impedir a invasão do som.

No fragmento acima, a fuga do som da língua da mãe é uma questão importante para Wolfson, é o que parece movê-lo para a criação de uma nova realidade, uma criação delirante. Quando ele não conseguia se livrar da língua inglesa utilizando a forma descrita acima, ele então recorria aos remanejamentos de significantes, como no caso abaixo:

Le mot anglais pour hommes, *men* (prononcé *mèn*), ne lui causait pas ce mal, étant le même en prononciation que le mot correspondant en allemand, *Männer*, sauf que dans celui-ci il y a y a apparemment le suffixe apparemment le suffixe *-er* (prononcé environ *-eur*, mas non accentué), qui aide à donner la marque du pluriel. Donc, l'étudiant de langues schizophrénique n'avait qu'à ajouter à ce suffixe vocable anglais masculin et pluriel (*men*= hommes) ce suffixe allemand non accentué (*-er*) pour se débarrasser du mot de sa langue maternelle - lequel, sans bénéfice d'un tel mécanisme, lui serait probablement douloureux. (WOLFSON, 1970: 60).¹¹¹

Wolfson elege um significante e a partir dali cria as operações de remanejamento, verdadeiras operações metonímicas, como no caso citado a seguir, no qual ele escolhe o significante homem para demonstrar que, na sua língua, este era um signo que não lhe fazia mal devido ao som pronunciado.

Wolfson parecia não se preocupar com a significação de tal palavra, seu objetivo mesmo era desmontar o significante, eliminando todos os sons que pudessem incomodá-lo. Nota-se que, mesmo que a pronúncia de *men* não fosse tão problemática a seu ponto de vista, ele mesmo assim recusaria tal significante pelo simples fato de estar integrando a língua inglesa. Desloca-se então de *men* para *hommes*, e, em seguida, por *Männer*, iniciando um processo metonímico sem o encadeamento de uma metáfora. Todavia, ele afirma que só é possível escapar da língua materna tomando para si o sufixo do alemão *-er*, o que resultaria em uma palavra parecida com “*menner*”.

¹¹¹ “A palavra inglesa para homens, *men* (pronunciado *mèn*), não lhe causava este mal, estando o mesmo em pronúncia que a palavra correspondente em alemão, *Männer*, salvo que nesta há aparentemente o sufixo *-er* (pronunciado como *-eur*, mas não acentuado), que ajuda a dar a marca do plural. Por conseguinte, o estudante de línguas esquizofrênico tinha apenas que acrescentar a este sufixo vocábulo inglês masculino e plural (*men*=homens) este sufixo alemão não acentuado (*-er*) para desvencilhar-se da palavra da língua materna – a qual, sem benefício de tal mecanismo, ser-lhe-ia provavelmente doloroso”. Tradução nossa.

Parece-nos que há uma lógica nessa construção de Wolfson, posto que há um momento no qual ele se depara com a ruptura da cadeia significante, mas não sabe, inicialmente, lidar com tal acontecimento. A recusa dos sons da língua inglesa que invadem o sujeito, ferindo-o, parece ser o ponto de desestabilização da cadeia significante, ou seja, é quando o sujeito se desestabiliza e sua realidade é afetada.

Maleval introduz, em seu livro, uma parte destinada à explicação da perplexidade inicial do início da psicose, marcada por algumas características, citadas pelo autor:

mutisme initial et incapacite de raconter l'expérience; imprévisibilité de l'évolution; abandon de toute recherche d'aide auprès de quiconque; sentiment d'un mouvement inexorable qui entraîne l'ensemble des hommes vers une fin, une solution, um changement inconnus mais au sein desquels le role du sujet doit être important; instabilité émotive [...]. (MALEVAL, 2000: 101).¹¹²

O período inicial de ruptura e aparecimento de uma psicose parece ser bem demonstrado por Wolfson, que relata sua nítida desestabilização ao lidar com os sons da língua. O autor não consegue encontrar uma razão para sua recusa, ele apenas não consegue suportá-los.

A desestabilização do sujeito, segundo Maleval, trata-se do deslocamento do gozo, o que comprometerá todo o funcionamento linguageiro, ou seja, haverá uma ruptura na cadeia significante: “La rupture initiale de la chaîne signifiante produit chez l'ê psychosé l'ê sentiment d'une perturbation de l'ordre du monde, la sensation de l'approche d'un trou, puis, parfois, l'impression d'avoir à résoudre un problème central et énigmatique.”¹¹³ (MALEVAL, 2000: 111). Em outras palavras, com a ruptura da cadeia significante, instala-se um buraco no registro simbólico e o sujeito se depara com a dificuldade em lidar com seu problema enigmático; seu enigma será a elaboração de uma construção delirante para conter tal o rasgo no registro simbólico.

¹¹² “Silêncio inicial e incapacidade de contar a experiência; imprevisibilidade da evolução; abandono de toda busca de ajuda junto a quem quer que seja; sentimento de um movimento inexorável que provoca o conjunto dos homens para um fim, uma solução, uma mudança desconhecida, mas no seio dos quais o papel do sujeito deve ser importante; instabilidade emocional [...]”. Tradução nossa.

¹¹³ “A ruptura inicial da cadeia significante produz um sentimento de perturbação psicótica na ordem do mundo, a sensação de se aproximar de um buraco, e às vezes, a impressão de ter de resolver um problema central e enigmático”. Tradução nossa.

A ruptura na cadeia significante, segundo os relatos de Wolfson, instala-se toda vez que ele se depara com a língua inglesa e, a partir daí, sua alternativa é tentar escapar desta língua, fazendo assim associações peculiares. Segundo Maleval, logo após se deparar com a ruptura, o sujeito é quase automaticamente levado a realizar associações languageiras peculiares: “Toutefois, de prime abord, la dimension dela signification se dérobe si radicalement que le sujet ne parvient guère à formuler ce qui se produit¹¹⁴” (MALEVAL, 2000: 111). Wolfson não consegue articular as significações atribuídas por ele após a ruptura da cadeia significante, e parece ser esse o enigma, o sujeito não se dá conta de uma articulação produzida por ele. Tal procedimento, considerado quase automático, é chamado de automatismo mental, termo emprestado da teorização de Clérembault no início do século XX.

O automatismo mental, segundo Maleval, é a forma mais pura de descarrilhamento dos significantes, que acontecerá logo após a ruptura da cadeia. O descarrilhamento de significantes apresentado por Wolfson, devido à sua questão estar relacionada com uma língua, é produzido de uma língua a outras. O automatismo mental é representado pelos seguintes exemplos:

- L'écho de la pensée em est le principal, auquel peut s'ajouter l'énonciation des actes;
- d'autres, purement verbaux, consistent em mots explosifs, jeux syllabiques, krielles de mots, absurdités et non-sens;
- d'autres encore, purement psychiques, sont constitués par des intuitions abstraites, des valléités abstraites, des arrêts de la pensée abstraite, ou par le dévidage muet de souvenirs;
- enfin, les actes et les souvenirs, les questions et pensées se répondant seraient em general plus tardifs.¹¹⁵ (MALEVAL, 2000: 112).

Maleval observa que Lacan introduz o conceito de automatismo mental, proposto por Clérembault, contudo ele acrescenta que a ruptura da cadeia significante se dá devido a uma carência do significante paterno: “Elle témoigne de la forclusion du Nom –du-père et de ce

¹¹⁴ “No entanto, à primeira vista, a dimensão da significação escapa tão radicalmente, que o sujeito é pouco capaz de articular o que se produz”. Tradução nossa.

¹¹⁵ “O eco do pensamento é o principal, ao qual pode ser adicionado à enunciação dos atos;
- Outros, puramente verbais, consistem em palavras explosivas, jogos silábicos, palavras absurdas e sem sentido;
- Ainda outros, puramente psíquicos, são constituídos por intuições abstratas, paradas do pensamento abstratas, ou o esvaziamento mudo de lembranças;
- Finalmente, as ações e as lembranças, as questões e pensamentos se respondendo seriam em geral mais tardios”. Tradução nossa.

qu'elle implique, à savoir une carence de la fonction du signifiant unaire (S1) à représenter le sujet auprès des autres signifiants (s2).”¹¹⁶ (MALEVAL, 2000: 114).

Segundo Maleval, “La forclusion du nom-du-père dans la structure entraîne la non-fonction du phallus symbolique¹¹⁷.” (MALEVAL, 2000: 115), o que quer dizer que, da mesma forma que o pai simbólico não se constitui na psicose, também não haverá castração e, portanto, não haverá também o falo simbólico. O autor ainda observa se há uma não-função do falo simbólico. Para exemplificar a ausência da função paterna e, consequentemente, da significação fálica, Maleval apresentará um trecho da obra de Wolfson, explicando algumas características de seu funcionamento:

Quand Wolfson s’essaie à la recontre avec une prostituée, il décrit de manière exemplaire l’absence de l’imaginaire phalique: lê schizophrène, comme il se qualifie lui-même, se retrouverait saoudainement sortide la fille de joie, sans avoir trouvé aucune joie, aucun ravissement, entre les lèvres de la vulve ni de son vagin, lesquels lui auraient semblé quelque peu comme un véritable vide, comme un rien.¹¹⁸ (MALEVAL, 2000: 118)

A partir da exposição realizada por Wolfson, Maleval explica que o sujeito se sente ameaçado na integridade de seu funcionamento, ou seja, ele se exprime confuso diante de seu funcionamento peculiar de linguagem. Todos esses elementos sustentarão a impossibilidade do sujeito em construir uma significação, ou seja, a possibilidade de comunicação tornar-se-a restrita, ocasionando o que comumente são chamados como problemas ou distúrbios de linguagem. Um momento posterior à considerada perplexidade inicial será a construção de um enigma: “pour designer un moment lors duquel le sujet éprouve la certitude d’être visé par une signification dont le sens lui est particulièrement énigmatique.” (MALEVAL, 2000: 103).¹¹⁹

Nos relatos de Wolfson, nota-se que há um sentido particularmente enigmático ao escolher os significantes que entrarão em sua operação de conversão, ou remanejamento de

¹¹⁶ Isso reflete a forclusão do Nome-do-Pai e o que ela implica, a saber, uma carência da função do significante unário (S1) a representar o sujeito com outros significantes. Tradução nossa.

¹¹⁷ “O falo seria o significante que instauraria a falta no sujeito, e, se não há Nome-do-Pai, não há o falo simbólico”. Tradução nossa.

¹¹⁸ “Quando Wolfson tenta se encontrar com uma prostituta, ele descreve de forma exemplar a ausência do imaginário fálico: o esquizofrênico, como ele qualifica a si mesmo, se encontraria subitamente saído da prostituta, sem ter encontrado qualquer alegria, qualquer prazer, entre os lábios de sua vulva ou de sua vagina, que segundo ele parecia um pouco como um verdadeiro vazio, como um nada”. Tradução nossa.

¹¹⁹ “Por designar um momento em que o sujeito vivencia a certeza de ser concebido por uma significação, cujo sentido é particularmente enigmático”. Tradução nossa.

significantes. Na perspectiva de Maleval, há uma significação enigmática provada pelo sujeito, movida por uma dada certeza, o que seria propriamente uma construção delirante, ou seja, o enigma, para o sujeito, seria o delírio produzido por ele próprio. Os relatos de Wolfson, principalmente o relato anterior, no qual ele tenta escapar do signo *men*, parecem constituir o início de uma construção delirante, que aparece devido à carência de um significante paterno, sendo ela constituída por um enigma, ou seja, o sujeito não sabe, inicialmente, porque seleciona determinado elemento do sistema e não outros, e qual o motivo do procedimento regido por ele.

Contudo, o que se percebe é que não há um delírio propriamente dito, ou seja, não há uma sistematização do delírio, pois Wolfson prevalece nos deslizamentos de significantes contínuos e não chega a constituir, a partir deles, uma reconstrução da realidade, que é própria do delírio.

Wolfson relata durante todo o livro ser invadido por uma língua que lhe feria o espírito, algo que ele mesmo não poderia controlar. Para tanto, ele criava alternativas, processos de construção de um tamponamento para a ruptura que se instaurava com a invasão desta língua. Nossa hipótese se apoia nas reflexões de Maleval, as quais estabelecem que, a partir da forclusão do Nome-do-Pai, há um deslocamento do gozo e, portanto, uma invasão do mesmo no sujeito, devido à ausência de uma barra reguladora.

Sobre o processo de construção do delírio, Maleval explica que P0 seria o delírio em estado inicial, quando o sujeito se encontra na fase inicial de encubação, ou seja, da descoberta. Além disso, ele é confrontado a elaborar uma resposta ao enigma inicial, uma sistematização do delírio:

[...] les sujets dont la perplexité se confronte lors de P0 à une question précise, formulable, quand Il s'agit d'élaborer une réponse à l'énigme initiale, se trouvent dans une position plus favorable que ceux dont la perplexité ne trouve pas à resserrer sur un point précis, de sorte qu'ils s'avèrent plus aptes à s'engager dans les développements de la logique du delire. (MALEVAL, 2000: 108)¹²⁰.

¹²⁰ “Os sujeitos cuja perplexidade se confrontam diante de P0 a uma questão precisa, formulável, quando se trata de elaborar uma resposta para o enigma inicial, estão em uma posição melhor do que aqueles cuja perplexidade não procura se apertar em um ponto preciso, de maneira que eles se mostram mais aptos a se engajar no desenvolvimento da lógica do delírio”. Tradução nossa.

A posição p0 de Wolfson parece ser quando o autor se depara com a língua inglesa, pois, a partir daí, toda uma elaboração delirante é construída, constituída por traços próprios do sujeito, seja a defesa contra a voz da mãe, os processos de conversão ou a busca por outras línguas. Todos esses traços, que compõem uma elaboração delirante, são constituintes de um todo, ou seja, toda sua obra parece ser sua construção delirante, mas tais traços parecem integrar um outro momento da elaboração, nomeado por Maleval como sistematização do delírio; o sujeito poderá então desenvolver seu delírio, constituindo sua lógica de funcionamento.

Maleval explica que o sujeito, durante a fase de ruptura da cadeia significante, passará por um momento de desinvestimento na linguagem, que ausentará qualquer possibilidade de se fazer advir uma perplexidade angustiante e que poderá liberar o gozo num corpo incontável. Em outras palavras, se não houver um investimento na linguagem, o sujeito ficará preso à invasão gozosa, sem poder se defender de tal invasão. Assim, nota-se que a reconstrução do sistema de linguagem será fundamental para uma reestabilização do sujeito. O delírio será uma possibilidade de regulação do gozo: “Il (le delire) tende vers l’identification de la jouissance dans l’Autre”¹²¹ (MALEVAL, 2000: 129). Wolfson parece continuar sendo invadido pelo gozo, sem que haja qualquer barra de limitação para que isso não aconteça.

Na fase chamada por Maleval como P1, há uma mobilização do significante, ou seja, uma tentativa de ressignificação da cadeia, ou seja, para haver uma reestabilização do sujeito, movida por uma construção delirante, será necessária a presença de um material significante: como aponta Maleval: “Bien que le sujet dispose déjà d’un matériel signifiant suffisant pour élaborer une construction delirante, Il n’est pas encore apte à identifier la jouissance dans le champ de l’Autre, de sorte que ses interprétations ne trouvent pas à s’organiser à partir d’un foyer.”¹²² (MALEVAL, 2000: 134). Nessa fase, o sujeito ainda não consegue reconhecer o gozo, e ainda não conseguirá se organizar em torno dele, para impedir a invasão provocada pela desregulação.

Assim, parece que a passagem de p0 a p1, na perspectiva de Maleval, envolve toda uma construção encadeada pelo sujeito. No caso de Wolfson, analisando suas produções de

¹²¹ “Ele (o delírio) versa sobre a identificação do gozo do Outro”. Tradução nossa.

¹²² “Embora o assunto disponha de um material significante suficiente para desenvolver uma construção delirante, não é ainda capaz de identificar como participante no campo do Outro, de modo que suas interpretações não são apenas organizadas a partir de um lugar.” Tradução nossa.

modo isolado, parece-nos que o autor não consegue sair do ponto no qual o sujeito deve ressignificar a cadeia. Durante seus processos de conversão, ele apenas utiliza-se de processos metonímicos para provocar um deslocamento nos elementos da cadeia, sem que haja uma reestabilização e uma sistematização, que seriam outras etapas necessárias para a construção de um delírio propriamente dito. Mas não podemos afirmar que Wolfson não delira, pois ele inicia processos de construção delirante, notados em seus relatos de momentos específicos. Portanto, pode-se concluir que a lógica do delírio se apresenta em seu funcionamento, no entanto, o trabalho do delírio parece não se concretizar à medida em que ele tenta escapar da língua inglesa.

Desse modo, parece-nos que Wolfson exerce todas as fases descritas por Maleval como componentes da lógica de articulação do delírio. Contudo, elas parecem não se concretizar, inicia-se logo um trabalho de desmantelamento da cadeia. Todo o seu trabalho de articulação da lógica delirante parece compor uma construção delirante, que se apresenta através de um único elemento, o livro redigido pelo autor.

O livro é uma tentativa de reconstrução contínua da cadeia significativa, é nele que todos os processos estão encadeados para um possível trabalho de reconstrução do sujeito. Nesse caso, o livro de Wolfson compõe seu delírio, e, por isso, é difícil reconhecer momentos isolados de construção delirante, bem como as fases de elaboração delirante descritas por Maleval. O livro, para Wolfson, é sua tentativa de cura e sobrevivência.

Conclusão

Nosso objetivo principal com este trabalho foi analisar a produção de Louis Wolfson, destacando dois aspectos principais: sua relação com as várias línguas e sua recusa dos sons da língua ensinada pela mãe. Para chegarmos à análise dos relatos do autor, investigamos aspectos da teoria psicanalítica proposta por Freud e, posteriormente, Lacan, e da teoria linguística, proposta por Ferdinand Saussure, que permitiram uma articulação entre os dois campos de estudo.

Nosso ponto principal de investigação foi o delírio em sua relação com a linguagem, ou seja, investigamos a lógica de funcionamento do delírio, bem como sua relação com o significante, pois é a partir de uma relação mantida com o significante que o delírio pode se apresentar. Para tanto, analisamos o funcionamento da língua a partir da relação entre os elementos internos do sistema, como signo, significante, significado; mecanismos de movimentação dos elementos da língua, como as relações sintagmáticas e associativas e a teoria do valor. Todos os conceitos, oriundos do campo da linguística, foram necessários a uma análise de um funcionamento linguageiro, para que pudéssemos destacar a especificidade de tais mecanismos na psicose.

Para que chegássemos à compreensão do delírio, abordamos a diferenciação entre a neurose e a psicose a partir da teoria freudiana, para que, a partir dessa diferenciação, pudéssemos distinguir os mecanismos de funcionamento de cada estrutura, diferenciação decorrente do modo de inscrição do sujeito no campo da linguagem.

Desse modo, analisamos os conceitos de recalque e foraclusão, propostos inicialmente por Freud, a relação com a realidade para cada estrutura e a relação com a cadeia significante proposta por Lacan. Cada um dos conceitos se relacionava indiretamente ao delírio, a primeira, com a foraclusão sendo a origem da produção delirante, a segunda, o ponto principal de ação do delírio, um remodelamento da realidade, e a terceira, estruturada na psicose com uma carência do significante paterno, sendo o delírio o principal mecanismo de tamponamento desta carência.

Sendo assim, analisamos os conceitos de Nome-do-Pai, propostos na teoria lacaniana e foraclusão do Nome-do-Pai. A partir da compreensão de tais conceitos, compreendemos que, na psicose, a elaboração do delírio é proveniente desses mecanismos. Então, investigamos as

fases de elaboração do delírio a partir do estudo do livro *Logique du délire* de Jean Claude Maleval, que realiza uma releitura das obras de Freud e Lacan. A partir da análise das fases de elaboração do delírio, pudemos compreender se havia uma produção delirante nos relatos de Wolfson, que, à primeira vista, pareciam ser inexistentes.

Primeiramente, analisamos vários fragmentos dos relatos do autor, objetivando reconhecer um funcionamento de língua específico, e ainda sua relação peculiar com os significantes, movidos por uma forclusão do Nome-do-Pai e uma relação de recusa ao desejo materno e, portanto, à língua ensinada por sua mãe.

A partir daí percebemos que o ponto inicial de sua elaboração delirante seria sua recusa aos sons da língua materna, seguida da tentativa de destruição desta língua. A partir da tentativa de destruição da língua inglesa, por meio das inúmeras alternativas criadas pelo moço esquizofrênico, os elementos de elaboração delirante iam, aos poucos, se organizando, até que o autor pudesse criar uma forma de suportar a invasão da língua inglesa; uma das alternativas era a fuga para outras línguas.

Contudo, mesmo elegendo alguns fragmentos que pudessem ser analisados, é importante observar que toda sua produção parece compor uma construção delirante, pois seu livro todo é composto por descrições, do autor, de momentos que sugerem as fases de construção delirante, sendo a primeira fase aquela em que o sujeito ainda não sabe sobre seu delírio, mas se depara com ele a partir de uma desestabilização, ou ruptura, da cadeia significativa. Na segunda fase, o livro descreve os elementos dos quais o autor se utilizava para construir o delírio, inicia-se uma organização dessa elaboração, escreve-se sobre as várias línguas que poderiam auxiliá-lo, bem como outras alternativas, como rádios ou até mesmo as mãos para não fazê-lo ouvir a língua, fazendo recusa e tentando tamponar uma língua ensinada pela mãe, a língua inglesa. Posteriormente, o sujeito sistematiza seu delírio, significa-o, produz-se um livro em língua francesa, inteiro, uma língua desconhecida pelo autor, aparentemente todo articulado, para se refugiar da angústia de uma língua invasiva. Assim, sua construção delirante foi produzida, e, a partir de pequenos fragmentos, uma elaboração delirante completa se estruturou, apresentando sua lógica, uma lógica carregada de traços próprios do sujeito.

Referências

- AULAGNIER, P. *Um intérprete em busca de sentido*, São Paulo: Escuta, 1990.
- DE LEMOS, C. T. G. Poética e significante. *Revista Letras e Letras*, Uberlândia/MG, p. 207 a 218, jan./jun. 2009.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas de Freud (1900): A interpretação dos sonhos*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Obras completas de Freud (1901): Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. *Obras completas de Freud (1910): Cinco lições de Psicanálise*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Obras completas de Freud (1911): Notas psicanalíticas sobre um relato auto biográfico de um caso de paranoia (Dementia paranoides)*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Obras completas de Freud (1913): Totem e tabu e outros trabalhos*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Obras completas de Freud (1924): A Perda da realidade na Neurose e na Psicose*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Obras completas de Freud (1914): A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GENEROSO, C. M. O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano. *Agora*. Rio de Janeiro, v. XI, n. 2 jul/dez 2008, p. 267-281.
- HARRARI, A. *Clínica Lacaniana da psicose: de Clérambault à inconsistência do Outro*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- JAKOBSON, R. (1969) *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.
- JULIEN, P. *As psicoses*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- KAUFFMAN, P. *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- LACAN, J. *O Seminário, Livro 3: As psicoses* (1953/1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Seminário 4: A relação de objeto* (1956/1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. Radiofonia (1970). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MALEVAL, J. C. *La Logique du Délire*. Paris: Editeur Masson, Collection Ouvertures psychologiques, 2000.
- NASIO, J. D. *Grandes casos de Psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NOVAES, M. *Os dizeres na esquizofrenia: uma cartola sem fundo*. São Paulo: Escuta, 1996.
- PICARDI, F. D. *Linguagem e Esquizofrenia: na fronteira do sentido*. Campinas/SP: Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.
- PORGE, E. *Os Nomes do Pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- QUIINET, A. *Teoria e Clínica da Psicose*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ROUDINESCO, E. e Plom, D. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SALZANO, M. R. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Tese de doutorado, 1999, IEL, Unicamp.
- SILVEIRA, E. A Linguística no seminário das Psicoses. *Literal: Revista da Escola de Psicanálise de Campinas*, 2002.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- SILVEIRA, E. M. Teoria do valor no Curso de Linguística Geral, *Revista Letras e Letras*, Uberlândia/MG, jan./jun. 2009.
- SOFIA, E. Sur le concept de valeur pure. *Revista Letras e Letras*, Uberlândia/MG, p. 13-38, jan./jun. 2009.

TOUTAIN, A. G. Valeur et Fonctionnement: nouveauté, enjeux et fécondité de la définition saussurienne de la langue ou de l'actualité scientifique de Saussure. *Revista Letras e Letras*, Uberlândia/MG, p.177-198, jan./jun. 2009.